12,00

José Rizzo
Sorocaba 16-12-907

# MANUAL

DA

# SCIÈNCIA DA LINGUAGEM

Collecção SCIENCIAS E ARTES — I

410
G862m

# MANUAL

DA

# SCIÊNCIA DA LINGUAGEM

POR

GIÁCOMO DE GREGÓRIO

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE PALERMO

*Traduzido do italiano por* **CANDIDO DE FIGUEIREDO**

Jacom

LISBOA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES

5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1903

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica,

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

THE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

# NÓTULA PRÉVIA

Não obstante as tentivas e os trabalhos effectivos de alguns raros linguïstas nossos, faltam entre nós publicações originaes, que exponham o conjunto da sciência da linguagem e registem expressamente os progressos e os mais notáveis descobrimentos da glottologia.

Pareceu-me pois que a apresentação e vulgarização de um livro *manual* sôbre aquella sciência preencheria uma lacuna em o nosso mercado literário e deveria lograr a aceitação dos estudiosos, se o livro exhibisse títulos de recommendação.

A *Glottologia* e outros trabalhos de Adolfo Coêlho iniciaram talvêz entre nós o estado da sciência da linguagem; mas o ensaio do douto professôr, àlém de rudimentar como convinha a escolas secundárias, acos-

ta-se especialmente á língua portuguêsa, sendo portanto mais filológico que glottológico.

Embora êstes caracteres se avizinhem e se entrelacem na maioria dos estudos lingüísticos, julgo que a obra do illustre professôr da Universidade de Palermo, Giácomo de Gregório, comprehende, em pequeno tomo, os princípios e os factos geraes da sciência, sem grandes minudências filológicas, e que, trasladada para a nossa língua, constitue um bom livro para os nossos estudiosos, que desconhêçam o italiano.

Traduzindo a *Glottologia* do sábio professôr, não me reconheci com direitos para lhe alterar a doutrina por qualquer fórma, nem sequer para suscitar dúvidas onde quere que o texto se me figurasse menos claro, sobretudo pela razão de que o autôr, geralmente, não desce a minúcias, em que as divergências poderiam sêr sensiveis, antes se mantém na esfera elevada das generalidades, que a sciência tornou quase indiscutíveis; mas dêvo confessar que, sem modificar a doutrina da obra, tive, uma vêz ou outra, de lhe modificar ou restringir a fórma.

Como a linguagem do autôr se desvia, a revêzes, do italiano corrente, resentindo-se talvêz do dialecto siciliano, a exposição, no original, nem sempre é tão clara que facilite a tradução literal, e aconteceu que, de longe em longe, tive de revestir de palavras

minhas a ideia do original, para mais fácil percepção della.

Também não tomei em grande conta várias referências a vários dialectos italianos, visto que essas referências não alteram as leis geraes, e interessam privativamente aos estudiosos da Itália, onde melhor poderão sêr comprehendidas e avaliadas.

Como o autôr sabe muito, e a sciência lhe ocorre a propósito de qualquer facto, perpetrou, de onde em onde, a culpa venial da repetição de doutrinas e commentários, repetição que eu mondei, como avêssa a um livro manual, e dispensável para qualquer leitôr attento.

Feitas estas confissões, aconselhadas pela lealdade literária, tenho sincera satisfação em vertêr para linguagem nossa o valiôso e oportuno compêndio do laureado professôr italiano.

*Lisbôa, 1902, dezembro.*

Candido de Figueiredo.

# PREFÁCIO

A sciência da linguagem é já agora tão vasta, que condensar-lhe os resultados num livro, ou lançar ao menos os olhos sôbre todas as suas partes, parecerá ousadia que toca as raias da impossibilidade.

Entretanto, se fixarmos a vista nos seus pontos salientes, ou se acompanharmos as linhas exteriôres que lhe determinam a fórma, facilmente formaremos ideia da matéria, e até melhor, do que se quiséssemos aprofundar apenas uma parte, ou relancear os olhos fugitivamente por cada uma de todas as partes daquella sciência.

Quanto a êste último processo, todos reconhecerão que é impraticável, salvo quando se pretenda redigir uma verdadeira enciclopedia. O método de escolhêr uma só parte da sciência, e de a desenvolvêr com sufficiente larguêza, poderão alguns julgá-lo plausível.

E indubitavelmente assim o consideram os especialistas, para os quaes a *Glottologia* é sinónimo de *Grammática comparativa ariana* ou de qualquer outro ramo de sciência, que constitua o objecto exclusivo dos seus estudos.

Mas o maior número será da nossa opinião, que é: para vulgarizarmos, em obra pouco volumosa, os princípios da Glottologia, o melhor meio é tratarmos primeiramente do desenvolvimento histórico, e depois, querendo que avultem os resultados, insistir especialmente naquêlles ramos da sciência, que já vingaram em mais seguros e importantes frutos, ou que despertam maior interesse.

Pois que a Glottologia se póde dividir em três grandes partes, a *fisiológica*, a *psicológica* e a *histórica*, — como se verá no § 5 do capítulo I, — procuraremos pôr em relevo os pontos capitaes dessas divisões, apresentando um estudo mais minucioso daquellas partes em que não há divergência de opiniões, e daquellas que se nos não deparam, já tratadas largamente em qualquer livro ao alcance de todos.

E, assim, apenas destinamos alguns parágrafos á parte psicológica, visto que já são conhecidos, e mais que bastantes ao nosso escopo, obras que tratam especialmente de questões psicò-glótticas, como são algumas de Max-Müller e de Dwight Whitney.

Em compensação, dedicaremos capitulo especial á parte fisiológica, que offerece noções seguras e não controvertidas, e que tem sido geralmente descurada nas escolas e nos compêndios; bem como consagraremos um capitulo final á classificação e descrição das línguas, matéria que qualquer leitôr certamente exìgirá num livro de Glottologia, destinado principalmente a diffundir noções instrutivas.

Procuraremos, em fim, que êste *Manual* encontre bôa acolhida entre quaesquer leitôres que desejam conhecêr alguma coisa do método empregado pela sciência da linguagem, das origens da própria linguagem, das fórmas concretas da mesma, isto é, do número e caracteristicos das línguas, e das relações naturaes que entre ellas há; e, mais particularmente, temos em mira prestar úteis subsídios aos que nas escolas superiôres se applicam ao estudo da sciência da linguagem. Partimos da ideia de que não tinhamos e precisávamos uma súmmula sistemática de leis fonéticas ou anológicas á cêrca da grammática indò-europeia, ao passo que os professôres, por attenção ao título da sua cadeira e pelas vantagens que ao ensino faculta o material sistemático e opulento desta parte da sciência, se viam obrigados a tratar, quase exclusivamente, dos assuntos que são parte daquella grammática ou que com ella se travam intimamente.

Muitos moços letrados, que obtiveram o bacharelado em lêtras, e sabem bosquejar a história das aspiradas das línguas clássicas ou a formação dos casos no osco e no úmbrico, e expôr as soluções dos mais difficeis problemas da fonologia e morfologia arianas, perguntarão a si próprios se os sons glótticos se formam pela corrente do ar aspirado ou expirado; a que tronco pertencerá uma língua conhecidíssima, como o lapão, ou quaes serão as relações de parentêsco entre o hollandês e o alemão; e, ignorando outras coisas, inda mais óbvias, mudarão de assunto, como se aquillo fôsse obstruso ou inútil. Algum haverá até, para quem taes questões não entram na *história comparada das línguas clássicas*... Mas poderão chamar-se glottólogos os que ignoram taes superficialidades, embora saibam enveredar por qualquer atalho das mais ousadas teorias?

Quanto ás notas bibliográficas, — que a alguns parecerão escassas, mas que a outros poderão parecer demasiadas, — cumpre advertir que citamos aquelles livros, que vem a propósito citar, e que de maneira nenhuma procuramos exhibir propositadamente uma bibliografia completa para cada um dos ramos da sciência que tratamos.

*Palermo, 17 de agôsto, 1895.*

G. De Gregorio.

# BIBLIOGRAFIA


Abel (C.) — *Einleit. i. e. ægypt.-semit.-indo-europäisch. Wurzelwörterbuch.*, Leipzig, 1885-87.
—*Koptische Untersuchungen*, Berlin, 1876.
—*Linguistic essays*, London, Trübner, 1882.

Adam (Luc.) — *Grammaire de la langue mandchou*, Paris, 1872.
—*Gramm. de la langue tongouse*, Paris, 1874.
—*Ésquisse d'une gramm. comparée des dialectes Crée et Chippeway*, 1876.
—*De l'harmonie des voyelles dans les langues ouralo-altaïques*, Paris, 1874.
—*Les classifications, l'objet, la methode, les conclusions de la linguistique*, Paris, Maisonneuve et M., 1882.

Adelung (J. C.)—*Mithridates, od. allgem. Sprachenkunde.* Mit Forts. v. S. Vater, Berlin, 1806-17.

Allen (H.)—*On a new method of recording the motions of the soft palate* (in *Trans. of the Coll. of physic. of Philad.*) III vol., Philadelphia, Blakiston, 1884.

Appleyard (W.) — *The Kafir language, compris, a sketch of its history, which includes a gen. classif. of South-Afr. dialects,* London, 1850.

Ascoli (G. I.) — *Studj critici*, 1 vol., Gorizia, Paternolli, 1861, 2 vol., Torino, Loescher, 1877.
— *Archivio Glottologico it.*, de que há já 13 volumes completos.
— *Supplementi periodici all'Arch. Glott. it.*, dedicati a indagini linguistiche estranee o non limitate al neolatino, ordinati da G. I. A. Ali se encontram importantes artigos do A. sôbre o céltico.
— *Lezioni di fonologia comparata del sanscrito, del greco e del latino*, date nella R. Acad. scient.-lett. di Milano, Torino, Loescher, 1870.
— *Lettere glottologiche.*

Aufrecht (S. Th.) u. Kirchhoff (A.) — *Die umbrischen Sprachdeukmäter*, Berlin, 1849-51.

Benfey (Th.) — *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deustschland*, München, 1869.

Bleek (W. H. I.) — *Ueber afrikanische Sprachverwandtschaft* in *Monatsbericht d. Berl. Gesellsch. f. Erdkunde*, 1853.
— *On the languages of West-and South-Africa* in *Tran. saction of philolog. society*, London, 1855.
— *The languages of Mozambique, vocabularies* etc., London, 1856.
— *Handbook of afric., austral. and polynes. Philology*, vol. I Africa, vol. II Australia and Polynesia, Cape Town, 1858-59.
— *Reynard the Fox in South-Africa, Hottentot fables and tales*, London, 1864.
— *A comparative Grammar of South-African languages*, London, Trübner, 1862-69.

— *Ueber den Ursprung der Sprache,* Weimar. Boehlau, 1868.

Boas (Franz.) — *Vocabularies of the Tlingit, Haida and Tsimschian languages,* Amer. Phil. Soc., 1892.

Böhtlingk (Ott.) u. Roth (Rod. — *Sanskrit Wörterbuch,* S. Petersburg, Buch. d. k. Ak. d. Wiss., 1855-75,

Bonapart (Prince Luc.) — *Observations sur le basque de Fontarabie et d'Irun,* 1877.
— *Rémarques sur certaines notes et cert. observat. de M. Vinson sur la gramm. de Ribary,* Londres, 1877.
— *Rémarques s. plus. assertions de M. Ab. Hovelacque,* Londres, 1876.

Bonghi (Rugg.) — *Scienza del linguaggio,* pp. 409-470, da obra «Le prime Armi» Bologna, Zanichelli, 1894.

Bopp (Fr.) — *Vergleichende Grammatik des Sanskr., Zend, Armen., Griech., Latein.* etc., *m. Generalregister* v. C. Arendt. Berlin, 1869-71.
(A tradução francêsa de M. Breal, Paris, Imprimerie imp. 1866-72, é sôbre a 2.ª edição).

Brinker (H.) — *Zur Sprachen-und Völkerkund der Bantuneger, und cerwand. Stämme Südwestafricas (Intern. Zeitsch.* etc. V. B. Heilbronn, 1889).

Brinton (Daniel G.) — *A Grammar of the Cakchiquel language of Guatemala* (in *Proceedings of the americ. philosoph. soc.,* an. 1881, vol. 21, pp. 345 segg).
— *On the lang. and ethn. position of the Xinca indians of Guatemala* (id. vol. 22. p. 89 segg).
— *The philosophic Grammar of amer. languages as set forth by With. von Humboldt* (ib. v. 22. p. 306 segg).

— *The verb in americ. languages* (ib. v. 22. p. 333 segg).
— *The language of palœolithic man* (ib. vol. 25. an. 1888, pp. 212-225).
— *The Library of aboriginal amer. literature*, Philadelphia, 1882-90.

Broscet (M.) — *Eléments de la langue géorgienne*, Paris, 1837.

Brugmann (K.) — *Grundriss d. vergleich. Grammatik d. indogerm. Sprachen.*, Strassburg, 1886-92.
— *Indogermanische Lautlehre, besonders Vocalismus*, Leipzig, 1881-82.

Brugsch (H.) — *Grammaire démotique, cont. les principes gén. d. la lang. et de l'écrit. pop. des anç. Égyptiens*, Berlin, 1885.
— *Hieroglyphisch-demot. Wörterbuch m. Erkl. d. Wörter in franz.* etc. *u. Angabe ihrer Verwandtschaft m. d. kopt. u. semit. Idiomen*, Leipzig, 1868-82.

Burnouf (Eug.) — *Commentaire sur le* Yaçna, Paris, 1833.

Busch (C. A.) — *Specimen doctrinæ de coptica lingua præpos. ac particulis*, Berol. 1859.

Caldwell (R.) — *A comparative Grammar of the Dravidian or South Indian languages*, London, 1875.

Camarda (Dem.) — *Saggio ed appendice al saggio di grammatologia comparata sulla lingua albanese*, Livorno, Vignozzi 1864,, e Prato, Alberghetti 1866.

Cannecattim (B. M.) — *Diccionario da lingua Bunda ou Angolense, explicada na Portuguesa e Latina*, Lisboa, na Impress. Regia, 1804.
— *Colleção de Observações grammat. sobre a lingua Bunda*, Lisboa, 1805.

Castren (M. A.) — *Grammatik der samojedischen Sprachen hrsg.* v. A. Schiefner, Petersburg, 1854.

Charencey (comte de H.) — *Mélanges sur la langue basque*, 1879.
— *La langue basque et les idiomes de l'Oural*, Paris, 1862.

Clarke (H.) — *Memoir on the comparative gramm. of Egyptien, Coptic and Ude*, London, 1873.

Cordenons (F.) — *Un po' di luce sulle origini dell'idioma e sistema di scrittura degli Euganei veneti*, Venezia, 1894.

Corssen (W.). — *Ueber die Sprache der Etrusker*, Leipzig, 1874-75.

Curtius (G.) — *Zur Chronologie der indogermanischen Sprachforschung*, Leipzig, 1873.
— *Grundzüge der griechischen Etymologie*, Leipzig, B. G. Teubner, 1879.

Cust (Rob. Need.) — *A sketch of the modern languages of Africa*, London, Trübner, 1883.
— *Le religioni e le lingue dell'India inglese*, trad. da Ang. De Gubernatis, Milano, Hoepli, 1882.

D'Abbadie et Chaho — *Études grammaticales sur la langue euskarienne*, 1836.

Deecke (W.), Pauli (C.), u. Bugge (S.) — *Etruskische Forschungen*, Stuttg. Gött., 1875-84.

De Gregorio (Giac.) — *Glottologia Bantu*, Torino, Loescher, 1882.
— *Appunti di fonologia siciliana*, Palermo, Clausen, 1886.
— *Saggio di fonetica siciliana*, Palermo, 1890.

De Gubernatis (Ang.) — *Giornale della Società asiatica italiana*, Firenze.

De La Calle (Ant.) — *La Glossologie, essai sur la science expér. du lang.*, Paris, Maisonneuve, 1881. 1e Pe.

De La Grasserie (R.) — *De la classification des langues* (*Int. Zeitsch.* IV e V, 1890).

Delbrück (B.) — *Introduzione allo studio della scienza del linguaggio*, trad. d. Pietro Merlo, Torino, Loescher, 1881.

Delitzsch (Fr.) — *Studien über indo-german.-semitische Wurzelverwandtschaft*, Leipzig, 1873.

De Meyer (G. H.) — *Les organes de la parole et leur emploi pour la formation des sons du lang.*, trad. p. O. Claveau, Paris, F. Alcan, 1885.

Dietenbach (L.) — *Lexicon comparativum linguarum indogerman. Vergleich, Wörterb. der gothisch. Spr.*, Frankfurt, 1851.

— *Celtica, sprachlich. Docum. zur. Geschichte der Kelten*, Stuttgart, 1839-40.

Donner (O.) — *Vergleich. Wörterbuch der finnisch-ugrischen Sprachen*, Helsingfors, 1876-88.

— *Die gegenseitige Verwandtschaft der finnisch-ugrischen Sprachen*, Helsingfors, 1879.

D'Ovidio (F.), v. Whitney.

— *Scoglio, maglia, veglia*, etc., in Arch. Glott., vol. XIII, 1892-94.

Edkins (Joseph.) — *On the chinese colloquial lang., com-*

*monly called the mandarin dialect*, Shanghai, 1857, 2ª ed. 1864.
— *Vocabulary of the Shanghai dialect*, 1869.
— *Grammar of colloq. Chin. as exhib. in the Shanghai dial.*, 2ª ed. 1868.
— *Origin of chinese words in natural sounds* (*Int. Zeit.* B. III. 1887.

Ewald (H.)—*Abhandlung über d. Bau d. Thatwörter im Koptischen*, 1861.
— *Sprachwissenschaftliche Abhandlungen*, Gött. u. Berlin, 1861-70.
— *Ausführliches Lehrbuch der hebräischen Spr.* Göttingen, 1870.
Favre (l'abbé P.)—*Grammaire de la langue malaise*, Vienne, 1876.

Fick (Aug.)—*Etymologische Beiträge*, Göttingen, 1871.
— *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas*, 1873.
— *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, Göttingen, Huth, 1874-76, 3ª ed.

Froberville—*Rapport sur les races negres de l'Afrique orient. au sud de l'Equat.*, Paris, 1850.

Fumi (F. Gh.)— *Avviamento allo studio del sanscrito*, Milano, Hoepli, 1892.
— *Glottologia e Preistoria*, Palermo, tip. Statuto, 1884.
— *La Glottologia e i Neogrammatici* (in Giornale napolet. di Filosofia e Lettere), Napoli, Perrotti, 1881.

Geiger (Laz.)—*Der Ursprung der Sprache*, Stuttgart, 1869.

Gesenius (W.)—*Hebräische Gramm, hrsg.* v. E. Kautsch, Leipzig, 1878.

— *Thesaurus philolog. crit. linguæ hebrœæ et chaldœæ*, Lipz. 1829-58.

Giacomino (C.) — *Delle relazioni tra il basco e l'egizio* (in Arch. Glott. it., Suppl. per. 2ª disp.) 1895.

Grimm (Iak.) — *Ueber den Ursprung der Sprache*, Berlim. Dümmler, 1852.

Grout — *The Zulu and others Dialects*, (in Journal of the Americ. orient. Soc., I vol.).

Grunzel (Jos.) — *Zur phonetic der altaischen Sprachen. Gesetze ihrer Vocal-und Konsonantenharmonie* (*Int. Zeitschr.* V. B., 1889).

Guidi (Ign.) — *Sulle reduplicazioni delle consonanti amariche* (in Arch. Glott. it., Supplem. period. 2ª disp., Torino, Loescher, 1895).
— *Grammatica elem. della lingua amariña*, Roma, 1892.
— *Sulle coniugazioni del verbo amarico* (in *Zeitsch. f. assyriolog. u. verwand. Gebiete* v. D. Bezold, 1893).

Gumprecht — *Ueber den grossen südafrik Volks-und Sprachstamm* (nos Monats. d. Gesell. f. Erdk. i. Berl., Neu. Folg. Sechst. B., Mai 1848-49) Berlin, 1850.

Hehn (Vict.) — *Culturpflanzen und Haustiere in ihrem Uebergang von Asien nach Griechenland u. It., hist, linguist. Skizz.*, Berlin, 1870-83.

Heise — *System der Sprachwissensch.*, Berlin, 1856.

Helbig (Wol.) — *Die Italiker in der Poebene, Beitr. z. altitalischen Cultur und Kunstgeschichte.*

Hervas (Lor.) y Pandura — *Origine, formaz. meccan. ed armonia deg i idiomi,* Cesena, 1785 (Milano. Hoepli).
— *Catalogo delle lingue conosciute* ecc., Cesena, 1784.
— *Vocabolario poligloto,* con prolegomeni sopra piu di 150 lingue, Ib. 1787.

Hovelacque (Ab.) — *Grammaire de la lang. zende,* Paris, 1878.
— *La linguistique,* Paris, C. Reinwald, 1877.

Humboldt (W. v.) — *Ueber die Verschiedenheit d. menschl. Sprachbaues* etc. *Mit Anmerkungen* etc. *von* A. F. Pott, Berlin, 1876.

Inama (Vig.) — *Filologia classica, greca e latina,* Milano, Hoepli, 1894.

Judas — *Étude demonstr. d. la lang. phénicienne et de la lang. libyque,* Paris, 1847.
— *Nouvelles ét. s. une série d'inscriptions numido-puniques,* Paris, 1857.

Jülg — *Litteratur der Grammatik. Lexic. u. Wörtersammlungen,* Berlin, 1847.

Justi (Ferd.) — *Handbuch d. Zendsprache,* Leipz. 1864.

Kerbaker (M.) — *La filologia comparata e la filologia classica,* Napoli, 1875.
— *Saturno Savitar e la leggenda dell'età d'oro,* Napoli, Tip. d. R. Univ., 1890.

Kingsley (Norman W.) — *Illustrations of the articulations of the tongue* (in *Inter. Zeit. f. all. Sprachw.* III B. 1885).

Klaproth (J.)— *Vocabulaire et gramm. d. l. lang. géorgienne*, Paris, 1826.

Koch (Fr.) — *Historische Gramm. d. englischen Spr.*, Weimar, 1863.

Koelle — *Polyglota africana*, London, Trübner, 1856.

Lacombe — *Dictionn et gramm. d. l. lang. des Crées*, Montreal, 1874.

Latham — *Élements of compar. philology*, 1862.

Lenormant — *Études accadiennes* (nas *Lettr. assyriolog.*), 1873.

Lepsius (R.) — *Nubische Gramm. m. ein. Einleit. ü. die Völker u. Sprach. Afrikas*, Berlin, Hertz, 1880.
—*Standard Alphabet*, London, Norgate, 1863.

Lersch (L.) — *Sprachphilos. der Altem*, 1840.

Levy-Bing. (L.) — *La linguistique dévoilée*, Paris, F. Vieweg, 1883.

Loeve (L.) — *A diction. of circassian lang.*, London, 1854.

Ludwig (H. E.) — *The liter. of Americ. aborig. languages w. add. and correct. b.* W. Turner, London, 1859.

Marre de Marin — *Grammaire de la langue malgache*, Paris, Maisonneuve, 1876.

Maspero (G.) — *Des formes de la conjugaison en egypt., en démotique et en copte*, Paris, 1871.

Merlo (P.) — *Saggi glottologici e letterari*, raccolti dal Prof.

Fel. Ramorino e preceduti da un'introduzione biografica del Prof. T. L. Pullé, Milano, Hoepli, 1890, 2° vol.

Meyer (Gust.) — *Zur Geschichte der indogerman. Stammbildung und Declinat.*, Leipz. 1875.

Meyer Leo — *Vergleichende Gramm. der griech. und latein. Sprache*, Berlin, 1861-65.

Miklosich — *Vergleichende Grammat. der slavischen Sprachen*, Wien, 1852-56.
— *Ueber die Mundarten u. d. Wanderung der Zigeuner Europa's* Wien, 1873.

Möbius (Th.) — *Dänische Formenlehre*, Kiel, 1871.

Mohl — *Firdousi*, le livre des rois publ. en pers. avec une trad. franç., Paris 1838.

Müller (Max) — *Letture sopra la scienza del linguaggio*, trad. da Gh. Nerucci, Milano, Daelli, 1874.
— *Nuove Letture* etc., Milano, Treves 1870-71.
— *On the Dhâtupâtha* (in *Int. Zeit.* III B., 1887.

Müller (Frid.) — *Allgemeine Ethnographie*, Wien, 1879.
— *Grandriss der Sprachwissenschaft*, 1877.
— *Der Verbalausdruck im semitsch. Sprachkreise* (Sitzungsber. d. ph. hist. Cl. d. K. Akad. d. Wissensch. t. LX). Wien, 1868.
— *Afrikanisch Sprachen, Hottent. Bantu Spr. Hamitisch Sprachen* (Novara Expedition, ling. Theil.) Wien, 1867.

Nigra Cost — *Reliquie celtiche*, Torino, Loescher, 1872.

Pauli (K.) — *Altitalische Forschungen*, Leipzig, Barth, 1885.

Pezzi (Dom.) — *La lingua greca antica,* breve trattazione comp. e storica, Torino, 1888.
— *La Grecità non ionica nelle iscrizioni più antiche,* Torino, Loescher, 1883.
— *La Vita scientifica di Gior. Curtius,* Torino, Loescher, 1888.
— *Glottologia aria recentissima,* Torino, Loescher, 1877.
— *Compendio di Gramm. Comp.* (vej. Schleicher).

Pikering (J.) — *Ueber d. Indian. Sprachen Amerikas,* m. Anm v. Talvj, Leipz. 1834.

Pilling (J. C.) — *Bibliography of the Eskimo language,* Washington, 1887. — *Bibl. o. t. Siouan langg.,* Washington, 1887. — *Bibl. o. t. Iroquoian langg.,* Washing. 1888. — *Bibl. o. t. Muskhogean languages,* Washing. 1889. — *Bibl. o. t. Athapascan langg.,* Washing. 1892. — *Bibl. o. t. Chinook. language,* Washing. 1893. — *Bibl. o. t. Salishan langg.,* Washington, 1893.

Pinard (L.) — *Biblioth. de linguistique et d'éthn. américe.*

Ponceau (P. E.) — *Mémoire sur le système gramm. des langues d. quelques nat. ind. de l'Ameriq. d. Nord* (publ. p. J. B. Eyries), Paris, 1838.

Pott (A. F.) — *Etymol. Forschungen auf d. Gebiete d. indogerm. Sprachen,* Lemgo, 1833-36.
— *Einleitung in die allgemeine Sprachwissenschaft Int. Zeitsch. f. allgm. Sprachw.,* I), *Asien* (Id. II), *Africa* (Id. II), *Europa* (Suppl. I, Id. 1887), *America* (Id. III), *Australien* (Id. V, 1889.
Praetorius (F.) — *Zur Grammatik der Gallasprache,* Berlin, 1893.

Ramorino (Fel.) — *Delle attinenze tra le Scienze della Na-*

*tura e la filosofia, cont. gli ultimi risultati degli studi glottologici* ecc., Torino. Loescher, 1878. (vej. Merlo).

Regnaud (P.) — *Éléments de grammaire comparée du grec et du latin.* Pr. part. Phonétique, Paris, Armand Colin, 1895.

Renan (Er.) — *Histoire gén. et syst. comp. des lang. sém.* Paris, 1878,
— *De l'origine du langage,* Paris. M. Levy, 1859.

Ribary — *Essai sur la lang. basque*, trad. d. hongrois p. Vinson, 1877.

Ridley (W.) — *Kamilaroi, Dippie and Tarrubul language* etc.. Sydney, 1866.

Sayce (A. H.) — *Principes de philologie comparée,* trad. p. E. Jovy, Paris, Delagrave, 1893.

Schiefner (A.) — *Awarische Texte*, S. Petersb., 1873.
— *Ausfürl. Bericht ü. Bar.* P. von. Uslar's *kürinische Studien*, S. Petersb., 1873.

Schlegel (Fr.) — *Ueber d. Spr. u. Weish. der Indier*, Heidelberg, 1808.

Schleicher (Aug.) — *Compendio di Grammatica comparativa dello antico indiano, gr. ed id ital. e Lessico delle Radici ind. it. gr.* trad. e fatti percedere da una introduzione allo studio della scienza del ling. da Dom. Pezzi, Torino, 1869.
— *Die Deutsche Spr.,* Stuttgard, 1869.
— *Die Darwin'sch Theorie u. d. Sprachw.*, Weimar, 1863.
— *Ueber die Bedeutung der Sprache f. d. Naturgesch. d. Menchen*, Weimar, 1865.

Schott (W,) — *Chinesische Sprachlehre* etc., Berlin, 1857.
— *Zur Chin. Sprach.*, 1868.
— *Versuch über die tatarischen Sprachen*, Berlin, 1836.

Schmidt J(oh.) — *Zur Gesch. d. indogerm. Vocalismus*, Weimar 1875.

Schrader (O.) — *Sprachvergleichung und Urgeschichte, linguist. Beiträge zur Erforschung des indogerm. Altertums*, Iena, Costenoble, 1883.

Schroeder — *Die phoeniz. Sprache*, Halle, 1869.
— *Die Abstamm. der Chaldeer u. d. Ursitze der Semit.* (*Zeitsch. d. deut. morgenl. Gesell.*) Leipz. 1873.

Schwartze (M. G.) — *Koptische Gramm. hrsg.* v. H. Steinthal, Berlin. 1850.

Shea — *American linguistic*, London, 1863.

Spiegel (Fr.) — *Grammatik der Parsispr.*, Leipz., 1851.
— *Gramm. d. altbaktr. Spr.*, Leipz., 1867.
— *Die altpers. Keilinschriften im Grundtexte m. Uebersetz., Gramm. u. Gloss.*, Leipz., 1862.

Squier (E. G.) — *Monograph of authors who have writt. on the lagg. of Cent. America* etc., 1866.

Stamm — *Ulfila*, etc. *Text, Gramm. u. Wörterb.*, Paderborn, 1865.

Steinthal (H.) — *Characterist. d. hauptsächl. Typen des Sprachbaues*, Berlin, 1860.
— *Geschichte der Sprachwissensch. bei d. Griech, u. Röm.*, Berlin, Dümmler, 1863.
— *Der Ursprung der Sprache* etc., Berlin, 1858.

Stolz (Fr.) — *Historische Grammatik der latein. Sprache*, I. B. 1. Hälf., *Einleitung und Lautlehre*, Leipzig, B. G. Teubner, 1894.

Taylor (Is.) — *L'origine des Aryens et l'homme préhistorique*, trad. p. H. De Varigny, Paris, Battaille, 1895.

Techmer (Er.) — *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissensch.*, Leipzig, Barth. 1885, segg.
— *Analyse und Synthese der hörbaren Sprache* (*Inter. Zeitsch.* I B. 1 H.).

Teza (I.) — *Saggi inediti di lingue americane*, appunti bibliog., Pisa, 1868.

Vinson (J.) — *Essai d'une bibliographie de la langue basque*, Paris, 1891.

Wescke (M.) — *Untersuch. z. vergl. Gramm. des finnischen Sprachst.*, Leipzig, 1872.

Westergaard — *A brief outline of Zend gramm. comp. w. Sanskrit.* Bombay, 1863.
— *Radices linguæ sanscritæ*, Bonn, 1841.

Westphal (Rud.) — *Allgemeine Metrik der indogerm. und semit. Völker auf Grundlage der vergleichenden Sprachwissensch.* Berlin, Calvary, 1893.

Whitley Stokes — *Irish glosses*, Dublin. 1860.

Whitney (W. D. A.) — *La Vita e lo Sviluppo del linguaggio*, trad. da Fr. D'Ovidio, Milano. Dumolard, 1876.
— *A sanskrit grammar.* etc., Leipzig, Breitkopf u. Härtel, 1889.
— *The roots, verb forms and primary derivatives of the*

*Sansk. Lang. a supplement to his Sansk. gr.*, Boston, Ginn, pp. XIV, 250.

Wilson (I. L.) — *Comparative vocabulary of some of the princ. negro dial. of Africa* (Journal o. t. Am. orient. soc. I).

Zeuss — *Grammatica celtica* etc., *curavit* H. Ebel. Berlin. 68.

# MANUAL DA SCIÊNCIA DA LINGUAGEM

## CAPITULO I

### Noções fundamentaes

SUMMÁRIO: — Língua e linguagem. — Língua e dialecto. — Glottologia. — Sua definição. — Seu conteúdo. — A Grammática comparada. — Differença entre a glottologia e a filologia. — Se a glottologia é sciência natural ou histórica. — Seu método, base e importância.

§ 1. — Entendemos por *linguagem:* o complexo de sinaes oraes e audíveis, de que a humanidade se serve para representar e communicar ideias; e por língua: a fórma que a linguagem toma nos vários povos e nações.

Da definição se vê que os vocábulos *linguagem* e *língua* exprimem a mesma coisa, aquella genericamente e esta concretamente. Para nós, o vocábulo *linguagem* não designa o meio ou a faculdade de produzir a fala, mas unicamente o produto dessa faculdade.

Note-se todavia que se não deve dar àquelle vocá-

bulo significação muito genérica, como a de *sistema completo de expressões*. Com effetto, sabe-se que não sòmente os homens, nas muitíssimas espécies de animaes usam sinaes vários de expressões oraes, movimentos de partes do côrpo, contracções caracteristicas dos músculos faciaes, em conseqüência de dadas impressões; e é claro que, metafòricamente, taes sinaes se podem chamar linguagem. Deixemos porém a metáfora aos poétas, e não consideremos *linguagem* o encrespar da juba do leão ameaçadôr, o agitar da cauda do cão acariciado, os trejeitos e esgares dos macacos.

E veremos como é inexacto applicar o termo *linguagem* ás vozes dos animaes, inda que alguns autôres, por um suppôsto princípio scientífico, que revela completa ignorância da natureza da linguagem, pretendem, com o emprêgo daquella simples palavra, unificar dois factos diversíssimos: a producção de meros e uniformes sons audíveis, emittidos quase mecanicamente sob a influência de impressões ou sensações, e a consciente expressão de pensamentos, realizada por meio de sons, variamente produzidos e combinados.

Os brutos têm como nós, inda que só em parte, gestos, movimentos, modulações de voz. De tudo isso se occupa a fisiologia; mas a glottologia não se espraia tanto, que nella se confundam os brutos e a humanidade.

§ 2.—A palavra *lingua*, na sua essência, não exprime nada que divirja da expressão de *dialecto*, pois é: o complexo de sinaes oraes, de que um povo se serve, para representar os seus pensamentos.

E assim, para quem considera a *língua* pelo lado natural, o vocábulo *dialecto* seria mais próprio. A história effectivamente dá-nos a certêza absoluta de que as chamadas *línguas* não eram primitivamente senão fórmas de linguagem, usadas apenas numa pequena região. Por outro lado, os glottólogos têm observado que, nos idiomas, privados de literatura, dos povos incultos, se conservam vocábulos antiqüissimos, e que as transformações principaes são determinadas mais por influência do povo, que por influência dos doutos.

É verdade que os idiomas, dotados de literatura, estereotipada na fórma escrita, com o tempo se alteram menos do que os idiomas reduzidos á simples tradição oral. Mas isto não quere dizêr que os dialectos tenham haurido o seu material na literatura, e o hajam corrompido ou alterado. Êrro grave seria a admissão de tal ideia, e deve crêr-se, pelo contrário, e com plena segurança, que succedeu facto oppôsto.

A língua das nações não é, em sua origem, senão um dialecto falado numa restrita região. As condições sociaes, e o favôr dispensado a tal dialecto pelas classes mais elevadas e pela literatura, alargaram-lhe o uso e dêlle fizeram uma língua.

O italiano, por exemplo, era o dialecto da Toscana, o espanhol o dialecto de Castella, o francês o dialecto da Ilha-de-França, o árabe o dialecto coreichítico, o grêgo o dialecto áttico. Todos os mais dialectos daquellas nações ou daquêlles povos poderiam igualmente têr-se convertido em línguas nacionaes.

E, assim, a differença única entre *lingua* e *dialecto*

está em que a primeira indica um *dialecto*, escolhido convencionalmente pelos letrados como meio mais geral de expressão, ou, por assim dizer, em que a *língua* envolve um uso mais extenso.

§ 3. — A *glottologia* é uma das mais modernas sciências, e póde dizêr-se que nasceu nos princípios do século findo. O seu nome mais generalizado está sendo aquêlle, embora muitos a denominem *linguistica* ou *sciência da linguagem*.

Há também quem lhe dê outras denominações, como *filologia comparada*, *grammática comparada*, *história comparada das línguas*, mas não lhe são próprias. A primeira, effectivamente, faria crêr que a nossa sciência tem identidade de natureza e certa dependencia de outra sciência muito diversa, a *filologia*; a segunda serve apenas para designar um ramo particular da glottologia; e a última é nimiamente genérica.

Assim como na Inglaterra lhe dão o nome de *science of language*, e no alemão *allgemeine Sprachwissenschaft*, também poderemos adoptar a expressão *sciência da linguagem*.

*Linguistica* offerece talvêz um sentido mais genérico, visto que póde abrangêr qualquer *estudo sôbre as línguas*; e portanto só admittiríamos tal nome, sob a condição de o não considerarmos sinónimo de *estudo sôbre as línguas*.

§ 4. — A glottologia, ou sciência da linguagem, como todas as outras sciências, tem sua esfera pri-

vativa, que nenhuma outra sciência lhe póde contestar, e possue, àlém disso, um terreno, mais limitado, em commum com a fisiologia, por um lado, e com a antropologia, por outro.

Assim, a gênese material dos sons glótticos, e a origem da faculdade dêsses sons, ou, por outras palavras, a função da linguagem, podem ser tratadas num ramo daquellas sciências, e também na glottologia. Mas o estudo da linguagem, depois de esta começar a têr fórma orgânica na vida material, pertence exclusivamente á nossa sciência, dêsde os tempos mais remotos, ou pré-históricos, dos primeiros vagidos, até o estado presente dos nossos dialectos.

Por tanto, a *glottologia*, ou a *sciência da linguagem*, póde definir-se:

— *Complexo das observações sistemáticas sôbre a origem e desenvolvimento da linguagem, considerada tanto em abstracto como em concreto.*—

§ 5.—Para a devida orientação no vastíssimo campo da glottologia, e para se formar ideia do seu conteúdo e da sua extensão, póde servir o seguinte programma, estabelecido pelo ilustre F. Techmer[1], para delimitar, o campo da melhor revista periódica que, á cêrca do nosso assunto, se publica na Alemanha:

[1] *Internat. Zeitschr. f. allgem. Sprachwissensch.* 1 B., p. XIV e seg.

Significado, história, e método (indutivo) da sciência da linguagem. Classificação.

I—Parte fisiológica. (Relações com a antropologia).

1.—Impulsos de expressão acústica (fonética). Ramo físico. Anatomia, fisiologia, patologia de todo orgam oral e do ouvido. Perturbações de articulação. Surdòmutismo. Desdobramento fisiológico do som ou, antes, mutações de articulação, e essência do som em seus effeitos reaes.

2.—Impulsos de expressão óptica (gráfica). Fisiologia da mímica, dos gestos, (especialmente nos surdos-mudos). A escrita. Patologia da escrita. Modo de expressão por meio do tacto. A escrita dos cegos.

3.—Relações mútuas entre a expressão acústica e a expressão óptica. Processo da instrução dos surdos-mudos. A escrita independente do som, e na dependência do mesmo. Ortoépia e ortografia. Princípios de transcrição. Psïcòfísica.

II—Parte psicológica, (psíquica). Relações com a psicologia. Acção recíproca entre a linguagem e o espírito. Condições psicológicas e leis do desenvolvimento (produção e transformação) de:

1.— Articulação, e diversidade das articulações.

2.— Som, (psicologia e diversidade do som).

3.—Vogal, (sua definição).

4.— Palavra, (sematologia e transformações de significado).

5.— Proposição, (sintaxe comparativa, inclusivamente da linguagem dos surdos-mudos).

A isto corresponde a psicologia dos impulsos de expressão óptica.

Analogia. Importância da psíquica para a indagação ideológica. Contribuïções ideológicas, tanto mais para desejar, quanto é certo que esta parte tem sido até hoje

muito descurada *a priori*, tendo-se dado preferência á fisiológica e á histórica.

III — Parte histórica.

1.— Desenvolvimento filògenético da linguagem. Origem e desenvolvimento prèhistórico. A sciência da linguagem e o darvinismo. Relações com a mitologia. Desenvolvimento histórico. Método histórico comparativo. Relações com a etnografia. Significado de língua-filha e língua-impura, língua literária, família lingüística, língua nacional. Característica das línguas, nas suas variadas fases de desenvolvimento. Grammática e diccionário. Vestigios de relativos aperfeiçoamentos. Unidade e partes (valôr funcional dos elementos no discurso, na proposição, na palavra). Som. Notícia relatíva a línguas. Classificação das línguas; teoria fisiológica, (fonética), psicológica, histórica. Línguas dotadas de literatura, e não dotadas, vivas e mortas. Glottologia e filologia; paleontologia. As línguas vivas, e privadas de literatura, tomadas na máxima consideração. Utilidade que da glottologia advém ao ensino prático. Ampliação dos fundamentos indutivos, solicitada de todas as pessôas que estejam no caso de formar materiaes novos, como os missionários, os viajantes, os professores.

2.— Desenvolvimento ontológico da linguagem. Linguagem das crianças. Aprendizado da língua materna, (comparação com os diversos dialectos), e as línguas estrangeiras. Teoria do ensino das línguas. A linguagem e a humanidade. Ideias de uma língua e uma escrita universaes.

Embora parêçam numerosos todos êstes ramos do tronco da glottologia, outros ramos de estudo há inda, que podem brotar do mesmo tronco ou entretecêr-se com os ramos dêlle. Se a métrica, por exemplo, pudesse, no terreno comparativo, caminhar com igual

passo e chegar a transações mútuas com a glottologia, também a esta deveríamos attribuir uma parte musical[1].

§ 6. — Do transcrito programma e da definição da *glottologia* ou *sciência da linguagem*, infere-se claramente que esta sciência não se póde confundir com a *grammática comparada*, que é — *a análise comparativa de duas ou mais línguas, que se demonstra têrem provindo de uma fonte commum*[2].

Das partes da glottologia, a grammática comparada é a que adquiriu conformação mais doutrinal, do que resultou ser mais preferida na Itália, como ensino universitário. Note-se porém que outros ramos lingüísticos têm igual importância, não só quanto á riquêza dos materiaes, senão também quanto á sistematização scientífica; e é certo que, por mais elevada e mais ampla que seja a esfera da grammática comparada, esta, em todo caso, não constitue senão uma parte da glottologia.

*Elevada e ampla esfera*, dizemos, porque a grammática comparada não se limita a achar as leis das transformações dos sons, e a equïvalência que os sons de uma língua têm a outros sons das línguas affins; como se não limita a, mediante a comparação entre

---

[1] A êste respeito, é muito importante a obra de Rud. Westphal, *Allgem. Metrik der indog. u. semit.* Berlim, Calvary, 1893.

[2] Ascoli, *Lez. d. fonol. comp.*, pag. x e seg.

as várias falas, seccionar as palavras, separando as partes essenciaes e as adventícias das raizes: é levada, quase inevitavelmente, a investigar as razões históricas e fisiológicas dos factos concernentes á fonologia e á morfologia.

§ 7.— Da exposição do conteúdo da nossa sciência infere-se que ella tem realmente um campo distinto da filologia.

É privativo da glottologia o estudo da produção dos sons glótticos no orgam vocal, as investigações sôbre a origem da linguagem, o estudo das fases do desenvolvimento desta, os fenómenos geraes que as línguas apresentam, a classificação das línguas e, em geral, as observações e a doutrina, que se referem á linguagem, no seu sentido mais complexo.

Mas na parte em que ella se refere ás fórmas concretas da linguagem, isto é, ás línguas, há certos pontos de contacto entre as duas sciências.

E, de facto, a *filologia* tem por definição: *o estudo scientífico de uma língua e da respectiva literatura*; e, em quanto os conhecimentos *práticos* se não podem dizer *filológicos*, é certo que, por outro lado, mal se concebe o estudo scientifico, sem comparação. E não se diga que o filólogo estuda a língua como artista, e que o linguïsta a estuda scientificamente. O glottólogo nunca a estuda como artista, mas isto não impede que o filólogo possa estudar uma língua, como homem de sciência.

O contacto entre as duas disciplinas torna-se neces-

sariamente mais íntimo, com relação á fonética comparativa. Esta póde considerar-se terreno commum, quer se dê aos fenómenos fonéticos o valor de leis naturaes, quer se veja nêlles um facto histórico ou analógico.

A única differença que se poderá apontar entre o estudo fonético filológico e o estudo fonético glottológico, é que o primeiro se exerce num terreno mais recente e mais restrito. Mas, como se vê, não se póde traçar com segurança o limite, em que uma investigação de fonética comparada deixa de sêr filológica, para se tornar glottológica. A chamada *história comparada das línguas novi-latinas*, como também a *filologia clássica*, nas suas metódicas investigações de fonética, vão a final encontrar-se com a glottologia.

Mas é evidente que a parte dos conhecimentos históricos, literários, arqueológicos, etc., comprehendida na filologia, consoante o significado que esta palavra tem na Alemanha, e modernamente também na Itália, não entra de maneira nenhuma no campo da glottologia.

Esta estuda a linguagem, sempre comparativamente, e estuda-a nella e por ella, considerando-o como producção collectiva dos povos, e abstrahindo do emprêgo especial que della tenham feito os escritôres.

Se toma em consideração as obras literárias, é só com o fim de reünir documentos, ou apurar fases de desenvolvimento, ou verificar uma particularidade vernácula.

Pelo contrário, o filólogo examina um conteúdo, avalia-lhe o grau de originalidade, o merecimento artístico e estético, e patenteia o uso especial dos vocá-

bulos e das fórmas, bem como tudo que concerne ao labôr individual do escritôr.

Há na Alemanha cadeiras de *filologia românica*, e livros com titulo análogo, (como o *Grundriss der roman. Philologie* de Gröber, a *Enkiclopedie d. rom. Phil.* de Körting), que reúnem o estudo filológico e glottológico das línguas românicas. Mas isto só prova que duas sciências podem sêr cultivadas simultaneamente por duas pessôas; e é natural que as duas sciências, trabalhando no mesmo campo lingüístico, cheguem muitas vêzes a permutações e empréstimos recíprocos.

Como alludimos a dois ramos lingüísticos, importantíssimos para a nossa sciência, as línguas clássicas e as novi-latinas, advirta-se que, se a glottologia acha nellas o meio de firmar solidamente as suas indagações, não é por absoluta necessidade que ella o faz: é só por motivo da commodidade, e da facilidade de conferir os materiaes que tem de examinar. E, assim, a denominação de *história comparada das línguas clássicas e novi-latinas*, dêsde as cadeiras universitárias, devia ser substituida por *glottologia* ou *sciência* da *linguagem*.

É certo que taes ramos foram dos primeiros a sêr cultivados com êxito; mas muitos outros ramos o são hoje igualmente. Se é êrro confundir a glottologia com a filologia, não o é menor confundí-la com um dos ramos que lhe pertencem, mas que a não constituem no seu tôdo.

A glottologia nasceu no seio da filologia clássica, a qual lhe forneceu o primeiro material; mas, hoje, êste material não é o único.

Quanto ás línguas novi-latinas, formou-se em volta dellas uma disciplina especial, meramente filológica por um lado, e glottológica por outro. O desenvolvimento, independente e extraordinário, que ella tomou, obriga a considerá-la como sciência á parte, pôsto que, na parte lingüística, muito sobresáia pelo estudo unilateral de cada língua, chegando a amplas conclusões.

§ 8.—Ao investigarmos a naturêza da nossa sciência, uma pergunta nos occorre: — A glottologia pertence ás sciências naturaes ou históricas?

É claro que se não deve deixar sem solução êste problema, se bem que isso dependa do perfeito conhecimento da naturêza e da linguagem. Quanto aos pontos capitaes, parece que os doutos estão de acôrdo, embora a respeito de outros pontos haja inda certa discrepância de opiniões. Max Müller e W. D. Whitney são os que principalmente têm lutado nêste terreno.

O primeiro entende que a linguagem é necessária ao pensamento, que a linguagem é um dom natural e que tem um organismo governado por leis, independentes da vontade humana. Portanto, em sua opinião, a glottologia não é uma sciência histórica.

Ferrenho adversário de tal teoria, o professôr Whitney entendia que a linguagem não nasceu ao mesmo tempo que o pensamento, mas que foi criada pelos homens, como meio ou instrumento de se collocarem em relações recíprocas entre si; e sentenciava que não deve considerar-se homem de sciência quem faz da lingüística um ramo das sciências naturaes.

E contudo eminentes glottólogos têm sustentado opinião contrária, isto é, que a glottologia pertence ás sciências naturaes; tal é, entre os mais notáveis, Aug. Scleicher. Verdade é que êlles deram ao vocábulo *naturêza* sentido um tanto diverso daquêlle que lhe dava Max Müller.

Scleicher era sectário convicto da doutrina darviniana da evolução; nos fenómenos da linguagem só via numerosas confirmações daquella teoria, e applicava aos estudos lingüísticos o mesmo método experimental das sciências da naturêza.

Este modo de vêr é adoptado por muitos glottólogos e antropólogos; e, embora uma escola moderna, em que A. H. Sayce figura na primeira plana, negue categòricamente que se possa falar de *côrpo, organismo, evolução* da linguagem, deve dizêr-se que tão admittido se acha o uso de taes termos, que até os sectários da opinião opposta se não abstêm dêlles, ao passo que na linguagem nada observam de natural.

Como se vê, o que primeiro devemos fazêr é fixar a significação que damos ás palavras *natural e histórico*.

Chamamos *natural* tudo que advém, independentemente da vontade humana, considerada collectivamente e individualmente; e *histórico* aquillo que tem como causa a vontade humana. E, assim, não tomamos aqui a palavra *história* no sentido etimológico, que ella tem na expressão *história natural, história das línguas*, etc. No sentido etimológico, *história* quere dizer *observação*.

Fixada a significação da palavra, já podemos preguntar se linguagem é facto natural ou histórico, visto como a questão da naturêza da sciência da linguagem se resume na questão da naturêza da própria linguagem.

Uma reposta adequada exigiria um volume de considerações; ou, falando melhor, toda a glottologia se dirige a respondêr àquella pregunta, porque o seu verdadeiro e mais elevado escopo é o de indagar a naturêza do objecto que estuda, a origem e todo o enorme conjunto dos fenómenos, que se podem observar nos vários períodos de desenvolvimento.

Devendo registar aqui, em poucas palavras, os resultados dessas indagações, notemos que, até há muito pouco tempo, tudo parecia levar-nos á convicção de que, não tanto com referência á gênese, como á evolução da linguagem, esta deveria ser considerada como facto natural.

Quanto á origem, temos de reportar as innúmeras vozes e fórmas de todo o tronco linguístico indò-europeu a poucos centenares de núcleos originários, os quaes, de mão para mão, com evidente elaboração mental collectiva, deram ensejo ao património lexicológico e grammatical de todas as línguas pertencentes àquelle tronco.

Quanto aos fenómenos dos períodos históricos, observam-se, como pontos salientes da evolução, certos fenómenos de transformação de sons, que por isso se dizem *fonéticos;* outros, referentes ás variações no modo de indicar as fórmas, (fenómenos *morfológicos);* e outros finalmente, que dizem respeito á significação das palavras, e se chamam *sematológicos.*

Ora, é evidente que as duas últimas séries de fenómenos dependem da vontade humana, como della depende também o desenvolvimento progressivo dos primeiros núcleos fonéticos, ou, como se costuma dizêr, das *raízes*, até o uso das palavras. Note-se, porém, que há quem tenha querido attribuir aquellas raízes a uma causa humana. Pelo que respeita ás variações de som, que constituem os chamados fenómenos *fonéticos*, há uma escola moderna, a dos *novi-grammáticos*, que as attribuem, em grande parte, á *analogia*, isto é, a uma equïparação, feita por uma espécie de associação de ideias.

Difficilmente, porém, se poderá negar que a linguagem não tenha leis, segundo as quaes se altera de povo para povo, e de um período historico para outro, sem a mínima intervenção dos que falam.

Até agora, pois, ninguém conseguiu provar que todos os factos fonéticos tenham origem na *analogia;* e portanto não se tem negado a existência das leis *fonéticas*, em substituïção completa das leis *analógicas*. Em grande parte, as leis fonéticas dependem das condições especiaes do nosso orgam vocal ou do funcionamento dêste. E assim os próprios *novi-grammáticos* têm reconhecido que há leis fonéticas, e ampliado até a importância dellas, estabelecendo o axioma de que as leis fonéticas não têm excepções, embora êlles reduzam consideravelmente o número dessas leis.

Por outro lado, a glottologia não se contenta simplesmente com leis, mas estuda também os elementos anatómicos do próprio orgam vocal e a maneira como se

formam os sons glótticos, constituindo estes elementos fisiológicos uma das partes mais sólidas e menos controversas da nossa sciência.

A faculdade da linguagem é sem dúvida um facto fisiológico, e é igualmente certo que nenhuma sciência como a nossa deve estudar esse facto, pelo mesmo metodo que é commum ás sciências naturaes.

Em conclusão: a simples afirmação de que a glottologia é uma sciência histórica não é exacta, inda que se admitta que a linguagem tem origem humana, o que aliás pertence a uma ordem muito complexa, de que os factos psicológicos constituem parte considerável, se não principal, mas não exclusiva [1].

§ 9. — Falemos agora do método, seguido pela glottologia.

Segue esta exactamente o método comparativo das sciências naturaes. Ninguém, no tempo de agora, imaginará que póde estudar scientificamente uma língua, sem a comparar com alguma outra.

Como geralmente êste método se chama o método da *história comparativa*, cumpre-nos insistir na significação da palavra *história*, significação muito differente de *criação* ou *facto humano*, pois que, pelo contrário, se cifra na *observação indutiva, analítica e*

[1] A conclusão, que consignamos, está de acôrdo com o parecêr de muitos glottólogos illustres, como Luc. Adam, *Les Concl., l'object*, etc. *de la ling.*, e de quantos têm examinado a questão por todas as faces do objecto e do método.

*rigorosa dos factos*, exactamente como na *história natural*

É certo que há o inconveniente de se adoptar a mesma palavra em dois sentidos differentes; mas os dois sentidos acham-se aceitos, e mal avisados andaríamos, se os não distinguíssemos.

Inda há outro sentido na alludida palavra, que convém registar: quando dizemos *história dos elementos, das fórmas*, etc., não designamos senão as fases do desenvolvimento dos elementos, das fórmas, etc.

Relativamente á grammática, que é a nossa parte técnica, o trabalho baseia-se nos materiaes, que nos são fornecidos não só pelas línguas vivas, senão também pelos monumentos literários, dispondo-se parallelamente o material do léxico e o material das fórmas que á primeira vista se nos figuram comparáveis. Com exame attento e amplo, chegamos a entrevêr leis especiaes para cada língua. Por exemplo: observa-se que os vocábulos, que numa língua começam por um *d*[1], apresentam noutra um *b*, e, inda noutra, um *v*. Obtido um número sufficiente destas leis, procuramos reconstruir as fases de cada elemento. Dos elementos, a indagação eleva-se aos vocábulos, depois ás classes, ou ás partes do discurso, e por fim ás línguas inteiras.

De maneira que nada se chêga á affirmar, que não

---

[1] Em glottologia, as letras não tem denominação diversa do seu som ou pronúncia. E, assim, temos *p*, *f*, *l*, *m*, etc., e não *pê*, *éfe*, *éle*, *ême*, etc,

seja a conseqüência necessária dos factos observados; nada de geral, que não provenha da comparação de muitas leis particulares, deduzidas sempre dos factos.

Os trabalhos *etimológicos*, que dantes se faziam, guiavam-se por uma semelhança superficial, sem attenção alguma ás differenças essenciaes que podia haver por baixo. De fórma que êsses trabalhos, tendentes a attingir a meta com um só impulso sem ganhar o terreno palmo a palmo, careciam completamente de base.

Pelo contrário, a máxima reserva em chegar a conclusões muito genéricas tornou-se condição necessária de uma sciência que, estando em movimento constante, evita afirmar com segurança aquillo que a observação de àmanhan poderia pôr em dúvida. O que já se tem feito não é muito, para quem considere quanto é vasto o campo das línguas humanas, durante os seus longos períodos históricos; mas cada uma das conclusões, a que vai chegando a sciência da linguagem, é resultado de um trabalho seu e enorme.

A condição capital, que alterou radicalmente o sistema antigo das indagações etimológicas, foi a divisão das línguas em famílias, realizada pela nossa sciência nos princípios do século findo, e o têr ella estabelecido também os graus de affinidade ou de parentêsco entre as línguas da mesma família.

E assim se chegou a determinar melhor, e com mais segurança, as particularidades individuaes de cada língua; descobriram-se e ratificaram-se as affinidades das línguas irmans; e reconstruíram-se finalmente,

com sufficiente probabilidade, as primeiras bases das palavras e das fórmas da língua-mãi indò-europeia.

Êste tronco absorveu effectivamente, até há pouco, a máxima actividade scientifica dos glottólogos. A investigação não poderá certamente limitar-se àquillo, e estendêr-se-á a mais elevadas regiões ou arroteará terrenos mais virgens. Mas o método de investigação será sempre e rigorosamente o mesmo. E assim a glottologia deverá fazer no campo dos outros troncos lingüísticos o que fêz no do tronco iudò-europeu, estabelecendo, pela comparação, as particularidades especiaes, e, até onde seja possível, as fases históricas; e, quando se chêgue ás primeiras bases, já se poderão tentar comparações com os outros troncos.

A regra fundamental do nosso método é que as comparações, para que sejam rigorosas, devem sêr feitas entre fórmas de palavras que tenham o mesmo estádio lingüistico, ou que a êlle se reduzam, mercê da reconstrução scientifica.

A affinidade de uma palavra inglêsa, por exemplo, com uma palavra grêga, póde sêr apenas apparente. *Call* poderia parecêr que tem connexão com καλέω, (eu chamo); *whole* com ὅλος, (inteiro). E contudo taes palavras, que têm o mesmo sentido e a semelhante composição de sons, pertencem a diversas origens. Para se fazêr comparação exacta de uma palavra inglêsa com outra grêga, deveria fazêr-se remontar a palavra inglêsa á fórma que ella tinha na época do grêgo, o qual, relativamente á língua-mãi, tem o mesmo gráu de parentêsco, que um progenitôr do inglês, muito

afastado, mais afastado que o anglò-saxão, progenitôr que é a antiga língua germânica.

Outra regra se deduz da precedente, e é: que, nas comparações, haja conhecimento perfeito e igual de ambos os termos do confronto.

O método histórico comparativo não é privativo da parte técnica da glottologia, isto é, da grammática, mas também da parte mais ideológica, que nós chamamos *filosofia da linguagem*.

Noutro tempo, a filosofia representava, por assim dizêr, a base de todas as investigações e conhecimentos, e proclamava ideias axiomáticas, a que se deviam prendêr os factos, observáveis em a naturêza.

Em nossos estudos há sempre uma filosofia, mas muito diversa da de outro tempo. Para nós, a filosofia não faz senão colhêr as ideias mais geraes, que lógica e necessariamente resaltam dos factos, observados em larga escala e devidamente confirmados. É uma filosofia que deriva dos factos e nêlles se baseia exclusivamente.

§ 10.—A base fundamental da nossa sciência, é a *uniformidade* da naturêza, através dos séculos, relativamente á linguagem. Partimos do princípio de que, nas mais afastadas épocas, a linguagem importaria os mesmos processos intellectuaes que hoje, e de que, dada certa disposição dos órgãos vocaes, o som produzido seria o mesmo, em qualquer tempo. Comparamos os factos que se dão á volta de nós, reünimos

os fenómenos semelhantes e tentamos descobrir se os governa algum princípio geral.

Evidentemente, os resultados, a que a nossa sciência chêga, não têm o mesmo valôr que os resultados obtidos pelas sciências exactas; mas têm o valôr dos que são obtidos pelas sciências indutivas, (meteorologia, sociologia, etc.), que estudam fenómenos muito complexos.

A glottologia porém está tão intimamente ligada á história geral da humanidade, penetra tão profundamente na vida do individuo, que o seu interesse sobreleva ao de qualquer outra sciência.

E, de facto, o que todo sêr humano deseja conhecêr, antes de tudo, é a naturêza do próprio *eu* e da espécie a que pertence. Os factos que, antes de outro facto, êlle é levado a considerar, são os que êlle tem, ingênitos, na sua própria individualidade, mòrmente quando se manifestam de contínuo, e de modo tão sensível como as palavras.

É pois evidente que a glottologia tem especial importância para a reconstrucção das origens da humanidade, e dilata-se até os domínios da paleontologia antropológica, a que presta valiosos subsídios.

Verdade é que o parentêsco lingüístico entre povos não importa parentêsco de raça e que, portanto, a lingüística não tem decisivo valôr etnológico, como observou o antropólogo francês Broca[1]. Assim, o têr-se

[1] *La Linguistique et l'Anthropol.*, p. 259.

descoberto unidade nos múltiplices ramos de família ariana não importa que dêva reconhecêr-se uma só raça em todos os povos que falam línguas áricas; como, vicè-versa, as differenças entre os troncos lingüísticos, por exemplo o ariano e o semítico, não devem fazêr crêr que há diversidade de raças entre os povos que linguïsticamente pertencem àquelles troncos.

Não obstante, as reconstruções lingüísticas auxiliam enormemente o antropólogo, que queira conhecêr as condições e o sistema de vida social, as instituïções, os usos, as crenças, os hábitos dos homens primitivos, e que se não contente com medir os ângulos faciaes dos crânios fósseis e classificar os objectos do uso doméstico ou guerreiro, salvos afortunadamente da carcoma dos séculos.

Broca affirmou que as conclusões dos filólogos têm attrahido exageradamente a attenção. Mas se, em limitada hipótese, isto se póde aceitar como verdadeiro, não se deve negar que, nos tentames paleontológicos, todas as sciências que se estribem unicamente nos esforços individuaes, incorrem no mesmo perigo. Basta apontar a craniologia, a qual parece ter constituído um critério muito dilecto de Broca, e que, quando não recebe das sciências físicas e sociaes as devidas contribuïções, póde induzir nas mais caprichosas hipóteses ou afirmações.

Dois modernos e illustres antropólogos alemães, Pösche e Penka chêgam a notar relações entre á fórma do crânio e as religiões dos povos, como se estas dependêssem daquella. E não se limitam a discretas

afirmações genéricas, senão que expõem factos recentíssimos, postergando razões históricas e servindo-se exclusivamente do critério da raça.

Na opinião dêlles, os albigenses e os uguenotes tornaram-se protestantes, porque eram de raça dolicòcéfala. Como se vê os perigos da exageração não se topam só no campo da glottologia.

Em compensação, quantas noções seguras não tem a glottologia descoberto, sôbre a vida primitiva? Como poderá a paleontologia, só com os seus recursos privativos, desvendar as crenças, o sistema familial e social, a alimentação, o vestuário, o uso das alfaias dos nossos primeiros progenitôres, inda que êstes preferissem, para os seus utensílios, substâncias indestrutíveis?

A própria unidade ariana é descobrimento exclusivo da nossa sciência, e ociôso será pôr em relêvo as vantagens que ella tem trazido, e póde inda trazêr, ás investigações étnicas, históricas, e outras. Deve-se até reconhecêr que têve valôr profético a afirmação leibnitziana de que nada como os confrontos lingüísticos póde lançar luz sôbre a origem dos povos.

Com effeito, Adalberto Kuhn, em 1845, procurava, pelos meios lingüísticos, reconstruir a mais antiga história dos povos indò-europeus, e uma robusta falange de glottólogos enveredava pelo mesmo caminho escabrôso, superando, palmo a palmo, novos obstáculos, até assombrar os antropólogos mais graves e mais ciosos das próprias indagações. Entre 1859 e 1863, apparece o famôso ensaio de paleontologia lingüística

do genebrês Adolfo Pictet[1], que aliás, mercê de arriscadas conclusões, dava flanco á crítica. É que muitos glottólogos, seduzidos por tentadôras reconstruções, abusaram talvêz do método comparativo, e não tomaram na justa conta as transformações das palavras e das significações, que poderiam dar-se depois da scisão da família árica, deixando de constituir prova de uma communidade primitiva. E, assim, parecia que o estudo da civilização que se procurava reconstruir para os nossos mais afastados progenitôres era nimiamente elevado; provindo daqui certa desconfiança ou descrédito para tal gênero de investigações.

Com maior prudência e mais escrupulosos estudos, tentaram de nôvo aquella prova, se bem que numa esfera mais limitada, dois respeitaveis alemães, Hehn e Helbig. O primeiro deixou um admirável esbôço históricò-lingüístico sôbre as plantas cultivadas e os animaes domésticos[2], e sôbre a sua introdução na Grécia e na Itália, com procedência da Ásia; trabalho que, se nalguma coisa pecca, é exactamente na excessiva cautela e circunspecção. E o segundo deixou um excellente estudo á cêrca da antiga civilização dos ítalos das margens do Pó[3].

---

1 *Les Origines Indo-européens*, Paris, 2 vol., 1877.

2 *Culturpflanzen und Haustiere*, etc. Berlim, 1870-83.

3 *Die Italiker in der Poebene.* A glottologia veio ampliar assim a importância das habitações lacustres do Vicentino, importância já reconhecida pelos antropólogos Keller, Lee, Munro, Taylor, Dognée, Quatrefages, Suess e muitos outros. Vej. Paolo Lioy, *Le Abitazione lacustri di*

Finalmente, a consolidar, de modo indiscutível, a importância da lingüística para a prèhistória, apparece a obra de O. Schrader[1], que constitue um tesoiro quase inexaurível de factos e argumentos, expostos com a maior lucidêz e imparcialidade de crítica.

De maneira que, só com o confronto lingüístico, chegámos a traçar a história do descobrimento dos metaes, do emprêgo das armas, da domesticação dos animaes, da agricultura, do vestuário, da alimentação, das primeiras habitações, dos vehículos terrestres e marítimos, das indústrias, do viver social, das ideias religiosas, do sistema de numeração.

É todavia certo que todas as sciências prèhistóricas têm íntima relação entre si, e que as deduções da lingüística devem ser conferidas e contraprovadas sistematicamente, quanto possível, com as conclusões da arqueologia, da antropologia, da geologia, e da craniologia.

---

*Fimon*, no vol. XIX des *Memorie del R. Istituto veneto di scienze.*

[1] *Sprachvergl. u. Urgeschichte*, *linguist.-histor. Beitr. z. Erfosch des indo-germ Alterturns*, Iena, 1883. Actualmente, todos os grandes trabalhos sôbre a origem dos árias, e até da humanidade em geral, são corôa daquella obra monumental. Bastará citar Isac Taylor, (*L'Orig. des Aryens et l'homme prèhist.*, Paris, 1895).

# CAPÍTULO II

## Desenvolvimento histórico e sistemático da sciência da linguagem

SUMMÁRIO: — Origem da sciência da linguagem, invenção do alfabeto fonográfico. — Os missionários reúnem os primeiros materiaes. — Os precursôres, (Leibnitz, Hervas, Adelung e outros). — Descobrimento da unidade da família indô-europeia, (Filippe Sassetti, Will. Jones, Fred. Schlegel). — O verdadeiro fundadôr é Bopp; a sua grammática e o seu método de investigação. — Will. von Schlegel. — Jacob Grimm, e a lei da rotação dos sons, descoberta por elle; Er. Rask e Eug. Burnouf. — Alguns sectários de Bopp. — Aug. Schleicher. — G. Curtius, G. J. Ascoli. — Os novi-grammáticos, Scherer, Leskien, Brugman, Ostoff, M. Müller, W. D. Whiteney, A. K. Sayce. — Crítica dos princípios dos novi-grammáticos; P. Regnaud. — Estudos sobre vários ramos especiaes do tronco indô-europeu. — Glottologia semítica. — Se existem relações entre os troncos indô-europeu e semítico. — O egípcio. — O que são os grupos lingüísticos. — Trabalhos sobre as línguas africanas em geral. — Noções histórico-bibliográficas sobre a glottologia banta. — O chinês.

§ 1. — A glottologia, que é uma das sciências mais modernas, têve a sua origem nos princípios do século findo.

Como succede em todas as sciências, procurou-se determinar-lhe o primeiro germe, e fôram buscá-lo nos

estudos que os grêgos e os romanos faziam sôbre as línguas [1].

Mas isso, realmente, poderia dizêr-se que eram os princípios da filologia, e não saíam da esfera do grêgo e do latim.

É certo que, como primeiro passo para a sciência da linguagem dado pelos povos mais progressivos nas mais afastadas épocas, podemos considerar as tentativas de representação dos elementos fonéticos communs, que entram na palavra. Noutros termos: devemos reconhecêr a importância do descobrimento dos sons do alfabeto e a importância da ideia prima de empregar sinaes escritos, para representação de cada um dos sons constitutivos dos vocábulos.

Embora estejamos afeitos, há centenas de séculos, a considerar naturalíssimo tal descobrimento, não devia êlle sêr fácil, visto como relativamente poucos povos mostram tê-lo feito e havê-lo aproveitado na prática, e alguns preferiram, pelo contrário, uma representação ideográfica, isto é, figuras e desenhos; e, inda que parêça simples a observação de que os milhares de vocábulos de uma língua contém apenas uns vinte ou trinta sons, deve advertir-se que, nas múltiplices combinações dêsses sons, êlles adquirem uma certa semelhança particular. Para apreciarmos bem a difficuldade de taes combinações, deveríamos identificar-nos com

---

[1] Lersch, *Sprachph. d. Aelt.;* Steinthal, *Geschichte d. Sprachwissensch. bei d. Griech. u. Röm.*

aquêlles homens primitivos, que nada sabiam de língua, de grammática, de escrita, de sons, de orgam vocal.

§ 2.—O célebre Max Müller[1] observa que o primeiro impulso para a sciência da linguagem foi dado pelo christianismo. Os grêgos, diz êlle, e os romanos a exemplo dos grêgos, não podiam tomar em grande consideração as línguas dos outros povos, que nada podiam têr de commum ou semelhante a êlles, que os consideravam *bárbaros*, isto é, *inferiôres*.

A ideia da *humanidade* ou *fraternidade*, que debalde procuramos em Platão e Aristóteles, e que foi suscitada pelo christianismo, devia fazêr desapparecêr aquella desprezativa incúria quanto ás línguas dos vários povos conhecidos, que começaram, com o christianismo, a considerar-se provindos de uma origem commum.

Àlém dêste primeiro impulso, o christianismo forneceu á sciência da linguagem os primeiros materiaes sôbre que ella podia erguêr-se. Effectivamente, os missionários christãos fôram os primeiros a estudar as várias línguas dos povos para os convertêr á fé, e trasladar para essas línguas as orações latinas. No século XVI, são vulgares as obras, com traduções do *Padre Nosso*. Teodoro Bibliander[2] traduziu-o em 14

[1] Letture, pag. 121 e seg.

[2] *De ratione communi omnium linguarum et litterarum commentarius*, Tiguri, 1548.

línguas, Angelo Roccha [1] em 26, Jerónimo Megiser em 40 [2], e depois em 50 [3].

§ 3.—Apparecem, no mesmo século, como conseqüência, os primeiros estudos comparativos, com Henrique Estêvam [4], que foi injustamente accusado de fazêr derivar do grêgo o francês, línguas que se julgaram pertencêrem a famílias inteiramente diversas; e com Perion [5], que sustentou a mesma tese, mas com argumentos que nada tinham de scientíficos.

No século XVII, Guichard [6] achou relações íntimas entre as línguas hebraica, caldaica e siríaca, e estabeleceu outras classificações para várias línguas; e, se bem que em plana inferiôr, podemos citar Cláudio Duret [7].

Mas em tôdo êsse século, e nos princípios do imme-

---

[1] *Biblioteca apostolica vaticana*, Roma, 1591.

[2] *Specimen* XL *linguaram et dialectorum ab Hieronimo Megisero a diversis auctoribus collectarum, quibus oratio Dominica est expressa*, Francofurti, 1592.

[3] *Oratio Dominica* L *diversis linguis, cura* H. Megiseri, Francofurti, 1593.

[4] *Traicté de la conformité du langage français avec le grec*, 1566.

[5] *Dialogorum de linguae gallicae origine eiusque cum graeca cognatione*, lib. quat., Parisiis, 1555.

[6] *Harmonie étymologique des lang. hebr., chald., syr.*, etc., Paris, 1605.

[7] *Trésor de l'histoire des langues de cet univers*, 2.ª ed., Iverdon, 1619.

diato, vigorou o preconceito, — filho da veneração pela língua bíblica, e da passagem, mal interpretada, da confusão das línguas, — de que todos os idiomas procediam do hebreu. Guichard mostra-se tão convencido disso, que chêga a sustentar que, escrevendo-se o hebreu da direita para a esquêrda, ao contrário do grêgo, as palavras grêgas podem passar a hebraicas, invertendo-se as lêtras de cima para baixo, e lendo-as da direita para a esquêrda!

Êste preconceito, muito radicado e vulgarizado, foi atacado, pela primeira vêz, por Leibnitz, (1646-1716), o qual, numa carta ao seu amigo Penzel, negou que o hebreu fôsse a língua primitiva.

E fêz inda mais, em serviço da nossa sciência. Appellando para os missionários e viajantes, indicou a necessidade de se reünir, para a solução do problema língüístico, grande cópia de materiaes, que cumpria examinar pelo método das sciências exactas. Em 1713, escreveu, até, ao imperadôr Pêdro o Grande, incitando-o a auxiliar o trabalho da colheita do maior número possível de línguas, e das traduções das orações latinas nessas línguas. De par com o escopo religiôso de ajudar a conversão ao christianismo, *ut omnis lingua laudet Dominum*, o que poderia conseguir-se com uma colheita daquêlle gênero, Leibnitz entrevia certa utilidade scientífica, inda que êlle tinha a convicção preconcebida de que todas as línguas procederiam da chamada língua scítica.

A prodigiosa versatilidade do seu engenho desviou-o um pouco do estudo das línguas e fêz que êlle

não contribuísse directamente para os primeiros alvôres da glottologia.

Podem todavia attribuir-se á sua autorizada e efficaz influência as duas grandes obras que, nos princípios do século findo, compendiaram todas as investigações, realizadas até então, á cêrca das línguas: o *Catálogo das Línguas*, de Hervas, e o *Mitrídates* de Adelung.

Lorenzo Hervas y Pandura, (1735-1809), jesuíta espanhol, domiciliado em Roma, depois de têr missionado na América e estudado grande número de dialectos, concebeu uma obra grandiosa, que êlle intitulou *Ideia do Universo*, grande parte da qual era consagrada ás línguas. A obra, escrita em italiano e traduzida depois em castelhano, tem como principaes as seguintes partes: *Catálogo das línguas conhecidas*, (1784); *Origem, formação, mecanismo e harmonia dos idiomas*, (1785); *Vocabulário poliglotta*, (1787). A Lourenzo Hervas cabe o mérito de têr sido o primeiro a notar que, para se estabelecêr a affinidade entre as línguas, serve mais a comparação sintáctica, do que a semelhança das palavras. Foi quem primeiro provou, pelo confronto das flexões nominaes e verbaes, que o hebreu, — que em seu conceito não era a língua primitiva, — fórma uma só família com o caldeu, o siríaco e o árabe. Provou que o vasconço não é um dialecto céltico, como se suppunha então. Antes que Humboldt a proclamasse, descobriu êlle a unidade das línguas malaiò-polinésicas. E indicou affinidades entre o grêgo e o sânscrito.

Outra obra, de índole glottológica, e que, para a

época em que appareceu, tem realmente grande valôr, é o *Mitridates* de Adelung, (1734-1806)[1].

Adelung serviu-se da obra de Hervas, e das collecções de materiaes lingüisticos, feitas sob os auspícios do govêrno russo, que aos incitamentos de Leibnitz prestára a attenção devida. O 1.º volume appareceu em 1808; e, tendo fallecido o autôr antes de se publicar o 2.º, foi êste editorado por G. S. Vater. O 3.º volume appareceu em 1816 e o 4.º em 1817, por diligência de Vater e de Adelung, filho.

Recordemos aqui o nome de Catarina a Grande, a qual, antes de ser imperatriz, se dedicou apaixonadamente ao estudo das línguas, concebeu a ideia de um grande diccionário universal e, apenas subiu ao trono, tratou de levar a effeito essa obra. Organizada uma lista de 285 palavras russas, fê-la traduzir por numerosos letrados de vários países, em 51 línguas europeias e 149 asiáticas. A obra intitulou-se *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa*, e o primeiro volume saiu á luz em 1787, apparecendo o segundo em 1789.

Mostram estas collecções que, nos princípios do século findo, o estudo das línguas já era tido em grande aprêço, e com ellas houve o ensejo de se entrevêrem algumas verdades, que a sciência, com um estudo mais esclarecido e metódico, devia patentear depois.

---

[1] *Mithridates, oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in beinahe 500 Sprachen und Mundarten*, Berlin, 1806.

Ninguém todavia pensaria hoje em tirar proveito de taes listas de vocábulos, postas umas a par de outras, nem daquellas classificações, feitas apenas sob o critério geográfico.

A indagação, verdadeiramente scientifica, mal poderia surgir daquêlles trabalhos preparatórios, se não fôsse erguida, amparada e fortalecida por um descobrimento do mais alto alcance, — a íntima ligação entre as línguas europeias e a antiga língua da Índia, — e se não fôsse auxiliada pelos materiaes colhidos na vastíssima literatura indiana.

§ 4. — Tal descobrimento é devido sobretudo ao inglês William Jones; mas a verdade já se tinha deixado entrevêr, muito tempo antes dêlle. Quem primeiro desvendou os indícios de tal descobrimento foi um mercadôr florentino, Filippe Sassetti, (1540-1588). Apraz-nos reproduzir aqui as suas palavras relativas á língua indiana, na última carta que dirigiu a Bernardo Davanzati:

— «Todas as suas sciências são escritas numa língua, que chamam *sânscruta*, o que quere dizêr *bem articulada*, mas da qual se não sabe quando foi falada, não obstante haver memórias e documentos antiqüíssimos. Estudam-na, como nós a grêga e a latina, mas gastam nella muito mais tempo, levando seis ou sete annos para a conhecêr; e a língua de agora tem muitas coisas communs àquella, e muitos dos nomes, particularmente os nomes dos números 6, 7, 8 e 9, *Deus*, *serpente*, e outras mais.» —

Da língua e da literatura indiana também falava numa carta a Pedro Vettori, na qual, até certo ponto, êlle preconizava a importância que haviam de têr para a sciência; e dispunha-se a vulgarizar na sua pátria as obras da antiguidade indiana, e fazêr mais conhecido e apreciado o seu descobrimento, quando, aos 48 annos, fallecia em Gôa. Se mais vivêsse, teria feito conhecêr, dois séculos antes de Jones, os monumentos da sciência brahmânica, fazendo que a origem da glottologia se relacionasse com uma glória italiana.

No século subsequënte, o estudo dos clássicos indianos começou a attrahir a attenção dos missionários jesuítas. O italiano Roberto de' Nobili tanto se adiantou nêsse estudo, que foi confundido com um brâhmane, prègando um quarto *Veda*. Hanxleden foi quem primeiro compilou uma grammática de sânscrito, a qual infelizmente não chegou a sêr publicada. Pons, francês, divulgou apreciáveis noções sobre a língua e a literatura indiana, e enriqueceu a biblioteca de Paris com uma collecção de manuscritos sanscríticos. Finalmente, em 1768, o padre Coeurdoux póde dizer-se que foi quem demonstrou com bôas provas, embora sob a modesta fórma de uma consulta a Barthelemy e a outros membros da Academia das Inscrições, a affinidade do sânscrito, do grêgo e do latim. A respectiva memória foi lida em 1768, mas publicada só em 1808.

E assim, a proclamação mais solenne daquella affinidade, feita em 1783 por William Jones perante a Sociedade Asiática de Calcuttá, fundada por êlle próprio três annos antes, é posteriôr á data da alludida Me-

mória e da sua leitura perante a Sociedade francêsa, mas anterior á sua publicação pela imprensa.

Não investigando agora a qual dos dois cabe maior honra, é certo que quem primeiro entreviu a grande verdade foi Sassetti, se bem que êste não podia têr tão cêdo segurança de affirmações e abundância de provas. Com êlle porém não se relaciona a origem da glottologia, mas, sim, com o descobrimento de William Jones.

As razões com que, apesar de tudo, se mostra que a glottologia se formou recentemente, são as mesmas que mostram como tantas verdades, entrevistas séculos atrás, sòmente nos nossos tempos apparecêram em plena luz e fôram utilizadas até onde era possível.

Não acreditamos porém que o desenvolvimento da nossa sciência fôsse retardada pelo dogma christão do monogenismo, e pela veneração que a língua bíblica inspirava. Á parte considerações já expostas, parece o contrário, isto é, parece que as tentativas de reportar ao hebreu todas as línguas conhecidas deram ensejo asado ao desenvolvimento do metodo comparativo. É verdade, porém, que taes tentativas não podem chamar-se scientíficas, visto como se não propunham a deduzir verdades de factos observáveis, mas a ligar factos a ideias preconcebidas ou preadmittidas.

Iniciaram-se estudos mais sólidos, depois que Jones demonstrou a affinidade do grêgo e do latim com o sânscrito, não só quanto ás raízes, senão também quanto ás fórmas grammaticaes. Êlle comprehendia que tal e tão estreito parentêsco não podia provir do

acaso, e, para o explicar, foi levado a admittir uma língua, provavelmente extinta, da qual proviriam aquellas. Descobriu também affinidades entre o *sânscrito*, o *celta*, e o *gótico*, e declarou que estas duas ultimas línguas devem considerar-se derivadas daquêlle tronco commum.

Outro nome illustre devemos aqui registar, relacionado com o descobrimento da família indò-germânica: Frederico Schlegel. No princípio da sua obra á cêrca da *língua e sciência dos índios*, afirma êlle que a antiga língua indiana, o sânscrito, tem grandíssima affinidade, não só quanto ás raízes, senão também quanto á estrutura grammatical, com o latim, com o germânico e com o persa; e observa que as alludidas concordâncias não podem ser casuaes, mas, sim, indicativas de uma origem commum. No que Schlegel mostra desviar-se um pouco da ideia de Jones é em crêr que essas concordâncias revelam a prioridade da língua indiana sobre a grêga e a latina, as quaes procederiam daquella.

De fórma que os princípios do século findo constituem a época, em que se rasgou o horizonte da nova sciência, e em que se traçou o caminho principal do nôvo método. Mas os que podiam consagrar-se a tal sciência eram unicamente os cultôres das línguas clássicas, visto como o descobrimento se referia a um grupo de línguas, de que o grêgo e o latim eram os principaes representantes e não podiam os estudiosos orientar-se por leis evolutivas de ordem mais geral.

Os liames, portanto, entre a glottologia e a filologia

clássica ficaram muito restritos. Mas isso não foi um mal, visto que a glottologia pôde receber da irman primogênita riquíssimo património de factos e documentos históricos, que lhe prestaram grandes vantagens, e que ella difficilmente teria achado noutro campo, nem mesmo no semítico.

Dêsde então, o estabelecêr confrontos metódicos entre as línguas clássicas, o investigar quaes as outras línguas que deviam considerar-se membros dessa mesma família, o estendêr o método comparativo a todos os idiomas conhecidos, para se obtêrem outros grupos distintos, tornou-se, mais que um desejo, uma necessidade dos eruditos. Os filólogos, na restrita accepção desta palavra, não puderam deixar de considerar as línguas sob um ponto de vista diverso do que usavam anteriormente, e, mais ou menos, tornaram-se, até certo ponto, glottólogos, na comparação dos fenómenos da língua, por êlles melhor estudada, com os das outras línguas análogas, e na tentada explicação da génese das fórmas. Inda hoje se observa que a maior parte dos mais eminentes glottólogos são filólogos, especialistas em qualquer língua. Mas isto, como já notámos no primeiro capítulo, não depõi nada contra a autonomia de sciência da linguagem, a qual, separando-se do velho tronco em princípios do século findo, foi adquirindo, com o andar do tempo, um carácter distinto. Tanto Jones, como Schlegel, não podem considerar-se fundadores, mas, sim, precursôres da glottologia.

§ 5.—O verdadeiro fundadôr é Francisco Bopp, (1791—1867), se bem que, em campos muito vizinhos do seu, trabalhassem contemporaneamente Guilherme Humboldt, Guilherme Schlegel, Jacob Grimm.

Bopp refere-se, com grande veneração e reconhecimento, a Guilherme Humboldt, môrto antes dêlle, e irmão do célebre Alexandre, então um dos principaes estadistas da Prússia; e declara têr recebido dos escritos dêlle grande influência á cêrca da sciência da linguagem. Àlém de Bopp, também outros illustres glottólogos, como Pott, Schleicher e Curtius, seguiram a esteira de Humboldt. Mas difficilmente se poderá fixar a influência que êste exerceu sôbre a glottologia indòeuropeia, ou indicar algum caminho nôvo, descoberto por êlle ou ponto de vista que se lhe dêva singularmente [1].

É certo que os seus ensaios á cêrca da filosofia da linguagem lograram merecida fama, e deram a conhecêr o seu vasto e discreto engenho, sabendo-se êlle mantêr num ponto, donde lhe ficassem ao alcance altas vistas intellectuaes e ao mesmo tempo as mais minuciosas observações grammaticaes. Entre as obras de Humboldt, merece especial consideração a que êlle escreveu sôbre a língua *kawi*, e que se publicou em 1836, depois da morte do autôr.

O primeiro trabalho metódico de comparação entre o sânscrito, o grêgo, o latím, o persa e o alemão, isto

[1] Delbrück, *Introd. allo stud. d. linguagi*, Torino, 1881, p. 28.

*

é, o primeiro trabalho de glottologia ariana, appparee-em 1816, com o *Sistema de Comparação*, de Bopp. Outros ensaios seguiram êste, taes como o primeiro volume da *Grammática Comparativa* [1], de que se publicou o primeiro volume em Berlim, em 1833, completando-se a obra em 1852. Foi esta a obra que lançou os fundamentos da glottologia ariana, e deve considerar-se como ponto de partida para successivas investigações. Com êste trabalho de Bopp, as previsões de Sassetti e de Coeurdoux, que se haviam tornado opiniões de Jones e Schlegel, passaram á categoria de verdades demonstradas e indiscutiveis.

Bopp propunha-se a investigar, com o estudo comparativo das línguas, a gênese das fórmas, a fim de colligir alguns conhecimentos á cêrca da naturêza do espírito humano, servindo-se assim da comparação, não como escopo, mas como meio de investigação.

Vejamos agora a teoria de Bopp, quanto á origem da flexão, e qual o método que êlle adoptou na comparação das línguas.

Quanto á gênese das fórmas, não são originaes as ideias de Bopp, antes se acostam a Frederico Schlegel.

Partindo da observação de que em cada fórma há uma ideia substancial, independentemente de quaesquer relações ou modificações e das ideias complementares que indicam relações de subjectividade ou objectivi-

---

[1] *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Litthuanischen, Altslav., Goth. und Deutschen.*

dade de tempo, número, pessôa, etc., Schlegel admitte que, para obtêr êste fim, as línguas se serviram de dois meios differentes: um, adoptando uma mutação interna na parte radical; e outro, juntando á parte radical, que ficou intacta, outras palavras ou elementos. Por isso, Schlegel divide as línguas em duas classes, e é contrário á opinião de que nas línguas flexivas, como o grêgo e o sânscrito, a flexão ou *exponencial* das palavras se haja obtido mediante a adição de palavras ou partículas á raiz. Schlegel considera a flexão uma mutação interior da raíz ou um desenvolvimento orgânico.

Bopp, no seu primeiro trabalho, inclinava-se a êste modo de vêr, embora acrescentasse á característica da variação interna da raíz, própria das línguas flexivas, a faculdade de incorporar o verbo substantivo. E, assim, entendia Bopp que a raíz verbal *as* entrava em qualquer fórma de verbo. Nisto compartilhava êlle a opinião, então corrente, de que, como a proposição é o reflexo do juízo lógico, que contém três partes, — sujeito, predicado e copulação, — assim a fórma verbal devia contêr os elementos materiaes daquella triade.

Parece pois indubitável que o primeiro modo, admittido por Boop, para explicar a flexão, é reflexo da doutrina de Schlegel e influenciado pela teoria tradicional das três partes da proposição.

Já Adelung, na sua *Origem das Línguas*[1], tinha

[1] Lipsia, 1871.

observado que todas as palavras alemans haviam saído de um primitivo elemento monosillábico. Bopp aceitou esta opinião, que lhe pareceu conforme aos elencos indianos das raízes sanscríticas e estabeleceu o teorema de que *no sânscrito, e nas línguas affins, as raízes são monosíllabos.*

Mas como, admittido êste facto, pareceria difficil conciliar com êlle a explicação schlegeliana da mutação interna sem reconhecer adições, Bopp admittiu, em princípio, que os suffixos da pessôa nas fórmas verbaes tinham origem nos pronomes pessoaes; e isto contrariamente á opinião de Schlegel, o qual não distingue ali senão variações orgânicas.

Bopp foi pois levado a desviar-se, na sua grammática, das explicações schlegelianas, e a seguir e applicar em larga escala o princípio da *composição*, que envolve um axioma, até há pouco julgado fundamental e indiscutível: *Todas as palavras das línguas indò-europeias derivam de núcleos ou raízes de uma só sillaba; e há duas categorias de raízes: as verbaes, de que procedem os verbos e os nomes; e as pronominaes, de que procedem os pronomes, as proposições, as conjunções e as partículas.*

Bopp applicou com bom êxito êste princípio, explicando as desinências casuaes, as pessoaes, as características do tema do presente, como adições de raízes pronominaes, e outras características de temas como adições das raízes *as, i.*

Em summa, Bopp é, a tal respeito, contrário ás ídeias de Schlegel, e segue um método privativamente seu.

Veja-se a passagem, em que êlle rejeita abertamente a teoria schlegeliana:

— «Frederico Schlegel entende por *flexão* a variação interna do som radical, isto é, a modificação interiôr da raiz, que elle contrapõi ás adições externas. Mas se em grêgo, de δο ou δω vem δίδωμι, δώσω, δοθησόεθα, ¿que são as fórmas μι, σω, Θησομεθα, se não claras adições, feitas á raiz, a qual não soffre mudanças internas, e se modifica apenas na quantidade da vogal?»—

Isto, quanto ao princípio, seguido por Bopp, para explicar a flexão. Vejamos agora qual o seu método de comparação, ou, antes, o critério geral, com que êlle explica os fenómenos lingüisticos.

É claro que no primeiro dos glottólogos devemos topar alguns vestígios do método da antiga filologia. Mas o que principalmente avulta nas obras de Bopp e contrasta com os filólogos que o precedêram, é método de decomposição e comparação, que êlle transportou das sciências naturaes para o estudo das línguas. Êlle mesmo declara, no prefácio da sua *Grammática*, que se dispõi a fazêr uma descrição comparativa das línguas indò-europeias, para pôr em relêvo todas as analogias do *organismo* que possa havêr, esquadrinhar as íntimas leis *fisicas* e *mecânicas*, e a gênese daquellas fórmas que indicam as relações grammaticaes.

Bopp considerava as línguas como corpos vivos, corpos que encerram em si um princípio vital, que se desenvolvem segundo certas leis, e que vão perecendo gradualmente, quando, não se comprehendendo já a si

próprias, deixam cair ou applicam mal vocábulos e fórmas que adquiriram missão diversa ou mais importante.

As leis, que Bopp chama *físicas*, correspondem ás nossa leis *fonéticas*, que elle soube avaliar, mas por um processo que inda não amadurecêra. Quanto ás leis que Bopp chama *mecânicas*, julgando que certas variações de tema eram produzidas pelo *pêso* das desinências pessoaes, a glottologia actual não as admitte, e explica aquêlles fenómenos pela fôrça da acentuação.

A imperfeita apreciação das chamadas leis físicas, já revelada na *Grammática* de Bopp, tornou-se depois muito mais manifesta noutra obra, em que Bopp emprehendeu a comparação das línguas arianas com as malaias [1], que são hoje consideradas á parte. Nella se exagera o defeito de considerar os fenómenos, que se não ligam a uma lei estabelecida, como *irregularidades* ou *excepções* a essa lei. Mas não podemos negar que Bopp era influenciado pela tradição dos grammáticos da antiga escola, e não podia formar de uma lei natural o conceito seguro de um moderno homem de sciência.

Além de glottólogo, Bopp deve sêr também considerado como filólogo, visto que têve tempo de se dedicar ao estudo especial do sânscrito, e nos deixou uma edição do *Nala*, um *Glossário* e uma *Grammática de sânscrito*.

---

[1] *Ueber die Verwandtschaft der malayisch-polynes. Sprachen mit den europäischen*, Berlim, 1841.

§ 6. — Entre os primeiros e mais afamados glottólogos, deve mencionar-se Guilherme Schlegel, irmão de Frederico Schlegel, inda que modernamente a sua fama seja inferiôr á que merece.

Dedicou-se êlle ao estudo do sânscrito, em idade já avançada, e quando tal estudo inda offerecia difficuldades enormes; e, de 1819 a 1830, publicou uma *Biblioteca Indiana* que, embora referente sobretudo á literatura sanscritica, contém todavia artigos glottológicos.

Ao principio, Guilherme Schlegel e Bopp estiveram de acôrdo; mas depois surgiu uma verdadeira polêmica, em seguida á publicação da *Grammática* de Bopp, na qual Schlegel notou a omissão de um estudo especial sôbre os grammáticos indianos. Quanto á teoria da *mutação orgânica*, a que Bopp contrapunha a da *agglutinação*, Schlegel foi levado naturalmente a pôr-se ao lado de seu irmão, que tinha imaginado aquella teoria. Com Schlegel enfileirou-se o seu fiel discípulo Cristiano Lassen.

Mas a teoria boppiana da *agglutinação* triunfou; e a outra foi perdendo terreno gradualmente, e caíu no esquecimento.

Não se póde dizer que Guilherme Schlegel tenha auxiliado directamente a sciência comparativa das línguas; mas, indirectamente, auxiliou-a muitíssimo, até pelo impulso que êlle deu á diffusão do estudo do sânscrito, o qual, como se sabe, fornece á glottologia amplos e seguros materiaes.

§ 7. — A par dos nomes de Bopp e dos dois Schlegel, temos o de Jacob Grimm, que é considerado como um dos fundadôres da glottologia e, particularmente, da chamada grammática históricò-comparativa.

Na sua colossal *Grammática Aleman*, cujo primeiro volume saiu em 1819 e o último em 1837, procura êlle descobrir, pelo confronto das bases históricas e étnicas, as leis evolutivas de cada som ou das lêtras, dêsde a língua-mãi germânica até os dialectos falados. E, assim, têve o mérito de fazêr notar a inportância das mutações fonéticas dos elementos dos vocábulos.

Foi êlle quem primeiro formulou a lei da *rotação dos sons*, que dêlle tirou o nome, mas que tinha sido descoberta pelo dinamarquês Erasmo Rask.

Rask e Grimm estabelecêram o facto geral de que as mudanças fonéticas estão subordinadas a certas normas, e de que há uma segura relação histórica entre os sons do alemão e os das línguas clássicas.

A lei da *rotação* é a seguinte:

— Nas línguas clássicas, no sânscrito, no grêgo e no latim, as consoantes mudas, em geral, conservam o mesmo grau que tinham no pròtòariano, isto é, as tênues conservam-se tênues, e as médias, médias. Quando se separou o primeiro tronco germânico, deu-se a primeira evolução, no sentido de que as tênues se tornavam aspiradas, as médias tênues, e as aspiradas médias. —

Quando o tronco germânico se repartiu em vários ramos e para várias regiões, aquella primeira evolução mantêve-se firme no gótico, no nórdico, (nórdico anti-

go, irlandês, sueco, dinamarquês), no baixo-alemão ou setentrional, com os seus dois ramos, o frísico e o saxão (anglò-saxão e depois inglês, antigo saxão e depois hollandês), e nos modernos dialectos baixo-alemães ou *plattdeutsch*. Mas o alto-alemão passou por outra evolução, mudando a aspirada do tronco germânico, (proveniente de uma tênue primitiva), em média; a tênue, (proveniente da média), em aspirada; e a média, (proveniente de uma aspirada), em tênue.

Foi exactamente dêsde Grimm que se começou a dar a máxima importância ao estudo das fases históricas e do valôr fonético dos elementos das palavras, adquirindo a dialectologia valôr scientifico de primeira ordem.

O nome de Rask, que há pouco citámos, além de ligado ao descobrimento da lei de Grimm, está ligado também ao descobrimento da affinidade do zenda, idioma falado pelos persas, adoradôres do fôgo e sectários de Zoroastro, déz séculos, pelo menos, antes de Christo, com o sânscrito dos *Vedas* e o tronco ariano. Em 1816, partiu Rask para a Pérsia e para a Índia, e foi o primeiro europeu que pôde lêr no original o *Zend-Avesta*. Infelizmente, surprehendeu-o a morte, antes que êlle publicasse os resultados dos seus estudos. A glória de têr decifrado os livros sagrados de Zoroastro e as inscripções cuneiformes de Ciro, Dario e Xerxes, coube ao célebre glottólogo francês Eugênio Burnouf.

§ 8. — O mais illustre dos sectários de Bopp, mesmo na teoria da agglutinação, foi A. Fred. Pott,

que, com as suas *Investigações Etimológicas*[1], nos deixou os primeiros modêlos comparativos dos sons, para todas as línguas arianas, e que, mais do que ninguém, contribuiu para a fixação de leis seguras das mutações fonéticas. Entretanto, êste grande observadôr nem sempre conservou a necessária serenidade de juízo, como succedeu na hipótese do fraccionamento das raízes, (no que era combatido por Curtius), e na sua convicção á cêrca do poligenismo das raças. Àlém do quê, negando que o celta pertencêsse ás línguas arianas, distanciou-se de opiniões geralmente aceitas.

Pott foi um incansável glottólogo, e sobreleva a todos em actividade, especialmente com as suas utilíssimas notas bibliográficas á cêrca de todos os troncos e grupos lingüísticos, notas que occuparam os seus últimos annos, e a que índa teremos de nos referir.

Teodoro Benfey é outro sectário de Bopp, embora trabalhasse em campo diverso. Deixou-nos um *Léxico das raízes grêgas*, (Berlim, 1839) e tentou explicar a origem das palavras com a teoria dos verbos primários. Deixou-nos também um *Samaveda*, (1848) e um glossário dêste livro, onde se nos deparam, pela primeira vêz, seguros materiaes da língua védica. A êste respeito, é trabalho fundamental a sua *História da sciência da linguagem*.

Nêste período, surgem-nos de toda parte trabalhos

---

[1] *Etimol. Forschungen a. d. Gebiete d. indo-g. Sprachen.*

glottológicos, e é difficil seleccionar os títulos daquêlles que devamos mencionar como principaes.

Circunstância notavel é que os períodos mais antigos da língua indiana, isto é os períodos védicos, só fôram desvendados de 1840 para cá, sendo certo que dos períodos mais recentes já tinhamos razoável conhecimento. A glottologia ariana recebeu valiosos subsídios de Westergaard, que, com as suas *Radices linguæ sanscritæ*, (Bonn, 1841), nos deixou uma edição crítica dos índices das raízes, extrahidos dos antigos grammáticos indianos, com as devidas annotações; e dos múltiplices trabalhos de A. Kuhn, M. Müller, T. Benfey, recebêram os estudos védicos novos e copiosos materiaes.

Outros poderosíssimos subsídios recebêram os indianistas e os glottólogos em geral, do monumental diccionário sanscritico de Ott. Böhtlingh e Rod. Roth [1].

Com tão valiosos auxiliares, a glottologia tomou uma orientação rigorosa; e os linguistas dedicaram-se, não só á coordenação das leis fonéticas, senão também a investigação sôbre a naturêza dessas leis. Despenderam-se grandes cuidados no deslindar a índole privativa dos idiomas, e começou-se a sentir a necessidade de se escolher terreno especial, em que se aprofundassem, o mais possível, taes investigações. Se ao princípio eram necessários os processos mais sintéticos e comprehensivos, restringindo-se a análise a um ou

[1] *Sanskrit Wörterbuch*, San-Petersburgo, 1855-75.

outro grupo, abriu-se depois estrada, quando as relações entre os vários grupos os tornou sufficientemente conhecidos. Pertencem a esta categoria importantíssimos trabalhos, a que anda ligado o nome de W. Corssen, pelos seus estudos scientíficos sôbre o ramo itálico.

§ 9. — Entre os mestres da glottologia ariana e da sciência da linguagem em geral, devemos memorar Augusto Schleicher, (1821-1868). O seu primeiro trabalho, *Investigações de glottologia comparada*, (1848), mostra que o autôr sentira certa influência da filosofia hegeliana. A êlle principalmente se deve attribuír a distinção das línguas em três classes, *monosillábicas, agglutinativas e flexivas*, pôsto que já a tivessem sugerido os trabalhos de Frederico Schlegel e Guilherme Humboldt. A opinião de que as línguas se formaram na idade prèhistórica, e de que na histórica se decompõem, provém, evidentemente daquella ideia de Hegel — que no desenvolvimento do gênero humano há dois períodos: o prèhistórico, em que o espírito está peado, como num sonho; e o histórico, em que êlle desperta, para se desenvolvêr livremente.

Nas suas obras mais pensadas, Schleicher mostra sentir a influência das sciências naturaes; e bem sabemos, por exemplo, como êlle se dedicou á botânica. Concebe a língua como um organismo natural, que vive, como todos os outros organismos; a sciência desse organismo entra na série dos estudos naturaes, cujos processos lhe devem pois sêr adaptados.

São immensos os serviços prestados á sciência por

Schleicher. As suas *Investigações de glottologia comparada* são importantes para a história do *j* e da sua applicação em muitas línguas; e, na segunda parte, apresentam a classificação e sistema das línguas da Europa.

Foi êlle quem verdadeiramente iniciou o estudo das línguas eslavas: Miklosich foi-lhe apenas na esteira. Quanto ao lituano, foi Schleicher quem primeiro dispôs materiaes, nunca dantes explorados.

Mas a sua obra mais grandiosa é o *Compêndio da grammática comparada*[1], que foi o primeiro trabalho de lingüística clássica.

Nessa obra segue o autôr a teoria boppiana da agglutinação, admittindo porém a ideia de Schlegel — que nas línguas flexiva a vogal da raíz póde, para exprimir relações, soffrêr mudanças. Em quanto Bopp, na sua *Grammática*, se apresenta como investigadôr da unidade das línguas arianas, Schleicher presuppõi-na demonstrada, e procura estender a análise na mais larga escala, assentando um ponto de partida para as múltiplices grammáticas comparativas dos vários grupos lingüísticos.

Considera, como Bopp, elementos constitutivos do indò-germânio as raízes monosillábicas; e afasta-se dêlle, julgando provável que as raízes pronominaes tenham surgido das outras. Admitte excepções occasionaes ás leis fonéticas, embora muito mais escassas

[1] *Compendium der vergleichen. Grammatik*, Weimar, 1861, traduzido em italiano por Dom. Pezzi, Turim, 1869.

que as admittidas por Bopp, e dá a essas leis mais importância do que êste.

Devemos a Schleicher a mais ampla colheita de leis fonéticas indò-europeias, embora se não possa dizêr que tal colheita é completa. Novos e ricos materiaes, reünidos sob o aspecto comparativo, vieram depois avolumar aquella colheita, mercê de operosos autôres, entre os quaes bastará citar o nome de A. Fick[1].

No que Schleicher mostra verdadeira originalidade é na tentada reconstrução da primitiva lingua indò-europeia. Faz remontar as línguas a um estado de desenvolvimento igual; elimina tudo que lhe parêça pertencêr a especialidades individuaes; confronta os elementos que ficam e que são communs ás línguas; e reconstrói assim as fórmas, que logicamente se suppõi têrem constituído as bases de todas as outras fórmas posteriôres. O sânscrito *ag'ras*, (campo), corresponde ao latim *ager*, ao grêgo ἀγρός, ao gótico *akrs*. Ora, no gótico o *k* nasce de um *g* anteriôr, e sabe-se que o *s* era precedido de um *a*, que se perdeu; e, assim, no gótico originário descobre-se *agras*. Na palavra grêga, o *o* deriva de um *a* precedente. De maneira que se chêga a estabelecêr uma fórma primitiva, *agras*, como base de todas as fórmas particulares posteriôres.

Com êste processo, Schleicher consegue redigir um

---

[1] *Vergleich. Wörterb. d. indog. Sprachen*, Gottinga, 1874-76.

esquema dos sons da língua-mãi indò-germânica, que não teria conhecido os sons vocálicos *e*, *u*, nem *l*, nem *k'*, nem *g'*, apresentando portanto um sistema de sons os mais simples.

Schleicher attribuiu verdadeira existência histórica ás fórmas da língua originária reconstruída, e chegou a redigir uma fábula em língua indò-europeia originária, com o título de *avis akvasaska*, (a ovêlha e os cavallos).

Como é natural, as fórmas das palavras reconstruídas não podem têr para nós certêza absoluta, mas offerecem interesse especial, porque expõem a nossos olhos os resultados, que praticamente fôram obtidos pelos mais pacientes e minuciosos trabalhos comparativos.

Vê-se que Schleicher e, com êlle, todos os sectários da teoria da evolução, admittem como axioma que, pelo que toca ao património fonético da língua-mãi indò-europeia, isto é, da língua das fórmas primitivas, (e não da língua das raízes, pois que esta se deve suppôr immensamente anteriôr àquella), os nossos avoengos pròtòarianos dispunham de um alfabeto simplicíssimo, possuindo das vogaes apenas *a*, *i*, *u*; e, das consoantes, poucas das séries gutturaes, dentaes e labiaes.

Indubitavelmente, coube a Schleicher o mérito de têr imaginado e procurado reconstruir as fórmas mais antigas que era possível pesquisar e fazêr renascêr, com método indutivo. Mas as suas reconstruções têm mais valôr lógico do que histórico, ao passo que outros

trabalhos, principalmente os de Brugman e de Saussure, como também os de João Schmidt, de Collitz, de Fick, de Osthoff[1], tendem exactamente a demonstrar que a língua-mãi do tronco indò-europeu, longe de têr poucos e simples sons, devia possuir um alfabeto riquíssimo em vogaes e consoantes.

Com effeito, Brugman demonstrou que o *a* do sânscrito é um amálgama de três sons differentes, pelo menos. Saussure e Fick acharam sérios indícios de que o som *o* não corresponde a uma base única, mas a uma base de dois sons. Brugman e Saussure descobriram na língua-mãi a existência das líquïdas, das labíaes e nasaes sonoras; e Schmidt attribue-lhe também as consoantes palataes. Osthoff julga provável que os árias possuíssem duas aspirantes, uma surda e uma sonora.

Em summa, contra a teoria evolucionista, que por necessidade era levada a deduzir factos complexos de factos simples, iniciava-se uma espécie de reacção, que procurava descobrir outros princípios importantíssimos, como o da *agglutinação*. Mas, antes de apreciarmos esta nova escola, que, a falar verdade, e em geral, critica e destrói mais do que edifica, devemos inda registar o nome de mais alguns insignes linguïstas.

---

[1] Os títulos das obras podem vêr-se no nosso índice bibliográfico.

§ 10. — Nomearemos primeiramente Jorge Curtius, notável hellenista, e não menos notável glottólogo, pelas suas *Investigações sôbre a formação dos tempos e dos modos no grêgo e no latim*, e por tantas outras obras de primeira ordem [1].

Curtius refundiu, quanto á língua originária, o *Compendium* de Schleicher, com a sua *Cronologia* da glottologia indò-germânica, em que também tentou seguir as fases de desenvolvimento da língua-mãi árica.

Outro mestre, talvêz mais célebre que os precedentes, é o italiano G. I. Ascoli, que, com vastíssimo sabêr e surprehendente engenho, abrangeu todos os ramos da sciência da linguagem, dêsde a glottologia árica e semítica até á dialectologia moderna, e dêsde as mais ousadas escavações célticas até ás particularidades analíticas da *grammatologia románica*.

Passar em revista os numerosos trabalhos dêste glottólogo e as suas ideias sobre muitos pontos de lingüística seria tarefa incompatível com as dimensões dêste manual, àlém de que, com muita honra para a Itália e para a sciência, a sua actividade inda não findou. Citaremos porém as suas *Lezioni di Fonologia comparata del sanscrito, del greco, e del latino*, que formaria o primeiro dos quatro *cursos de Glottologia*, que o illustre autôr se dispunha a publicar, sen-

[1] Por exemplo, *Grumdzüge der Giechichen Etimologie*, Lípsia, 1879. Á cêrca das obras de Curtius, veja-se *La vita scient. di G. C.*, por D. Pezzi, Turim, 1888.

*

do o segundo e o terceiro consagrados á morfologia comparada, e o último á fonologia árica. Póde dizêr-se que as *Lezioni* são a primeira obra glottológica original que appareceu na Itália, pois que o autôr, propositadamente, não recorre a trabalhos alheios, exceptuando-se a *Grammática* de Bopp, a primeira edição das *Investigações* etimologicas de Pott, e os primeiros déz volumes do *Jornal* de Kuhn. Afóra isto, baseia-se em estudos puramente seus. É notável a sua competência e perspicácia em reintegrar a reciprocidade dos sons e a entidade fonética das lêtras antigas, não só no domínio das línguas clássicas, senão também no lituano, e no antigo búlgaro, no osco etc.

Igual sabêr e igual destrêza de método emprega Ascoli nos *Estudos críticos*, que comprehendem variados assuntos glottológicos, investigações sôbre a origem das fórmas grammaticaes, trabalhos dialectológicos, dêsde o itálico ao albanês.

Sobretudo o *Arquivo Glottológico Italiano* assegura immortal renome ao seu fundadôr e directôr, o qual, logo no primeiro dos 13 volumes do *Arquivo*, abriu, com os seus *Ensaios ladinos*, abriu estrada a toda a falange dos dialectólogos italianos.

É numerosa e selecta esta falange, a qual prosegue na obra do Ascoli, quando não toma por caminhos lateraes ou mais elevados. Nomearei de novo Domingos Pezzi, que, com a sua *Glottologia ariana*, procura continuar a *História da lingüística indô-europeia* de Benfey, para não falarmos de outros trabalhos seus, relativos não só ao ramo árico, senão também á glot-

tologia geral. Citaremos ainda Francisco d'Ovídio, E. Monaci, C. Salvioni, os quaes se têm dedicado especialmente á filologia novi-latina; e não deixaremos de citar F. G. Tumi, que há vinte annos dava a primeira direcção á glottologia, na Universidade de Palermo.

§ 11. — Voltando agora á nova trilha, seguida por lingüistas, em opposição ao método apresentado e aperfeiçoado por Bopp e Schleicher, e continuado por Ascoli e Curtius, diremos que a nova escola, e dos *novi-grammáticos, (Junggrammatiken)*, recebeu o primeiro impulso de Guilherme Scherer, autôr de uma *História da língua aleman*. Os traços característicos dessa escola fôram, porém, delineados por Leskien e especialmente definidos por dois discípulos dêste, Brugman e Osthoff, os quaes, no preâmbulo das suas *Investigações morfológicas* [1], formularam os novos princípios, e emprehendêram dêsde logo, com os seus sectários, um largo trabalho de reconstrução, segundo as novas ideias.

Entre as publicações, inspiradas por essas ideias, cumpre citar o *Vocalismo árico*, por Saussure, e a *Grammática crítica do grêgo*, por Gus. Mayer.

Em verdade, o critério, de que se serviram os *novi-grammáticos*, não era nôvo, mas applicaram-no em larga escala, com grande ou demasiada segurança.

Para a formação da nova escola devem têr contri-

[1] *Morphologische Untersuchungen*, 1878.

buído as ideias filosóficas do americano William D. Witney, célebre glottólogo e sanscritista, que até há pouco era professôr do *Yale college* de Nova-Haven.

A escola de Bopp e Schleicher podia dizêr-se que estava sintetizada nas valiosíssimas obras de Max Müller, professôr de Oxford, mas natural de Dessau, na Alemanha. Müller considera a linguagem um organismo regulado por leis internas, independentes da vontade humana, e a glottologia, por várias razões, uma sciência natural.

A nova escola, pelo contrário, achou mais consentânea ao seu método a teoría de Whitney, o qual sustenta, contra Müller, que a linguagem não nasceu com o pensamento, mas que é o instrumento dêste; que o homem foi formado para se pôr em communicação ideológica com o seu semelhante; e que, na formação e transformação da linguagem, deve vêr-se, primeiro que tudo, a vontade humana.

Estas ideias foram bem aceitas pela nova escola, a qual se adstringiu ao princípio de que a língua não tem vida própria, mas vive com o homem e para o homem, e de que todas as mudanças na vida da língua dependem dos indivíduos que falam.

Dos dois mais importantes aspectos desta escola fêz uma larga exposição o professor Tumi [1], da qual transcrevemos os dois seguintes parágrafos:

— « 1.º Qualquer variação fonética, em quanto se

---

[1] *La Glottologia e i Neogrammatici*, Nápoles, 1881.

dá mecanicamente, realiza-se segundo leis que não têm excepções, isto é, a direcção do impulso fonético é sempre a mesma, salvo o caso de fraccionamentos dialécticos para todos os que falam a mesma língua; todas as palavras, em que o som, sujeito àquelle impulso, está em condições idênticas, soffrem mudança idêntica, sem excepção.

«2.º Sendo evidente que a associação das fórmas, isto é, a produção de fórmas lingüísticas por meio da analogia, occupa grandíssima parte nas línguas modernas, isso mesmo se deve reconhecêr nos períodos antigos e antiqüíssimos, e não só reconhecêr-se, mas adoptar-se como princípio declarativo no processo de explicar os factos lingüísticos de períodos remotos; e não deve causar surprêsa que as formações analógicas appareçam em línguas antigas e antiqüíssimas, na mesma ou maior proporção do que nas modernas ou modernissimas.» —

Observa-se porém que os *novi-grammáticos*, para explicar os fenómenos, se servem das leis fonéticas; e só quando estas faltam, ou causam obstáculo, é que recorrem á analogía.

A verdadeira differença dos processos está em que a antiga escola, quando se lhe deparavam factos, que se não relacionavam com as leis fonéticas descobertas, considerava-os logo *excepções*, e só em casos muito recentes se aventurava a indicar, como causa, um processo analógico. Os *novi-grammaticos*, pelo contrário, não admittem excepção alguma ás leis fonéticas e applicam o princípio da analogía em larga escala, até á

explicação dos factos mais antigos, que êlles não conseguem explicar por meio simplesmente das leis fonéticas.

A escola nova mostra-se muito mais cautelosa na reconstrução das fórmas pròtòarianas, e declara-se impotente para erguêr vôo até os tempos das línguas-mãis e da língua primitiva. Prefere voar segura, inda que de longe; e, para a falta de qualquer conhecimento ou afirmação provável sôbre as línguas mãis e sobre a primitiva, acha compensação numa comprehensão mais segura do desenvolvimento das línguas e, portanto, do pensamento indò-europeu.

A reacção contra a teoria ou, antes, contra o modo tradicional de considerar as línguas como independentes do homem, podemos afirmar sem hesitação que é utilíssima e que, no futuro, produzirá óptimos resultados.

Associada a esta ideia, apresenta-se-nos outra: se os sons se transmittem com maravilhosa fidelidade através dos séculos; se qualquer transformação de som se realiza de acôrdo com leis que não sofrem excepção; se estas leis dos sons opéram cègamente, com a fatalidade das leis necessárias da naturêza, é nos sons falados que devemos concentrar as nossas indagações, e não nas fórmas da palavra escrita. Por outros termos: devemos penetrar prôfundamente no valôr que as lêtras representam.

Donde se infere que a sciência de hoje deve dar a mais alta importância ao estudo das fontes naturaes, isto, é, dos dialectos falados, e bem assim ás línguas

antigas, já extintas. A verdadeira naturêza das línguas não se revela pela língua da arte ou das escritas convencionaes desta ou daquella nação, mas sim, pela viva tradição oral, que inconscientemente applica aquellas línguas.

Outro nome célebre, que entre os modernos glottólogos exerce uma espécie de reacção contra a antiga escola evolucionista, e contra o quinhão excessivo que na sciência se costuma dar ao estudo das linguagens áricas, é o de A. H. Sayce, successôr de Max Müller na cadeira de Oxford.

Foi êlle quem apresentou a ideia da possibilidade de raízes polisillábicas nas línguas indò-europeias, e influiu na formação da escola dos novi-grammáticos, fazendo resaltar a importância da analogía na explicação das variações lingüísticas. Combateu os chamados ídolos da glottologia árica e a ideia das chamadas raizes *pronominaes*, que para êlle não existem. Não póde negar que a flexão verbal nasceu da agglutinação, mas nega tal origem á flexão dos casos, como nega que os suffixos sejam significativos na sua origem, e que certas desinências casuaes possam considerar-se independentes das palavras. A sintese e o complexo são anteriôres á análise e ao simples; o que é *logicamente* anteriôr, não o é *historicamente*. As línguas áricas são flexivas dêsde a maior antiguidade que nós possamos imaginar. Os tipos das línguas não variam: os flexivos mantém-se flexivos, como os agglutinativos se mantém agglutinativos, e monosillábicos os monosillábicos. Quanto ás raízes, reconstruídas pela aná-

lise grammatical, Sayce não as nega, mas nega que ellas tenham podido formar uma verdadeira linguagem.

Considera morta a teoria da *agglutinação*, e entende que Delbrück foi o último defensôr della. A falar verdade, muitos dos factos, aduzidos por Sayce em abono da sua teoria, já tinham sido apresentados por outros, especialmente por Ascoli. Em 1865 [1], cotejando êlle a terceira pessôa plural com o particípio presente, via ali os vestigios de dois expoentes homófonos, se bem que històricamente diversos e sem adição de suffixo pronominal; e julgava provável que a terceira pessôa singular do perfeito *tatána* indicasse em suas origens um mero nome de agente.

Convém observar que, segundo Sayce, nas línguas áricas não se desenvolve primeiro o verbo, como crêem os sectários da agglutinação, e depois o nome; mas primeiro o nome e depois o verbo.

Affirma Sayce que também a primeira e segunda pessôa singular derivam de nomes abstractos, como se em latim se tivesse generalizado uma fórma como esta: *ego verbum, tu scelus*. Um φέρω, póde, segundo êlle, passar muito facilmente para φέρωμι por analogia com o tema φέρετι da terceira pessôa; e, assim, a primeira pessôa singular do verbo devia sêr originariamente um nome, empregado em caso *objectivo*. Analogamente, para a segunda pessôa, o ς, indicando um suffixo de caso nominativo, se deverá considerar

[1] *Memorie dell'Instituto lombardo* p. 33.

mais antigo que o σι, que surgiria depois por analogia.

P. Merlo, o tradutôr italiano da *Introdução ao estudo da sciência da linguagem* de Delbrück, defendeu na *Revista de Filologia e d'istruzione classica*, (1884-1885), a teoria da agglutinação e refutou Sayce.

A índole dêste nosso trabalho não nos permitte minuciosa exposição dos argumentos a favôr da teoria da *evolução* e da teoria oposta, a da *adaptação*; e por isso, quem desejar conhecêr por miúdo taes argumentos, póde vê-los nas obras de Sayce e Merlo[1].

§ 12.—Na nossa sciência, como em todas as outras, nada há mais perigôso do que procurar fazêr que prevalêçam princípios e sistemas subjectivos sobre a immensa variedade dos factos. Os próprios princípios, que constituíam a sciência da escola dos novi-grammáticos, vão já perdendo terreno, e alguns linguïstas chêgam a declará-los absolutamente falsos. P. Regnaud, professôr da universidade de Lyão[2], sustenta que as conclusões dos novi-grammáticos assentam em três êrros, que são: 1.º aceitar as raízes primitivas, que êlles receberam de Bopp sem exame, como Bopp as recebêra das grammáticas da Índia; 2.º negar os movi-

[1] P. Merlo, *Saggi glottologi e letter.*, Milão, 1890, p. 311-412. Quanto a Sayce, bastará vêr a tradução francêsa de Ern. Jovy, *Principes de philol. comparée*, Paris, 1893.

[2] *Éléments de gramm. comp.*, Paris, p. XVII-XXI.

mentos espontâneos dos sons e attribuir todas as modificações dêlles á influência dos protótipos fonéticos; 3.º admittir a constância das leis fonéticas na vastidão das linguas.

Quanto a êste último princípio, diz Regnaud que os próprios novi-grammáticos têm sido obrigados pela invencível lógica dos factos a repudiá-lo, embora, com evidente contradição, tenham pretendido mostrar-se fiéis ao método que se baseia naquêlle princípio. Quanto á analogia, não lhe nega importância para a propagação dos suffixos tipos; mas rejeita a analogia fonética, no sentido em que a tomam os novi-grammáticos.

A nós, porém, afigura-se-nos que, inda por êste lado, tal princípio não é isento de valôr; e, se bem que, como observa Regnaud, os ignorantes possam abusar dêsse princípio, explicando tudo com êlle, não é isso bastante para que lhe contestemos qualquer valôr real.

§ 13. — Pareceu-nos necessário insistir um pouco sôbre o desenvolvimento da glottologia clássica, porque ella constitue a base ou o ponto de partida para todos os outros ramos da sciência, estabelece o método das investigações e descobre as leis mais geraes que governam as línguas. Quanto ás ramificações que surgiram contemporaneamente, ou logo após da glottologia clássica, são ellas tão numerosas como os ramos das línguas, e claro é que não poderíamos aqui acompanhar-lhe o desenvolvimento; mas é occasião de notar que algumas dessas ramificações adquiriram extraordinário desenvolvimento e direcção especial.

Impossível occupar-nos aqui dos estudos especiaes sôbre as línguas clássicas, porque, á parte os glottólogos em geral, que mais ou menos se lhe dedicaram, a falange dos especialistas é extremamente numerosa, não só quanto a trabalhos grammaticaes, loxicológicos ou de meras edições de textos, mas inda quanto a trabalhos comparativos, feitos ás vêzes em campos um tanto restritos.

Entre os indianistas italianos ou italianizados, não se deve todavia omittir o nome de Gaspar Gorrésio e Miguel Kerbaker, tradutôres dos célebres poëmas *Ramaiana* e *Mahabharata;* bem como os nomes de Angelo de Gubernatis e F. L. Pullè.

Depois do indiano, o grupo que mais attenção attrahiu foi o irânico, a respeito do qual se devem citar os trabalhos do francês Burnouf, o descobridôr do zenda, a língua sagrada dos mais antigos povos da Pérsia, e descobridôr da affinidade dessa língua com o sânscrito.

Pelo caminho aberto por Burnouf desfilaram notáveis linguïstas, como H. Brockhaus, F. Spiegel, Westergaard, M. D. Speheryarji, F. Justi, A. Hovelacque; e acrescentemos que o descobrimento de Burnouf auxiliou, se não occasionou, outro importante descobrimento. Referimo-nos á decifração das inscrições cuneiformes, abertas em monumentos e em rochêdos da Pérsia e da América, decifração obtida por Grotefend e Rawlinson, com o auxílio do zenda e do persa moderno. É realmente assombrôso que aquellas summidades lingüísticas extrahissem uma língua das alludidas inscrições,

que afinal são umas enfiadas de simples sinaes oblongos, em fórma de cóne, dispostos entre si de várias maneiras, e que dantes constituíam absoluto mistério, ignorando-se de que lado se deveriam lêr e se continham sinaes para a separação das palavras.

Conseguiu-se também descobrir outro ramo irânico, o persa antigo, falado 500 annos antes da nossa era, e descobriram-se as inscrições de Ciro, Dario, Xerxes e Artaxerxes. Destas inscrições há hôje edições, traduções, diccionários, grammáticas.

No campo ítalò-grêgo surgem estudos, uns após outros, sem paragem nem desânimo, dêsde que esse campo foi desbravado por celebridades como Corssen e Curtius. Citemos, como notabilíssima, a recente *Grammática histórica da lingua latina*[1]. O plano desta obra é devido os filólogos Schmalz, C. Wagener, Landgraf, e nella cooperaram H. Blase, Thüssing, Weinhold.

Quanto ao grêgo, bastará recordar D. Pezzi, e V. Inama, se bem que os trabalhos dêste último são especialmente filológicos.

Enormes progressos se estão realizando na investigação scientifica dos idiomas paleo-itálicos. Do osco, do úmbrico e do falisco não só se decifraram antigas e corroídas inscrições, mas até se restabelecêram os elementos fónicos e se fixaram as leis grammaticaes.

Os materiaes etruscos, embora inda obscuros por motivos etimológicos, desvendaram a affinidade entre o latim e o grêgo.

---

[1] *Historische Grammatik der latein*, Lípsia, 1894.

Finalmente, o próprio veneto, que com o messápico offerecia ás interpretações a maior resistência, está hoje muito menos obscuro, graças ás recentes investigações do erudito F. Cordenons[1].

Do ramo céltico, a mais antiga língua que se falou na Inglaterra e na Gállia, e, segundo alguns, a primeira língua árica que se introduziu na Europa, estendendo-se á Germânia e á Hispânia, occupou-se principalmente E. Lhugd, Zeuss com a sua *Grammática céltica* (Lipsia, 1853), W. Stokes, Diefenbach, C. Nigra, J. Rhys, Ascoli, E. Quirin, J. Loth.

Quanto a estudos sobre o ramo germânico, lançoulhes as bases Jacob Grimm, com a sua *Grammática* e a sua *História* da respectiva língua; e, quanto ao subramo gótico, devemos mencionar Von Gabelents, Löbe, Stamm, Meyer, que se estribam principalmente no texto de Ulfila. Depois, depara-se-nos uma infinidade de autôres para todos os outros sub-ramos, o baixo e o alto-alemão, o escandinavo, e os grupos especiaes de cada um dêstes sub-ramos. O lituano póde dizêr-se que foi descoberto ou, pelo menos, esclarecido a primeira vêz por Schleicher, que dêlle nos deixou, em 1856, a grammática e, no anno immediato, uma collecção de leituras.

O mesmo Schleicher lançou os fundamentos da glottologia eslava com a sua *Morfologia do eslavo ecclesiástico*, (1892), seguida de uma *Grammática com-*

[1] *Un pó piú di luce sulle origini dell'idioma... degli Euganei veneti*, Venêza, 1894.

*parada da língua eslava* por Miklosich, (1856), e um *Lexicon paleoslovenico-graeco-latinum*, pelo mesmo, (1865).

§ 14. — Cumpre indicarmos agora os progressos realizados pela glottologia no campo dos outros troncos lingüísticos.

É evidente que, para as línguas que entre si não apresentam qualquer ligação íntima e demonstrável, não é possível a *grammática comparada*, embora se possam tentar compensações. Quanto a estudos sôbre dialectos que não têm literatura e que se consideram insuladamente, taes estudos exercem-se num campo que é disputado igualmente pela filologia e pela glottologia.

Onde a sciência assentou pé firme foi na família semítica, com os trabalhos de Gesenius, Ewald, Sacy, Olshausen, Renan. Como a família árica, a semítica pôi á disposição dos estudiosos vasto material histórico, a par do material vivo. Demais, as poucas línguas, pertencentes a esta família, exibem um tipo especialíssimo, uniforme e constante através dos períodos históricos; de maneira que não é difficil a grammática comparativa. Ao contrário das línguas semíticas, as línguas indò-europeias sofrêram muito maiores atritos, e apresentam por isso transformações mais profundas, quase violentas.

§ 15. — Alludiremos de passagem ao problema da connexão do tronco semítico com o árico, que se ventilou há annos, e que parece esquecido, embora não tenha logrado resolução definitiva.

Schleicher entendia, e com êlle Renan e Fred. Müller, que o semítico deve considerar-se tronco fundamentalmente distinto do indò-europeu, e de origem totalmente diversa.

Contra esta opinião manifestou-se Raumer, (1863); e pouco depois Ascoli, e inda Delitzsch, o qual estabeleceu, habilmente e com sobriedade, alguns pontos de contacto, que poderiam têr-se como prováveis, entre os dois troncos.

Segundo Delitzscha, o triliterismo das raízes semíticas proviria de um anteriôr biliterismo; o som *p* do árico corresponderia ao *f* semítico, como o *v* ao *v* e ao *j*, etc. [1].

A dizêr a verdade, não bastam taes equïvalências para estabelecêr, de fórma inconcussa, a communhão de origem. Àlém de quê conviria não desprezar, como faz Delitzsch, os materiaes do assírio e do egípcio, deveria estendêr-se a comparação para fóra do léxico, isto é, até a estructura e grammática das línguas, o que talvêz não conduzisse a resultados muito satisfactórios.

Depois de Delitzsch, tratou da questão J. Grill, num artigo intitulado *As relações dos radicaes indò-germânicos e semíticos* [2]. Acostou-se ao autôr precedente e admittiu um estado prèhistórico insuladôr nas línguas

---

[1] Delitzsch, *Studien üb. indog. — semitische Wurzelverwandts*, Lipsia, 1873.

[2] *Giornale della societá orientale tedesca*, vol. XXVII.

semíticas e nas áricas, e foi levado a affirmar que a língua primitiva das raízes não possuía outra vogal, àlém do *a*.

Relativamente ás divisões lingüísticas em geral, convém têr presente, como muito bem observa Renan [1], que a glottologia não póde impôr-se á etnografia. As divisões das línguas e as divisões das raças nem sempre coïncidem, e seria muito arriscado deduzir daquellas uma conclusão de ordem antropológica. Fisiologicamente, um árabe ou um hebreu é da mesma raça do grêgo. A separação entre o tronco semítico e o árico funda-se inteiramente na glottologia, e só tem valôr para a glottologia.

§ 16. — Embora de índole um tanto diversa da grammática comparativa, os trabalhos de reconstituïção de línguas mortas occupam logar entre as glórias da nossa sciência. Quanto ao egípcio, o primeiro logar pertence a Champollion, que póde dizêr-se o descobridôr dos mistérios da escrita jeroglífica. Evidentemente, o mérito principal deriva da decifração, mas esta não se poderia realizar sem sistema e método rigorôso. Ora, Champollion não se contentou de desvendar apenas o significado daquêlles sinaes: empenhou-se na investigação e observação dos fenómenos lingüísticos que os mesmos sinaes lhe sugeriam, e conseguiu formar uma grammática completa e um diccionário.

---

[1] *De l'origine du langage*, p. 203.

Para o antigo egipcio, offerecem alta importância os trabalhos de Lepsius, Brugsch, Rougée, Maspero, Lenormant; para o copto, os trabalhos de Schwartze, C. Abel, Ewald, C. A. Busch, H. Clarke, Peyron.

Quanto ao egipcio, a glottologia apenas começou a dispôr os materiaes e a frisar os pontos que poderão constituir os melhores critérios para os estudos de comparação.

§ 17. — Relativamente aos outros grupos lingüísticos, pouco tem adiantado a crítica scientífica. Em geral, faltam-nos obras de exclusiva índole glottológica; pelo menos, são raríssimas. Os estudos sôbre grande parte dos grupos lingüísticos, não considerados inda como famílias, (e famílias são, àlém da semítica e da indòeuropeia, a uralò-altaica, a chinêsa, a bânta, a malaiòpolinésica), póde dizêr-se que se acham no mesmo estado primordial e confuso, em que se achavam os estudos áricos em fins do século XVIII. Entrevê-se àquém e àlém uma ou outra tentativa de grammática comparada; mas nem todas as línguas estão sufficientemente conhecidas, a ponto de ministrarem material seguro á comparação scientifica. As fases históricas são inteiramente desconhecidas; só os glottólogos futuros as poderão conhecêr, ao menos quanto a uma limitada extensão de tempo, e utilizá-las, dado que nós lhes transmittamos os materiaes sufficientes, e dado que taes línguas não sejam suffocadas brevemente pelas línguas dos povos cultos.

Não obstante, a glottologia começou já a reünir,

com a investigação geral sôbre a naturêza da linguagem, todos os fenómenos esporádicos dos dialectos, inda não classificados ou estudados por fórma, que ministrem elementos para uma grammática comparativa.

Cumpre observar-se que nem todas as línguas apresentam entre si taes caracteres de semelhança, pelo menos no seu estado actual, que possam considerar-se como ramos de um único tronco. Na classificação das línguas, os chamados *grupos* não são, a bem dizer, em grande número de casos, senão reuniões, que comprehendem um conjunto multiforme de falas, imperfeitamente definidas e talvêz diversas entre si.

Estas classes provisórias têm sem dúvida bôa razão de sêr, que é — estabelecêr-se uma nítida linha divisória, que estreme das famílias bem definidas essas reüniões, e não distrahír a attenção dos glottólogos com tentativas inúteis ou prematuras. Antes que a glottologia possa lançar olhos para êste lado, decorrerão largos trabalhos de colheita e disposição dos materiaes filológicos. É o caso do chamado grupo *négro* da África. Entretanto, na própria África, o grupo das línguas *bantas*[1] elevou-se já á categoría de família e póde dizêr-se que já encontrou o seu Bopp.

§ 18. — Figura-se-nos oportuno alludir, em traços largos, á história dos progressos do conhecimento lin-

[1] *Ba* é prefixo do plural; e *ba-ntu* significa homens, no cafreal.

güístico em tal campo, sem mencionar as numerosíssimas obras especiaes, feitas por missionários a respeito de uma ou de outra língua, dêsde o século XVIII para cá principalmente, e remetendo o leitôr para a obra mais notável, que se tem escrito sôbre tal matéria, o *Esbôço sôbre as modernas línguas de África*, de R. N. Cust[1].

É natural que a lingüística africana tenha como ponto de partida as obras de L. Hervas, e de Adelung e o *Glossário* de Catarina, a que já nos referimos.

Hervas descobriu ou, pelo menos, foi quem primeiro notou que o antigo etíope e o amárico pertencem ao tronco semítico. No *Glossário* de Catarina mencionam-se trinta línguas africanas; e a obra colossal de Adelung foi grande subsidio, porque abrange campo enorme. Balbi, em 1826, no seu *Atlas geográfico*, em que conglobou os conhecimentos do seu tempo, deixou cinco tabellas especiaes, para as línguas africanas.

Mas quem primeiro consagrou á África um trabalho exclusivo foi Latham, com os seus *Elementos de filologia comparativa*[2]. Antes da publicação desta obra, já o autôr, em 1844, em York, tinha lido um discurso sobre a etnografia africana, baseado nos seus estudos lingüísticos; e em 1847 leu em Oxford um ensaio á cêrca da filologia etnográfica[3].

---

[1] *A sketch of the modern languages of Africa*, Londres, 1883.

[2] *Elements of comparative Philologie*, 1862.

[3] *On te present state and recens progress of ethnographical philology, as relating to Africa alone.*

Entre a leitura e a publicação daquêlle ensaio, appareceu a 2.ª edição da *Literatura* de Vater[1], que é obra minuciosa e completa mas muito genérica e relativa a todas as línguas conhecidas. Esta obra e os ensaios de Latham compendiam tudo que no seu tempo se sabía á cêrca de dialectos africanos.

As sociedades que, meado o século XIX, se organizaram para explorações, auxiliaram poderosamente o conhecimento das línguas africanas, especialmente a *Sociedade Etnográfica* de Paris, e a *Sociedade para a civilização africana* de Londres.

O livro do missionário Clarke[2], embora faça confrontos lexicológicos entre 294 línguas, e confronto dos nomes numeraes entre 388, auxiliou pouco as indagações scientíficas, porque os confrontos não eram estabelecidos com precisão e os materiaes não eram sufficientemente documentados.

Em compensação, os *Vocabulários* de Norris[3] sujeitaram todos os materiaes conhecidos a um claro juízo crítico. Norris não pertence ao número dos missionários ou viajantes, que escrevêram á cêrca das línguas africanas, para tornar conhecidas as palavras ou grammáticas, de que tiveram noticia em longa convivência com os indígenas.

O facto de se dedicar uma obra importante ás lín-

---

1 *Literatur der grammatiker*, 1847.
2 *Specimens of dialects*, Berwick, 1884.
3 *African Vocabularies*, Londres, 1841.

guas africanas, sem que o autôr tivesse estado em África, mostra que êlle ligava ao assunto interesse scientífico. A obra restinge-se a um limitado âmbito de oito línguas, faladas na costa occidental, entre o Senegal e o Níger. Àlém de uma parte literária, relativa ao *achanti*, contém o material lexicológico daquellas outras línguas, escropulosamente avaliado, documentado, e reduzido a uma só grafia.

Entre as obras de índole geral, fêz época, em 1856, a *Polyglotta africana* de Koelle, obra que abrangeu mais de 200 línguas e obtêve o prêmio *Volney*. Entretanto, como o autôr recolheu na Serra Leôa os seus materiaes da bôca dos escravos libertos, dêsde muito ausentes da terra natal, essa colheita tem limitado valôr. Têm porém valôr altíssimo as colheitas do grande viajante Barth, começadas a publicar em Gotha, (1862), sob o título de *Diccionários das línguas africanas*.

Registemos também que Livingstone, Stanley e Schweinfurt tiveram occasião de colhêr importantes materiaes e aventurar opiniões lingüísticas. Embora a autoridade dêstes grandes exploradôres derive especialmente de descobrimentos geográficos, não se deve negar que auxiliaram muito o conhecimento das línguas do interiôr da África. Livingstone colheu seguros e ricos materiaes para a língua *sechuana*, (em inglês, *setshuana*), que fôram utilizados por Bleek. Stanley têve o mérito de sêr dos primeiros que notaram a semelhança entre as línguas *suahíli* e *quixicongo*.

A obra mais completa, no gênero crítico e narrativo, obra que sintetiza e examina miudamente todos os

trabalhos anteriôres, é a de R. N. Cust [1]. A ella póde recorrêr, com grande utilidade, quem se queira dedicar a investigações sôbre qualquer grupo africano, pois que, àlém de uma vasta indicação das fontes, encerra a exacta e completa enumeração e delimitação de muitíssimas línguas e dialectos. Mas esta obra não se occupa quase nada da estructura das línguas, nem tão pouco da grammática comparada. A parte técnica, por assim dizêr, é evitada na alludida obra.

Á cêrca das línguas africanas, têm-se publicado *revistas* especiaes [2]; e é também recommendável a resenha bibliográfica sôbre as línguas africanas, devida á maravilhosa erudição e competência de A. F. Pott [3].

§ 19.— O grupo de línguas africanas, que principalmente entrou no dominio da sciência lingüística, é, como já indicámos, o *banto*. Pela sua admirável concordância na estructura dos prefixos pronominaes e por todas as outras analogias grammaticaes e lexicológicas, o *banto* não nos merece menos consideração que as outras famílias mais conhecidas, como a árica e a semítica; até nos merece talvêz mais, porque estas, se não

---

[1] *A sketch of the modern languages of Africa*, Londres, 1883.

[2] Por exemplo, *a Zeitschrift für afrikan, Berlim*, 1887-90; e o *Zeitschr. für Aegyptische Sprache.*

[3] *Intern. Zeitsch.*, vol. 3.º.

exploradas completamente, têm sido objecto, há um século, de minuciosas indagações, e aquella apenas têm sido superficialmente estudada.

Oportunamente, em logar próprio, notaremos os caracteres das línguas *bantas* e os limites geográficos dos povos que as falam. Por ora, o que é preciso é tornar conhecido que quem primeiro annunciou o facto da unidade das línguas sul-africanas foi o naturalista Lichtenstein, alemão, quando, commissionado pelo govêrno hollandês, estêve no Cabo da Bôa-Esperança, entre a primeira e a segunda occupação inglêsa, (1803-1806).

Em 1812, publicou êlle as suas viagens, em inglês e alemão, e numa memória, que publicou em 1808 numa revista berlinêsa, desenvolveu a ideia da unidade lingüística dos referidos idiomas; e, com o confronto de grande número de vocabulários, especialmente os de Moçambique, colligidos por um missionário jesuíta, chegou á inesperada conclusão da unidade da família das línguas sul-africanas, conclusão adoptada em 1812 Por Vater no *Mithridates*.

O mérito daquêlle descobrimento cabe pois a Lichtenstein. Os estudos de Marsdem podem dizêr-se contemporâneos da alludida notícia do *Mithridates*.

O assunto, poucos annos depois, era objecto de attento exame, por parte dos glottólogos alemães Gabelentz, Ewald e Pott, que deram ao facto confirmação scientifica e definitiva, ao passo que era também reconhecido e vulgarizado por Prichard, Ritter, e Latham.

Successivamente, os missionários da África do Sul

foram ampliando aquêlle ramo de línguas, desconhecidas dantes, e adicionando novas provas ao facto. Em 1812, Campbell encorporava na mesma família a língua *hereró*, Thompson o *tambúki* e o *delagôa*, Boyce em 1838 o *pongué* (*pongwé*) e o *suahíli*.

Froberville, francês, que, durante a sua estada nas ilhas Borbom e Maurício, colheu dos escravos, que ali se achavam, 2000 palavras que publicou em sua revista da *Sociedade Geográfica de França*, em 1845, chegava á mesma conclusão, por êlle índa ignorada, a que tinha chegado Lichtenstein.

Entre todos os missionários porém, que mais importância deram á característica da concordância nos prefixos sul-africanos, embora não chegasse a descobrir-lhes as leis, tem logar de honra o capuchinho italiano Bernardo Cannecattim, nos princípios do século findo.

Muitos outros notaram affinidades entre umas e outras línguas, mas a glória do descobrimento e proclamação dessa afinidade pertence sem dúvida ao mencionado alemão.

Depois dêlle, não houve hesitações, e quantos se ocuparam de línguas africanas reconhecêram aquella verdade, pelo menos implicitamente.

Álém dos citados glottólogos Pott [1] e Gabelentz [2],

---

[1] *Die Sprachen com. Kaffer-und Kongostamme*, in *Zeitsch. d. deut. morgenländ. Gesell.*, II, 5-26, 129-158.

[2] Ibid., I, 241.

os africanistas Wilson[1], Grout[2], Gumprecht[3], Appleyard[4] e muitíssimos outros a admittiram e demonstraram, embora em parte ou imperfeitamente.

A primeira e completa demonstração scientifica, isto é, a primeira grammática historicò-comparativa, organizada com o mais rigorôso método, foi iniciada pelo alemão Guilherme Bleek, que têve occasião de dedicar-se a taes estudos, quando dirigia na Cidade do Cabo a biblioteca de Sir Jorge Grey.

Trabalhou mais de 20 annos nêste assunto; e, quando em 1861 publicou o seu primeiro trabalho[5], já conhecia profundamente os mais importantes fenómenos das línguas africanas.

As conclusões, a que êlle chegou com aquêlle trabalho, não fôram precisamente as mesmas ou, pelo menos, não fôram as únicas, a que depois foi levado por processos mais scientíficos. Confrontados os *sinaes dos gêneros,* como êlle chama ás classes dos nomes nas

---

[1] *Comparative vocabulary...*, in *Journ. of the Amer. orient. soc.*, I, 341-381.

[2] *The Zulu and. oth. Dial.*, na mesma revista, I 397-433.

[3] *Ueder d. gross. südafrik.*, nos *Monatsb. d. Gessell. f. Erdekund in Berlin.*

[4] *The Kafir lang.*. Londres, 1850, § 1.º 12-23, p. 26-61, 377-383.

[5] *De nominum generibus linguaram Africae australis, copticae, semiticarum aliarum, que sexualium*, Bonna, 1861.

línguas africanas, entende êlle que derivam todos de uma só estirpe, da qual procedêram todas as línguas que êlle chama *sexuaes*, e a que pertence o tronco semítico, o indò-germânico e a língua copta.

Bleek procura nêste trabalho descobrir indícios da geneologia das línguas africanas. Em seu conceito, houve uma língua originária, de que procedêram todas as línguas humanas. Dessa língua saïriam dois ramos primários : um, a *grande estirpe da África austral*, como elle diz; e outro, o ramo *sexual*, de que proviria o grupo hotentote e os três sub-ramos — indò-germânico, semitico e copto.

Com esta sua obra, Bleek confirmava, àlém da affinidade das línguas sul-africanas, inda outro facto que, independentemente e quase contemporaneamente, era reconhecido por outros linguïstas[1], isto é: a connexão do grupo hotentote com as línguas hamíticas da costa do Norte.

Outros trabalhos publicou Bleek sôbre lingüística africana, até que em 1862 deu á estampa o primeiro volume da sua *Grammática comparada*[2], publicando o segundo sete annos depois, sub-intitulado *a concordância*. Com êste, confirma o facto já mencionado.

No prefácio da sua grammática *nuba* o illustre professor C. R. Lepsius, da Universidade de Berlim,

---

[1] J. C. Adamson, in *Journ. of the Amer. orient. soc.*, vol. IV, n.º 2; Logan, *Journ. of the Ind. Archip.*

[2] *A Comparative Gramm. of south Afr. lang.*

reduz a dôze os caracteristicos, com que as línguas *bantas* se distinguem do grupo hamítico :

1.° — Prefixos nos nomes, segundo as classes.
2.° — Ausência de gênero grammatical.
3.° — Prefixos nominaes.
4.° — Pronomes pessoaes, servindo de prefixos aos verbos.
5.° — Aliteração eufónica.
6.° — Uso de preposições em logar de posposições.
7.° — Posição do genitivo depois do nome que o rege.
8.° — Collocação do sujeito antes do verbo, e do verbo antes do objecto.
9.° — Inserção de um pronome depois do objecto e antes do verbo.
10.° — Terminação da síllaba só com vogaes que possam sêr nasaladas.
11.° — Freqüente reforço da inicial com um prefixo consonântico, especialmente com uma nasal.
12.° — O uso da tonalidade.

Para formar ideia mais concreta da glottologia *banta*, póde o leitôr consultar a citada obra de Bleek, aliás rara, e a primeira obra do autôr dêste Manual [1], na qual nos guiámos pelos trabalhos de Bleek, com alguns commentários, e também pelo trabalho de Fred.

[1] *Cenni de glottologia Bantu*, Turim, 1882.

Müller[1], bem como pelo de Brinker[2], notável pelo estudo sobre 15 prefixos e por várias considerações étnicas.

§ 20. — Como a índole dêste trabalho nos não permitte insistir no desenvolvimento histórico da glottologia em todos os ramos lingüísticos, limitemo-nos aqui a indicar de passagem o nome de alguns autôres, relativamente ao chinês, e bastará mencionar Klaproth, Rémusat, Guilherme Humboldt, Siebold, Estanislau Julien, Leão de Rosny, W. Schott, Endlicher, Gabelentz, Edkins, Hirth, Lobscheid, Misteli.

Todos os outros ramos lingüísticos têm importante bibliografia, mas não deteremos com ella o leitôr, certamente convencido de que a glottologia árica é que vai rasgando o caminho do progresso em todos os outros campos. Póde dizêr-se que os iniciadôres das novas investigações scientificas vieram das fileiras da glottologia clássica. Bastam, para exemplo, os estudos sôbre os dialectos indígenas da América, tão cultivados hôje, que quase constituem uma glottologia especial, como o provam numerosas revistas filológicas e os trabalhos de muitos lingüistas notáveis, como Brinton e Piling. Quem suscitou êste movimento scientifico na América foi o célebre indianista Whitney; e a maior parte dos mais illustres membros da mais conspicua sociedade lingüística do Novo Mundo, como Goodell, Goodwin,

---

[1] *Afrikanische Sprachen*, Viena, 1867.

[2] *Zur Sprachen Völkerkunde der Bantuneger*, 1869.

Humphreys, March, Hall, Sachs, Trumbull, são, mais ou menos, egrégios cultôres da glottologia indò-europeia ou semítica.

Dispensamo-nos, por agora, de mais indicações bibliográficas; mas não faremos ponto, sem recommendar aos que desejam ampla bibliografia estranha ás línguas indò-europeias, a obra monumental de Pott[1], pela vastidão que abrange e pela erudição que condensa.

---

[1] *Einleitung in die allgem. Sprachw.*

# CAPÍTULO III

## Fisiologia da linguagem

SUMMÁRIO: — Se a linguagem tem localização cerebral.— A faculdade da linguagem é peculiar ao homem.— Se é preciso chamar «articulada» a linguagem.— Ideias de Haeckel e dos evolucionistas sôbre a origem da linguagem articulada.— Dos sons em geral; o laringoscópio; voz e palavra. — Descobrimento de Helmholtz sobre a differença dos timbres, e descobrimento do mesmo e de Donders sôbre o diverso grau musical das vogaes.— Estructura do orgam vocal; a laringe; a glotte; as cordas vocaes constitutivas do côrpo vibrátil do instrumento.— O agente motôr dêsse instrumento; a traqueia.— A região faringô-laríngea — Região da bôca e do nariz.— Funcionamento do orgam vocal, o qual se aproxima dos instrumentos músicos de lingüêta.— Máquinas falantes de Weatsone e Faber. Laringe artificial de Gussenbauer.—Como actuam na fonação as diversas partes do orgam.— Formação dos sons da linguagem. Elementos geraes da palavra; ideías á cêrca do alfabeto fisiológico.— As vogaes.— Os ditongos e as vogaes nasaladas.— Filogênese e classificação fisiológica dos ruídos glótticos, que constituem as chamadas consoantes.— Série especial, vibrante e continua ou resonante.— As articulações labiaes.— As articulações linguô-apicaes.—As articulações linguô-dorsaes. —Princípios que devem regular qualquer sistema de transcrição.—Sistema genético das vogaes e das consoantes.—Necessidade de applicar o alfabeto fisiológico, mórmente na representação das raízes.—A determinação do valôr fonético e fisiológico de certos sinaes antigos resolve muitas dúvidas e controvérsias.

§ 1.— A ideia de que a faculdade da linguagem tem localização cerebral, e propriamente numa circunvolução do hemisfério esquêrdo, foi apresentada a

primeira vêz por Broca. Mas, em quanto êlle affirma que as outras nossas faculdades, e até as acções, existem, pelo menos rudimentarmente, nos irracionaes, e em quanto affirma que êstes possuem ideias, declara terminantemente que a linguagem articulada é superiôr ao alcance dos mesmos animaes. Nem poderia dizêr o contrário.

A tése, porém, que êlle assenta, de materializar a faculdade da linguagem, leva-o a considerar como provas o que não passa de hipóteses ou méros indícios.

Entretanto, a tal respeito, Broca serve-se de termos assás circunspectos. Aprendêr a linguagem, diz êlle, é o mais longo e penôso trabalho das crianças. Ora, estas acham-se próximas do estado embrionario, em que o desenvolvimento do hemisfério esquêrdo do cérebro é superiôr ao do hemisfério direito. E assim não repugnaria admittir que o esquêrdo, por hábito adquirido dêsde o princípio, encerre a faculdade da linguagem, embora também o direito funcione quando é preciso. No caso de uma lesão profunda no esquêrdo, o direito póde sempre comprehendêr e referir ás ideias as palavras ouvidas; mas não sabe reproduzir os sons articulados.

Broca todavia não pôde negar os casos de afasia, precedentes de lesão no hemisfério direito; e para sustentar a sua teoría, estabelece, mas sem provas, que, em taes casos, os afásicos tinham tido desenvolvimento precoce do hemisfério direito.

Como se vê, a localização da linguagem está longe

de sêr demonstrada scientificamente; e as recentes experiências dos fisiologistas não têm para nós grande valôr, embora alguém, que aspira ao titulo de glottólogo, procurando deslumbrar os profanos com ideias muito avançadas, tenha aduzido para o caso experiências dos fisiólogos alemães Fritsh e Hitzig á cêrca dos lóbulos cerebraes do *mais palradôr* animal..., o coêlho.

§ 2. — Darwin também diz que a linguagem articulada é peculiar ao homem, embora êste possa, como os outros animaes, exprimir os seus conceitos por meio de gritos inarticulados, gestos e movimentos dos músculos do rôsto. Portanto, seria perfeitamente inútil procurar nos brutos a céllula ou circunvolução cerebral da linguagem. A linguagem representa uma função muito complexa, que se relaciona com faculdades exclusivas do homem.

Não queremos invadir o campo das outras sciências, e menos aquêlle, em que a fisiologia e a psicologia pleiteiam encarniçadamente, aquella talvêz pela extensão das suas novas conquistas, e esta pela intransigência e antiguidade do seu império. Mas é evidente que, na linguagem, o pensamento, ou a ideia, entra como parte substancial; é evidente que a faculdade das palavras está vinculada intimamente com a faculdade de concebêr ideias geraes, a qual, dêsde Lock, o maior filósofo sensualista, é considerada como attributo especial do homem. O gallo quando canta, o cavallo quando rincha, não communicam ideias mas, sim, impressões e sensações. Fazêr sociedade com os homens

de intelligência inferiôr é permittido e talvêz plausível; mas com os brutos, e em nome da glottologia e da razão, não.

Como há porém quem affirme que os brutos possuem linguagem, da qual a nossa só differe na articulação, é necessário fixar o sentido desta palavra.

*Articulação*, em anatomia, quere dizêr ponto de contacto entre dois ou mais ossos, o qual torna possível o dobrar e movêr os membros. Para nós, *articulação* equïvale a *carácter sillábico* ou *partido em junturas*, (artículos), mediante sons fechados (consoantes) interpostos a sons abertos (vogaes). Mas um papagaio, uma máquina falante, um fonógrafo, faz ouvir sons alternados e não uma simples successão de vogaes; e, por outro lado, quase todas as línguas têm palavras, constituidas apenas por vogaes e que nem por isso deixam de pertencêr á linguagem humana. Realmente, não se poderá dizêr que o papagaio, quando canta por sua conta usa linguagem inarticulada, e, quando reproduz palavras humanas, usa linguagem articulada. Isto é apenas estropiar palavras e referir a uma ideia geral um termo já adoptado para exprimir uma ideia particular. A ideia, comprehendida precisamente na expressão abstracta *linguagem*, como já notámos, é esta: complexo de sinaes oraes, de que nos servimos na expressão do pensamento.

Usando da palavra nêste sentido estrito, nada mais é preciso para lhe determinarmos o valôr.

Perguntar-se-á: Como chamaremos então o nitrir do cavallo, o balar do rebanho, o coaxar das rans, etc.?

Como se queira, menos *linguagem*. A melhor expressão é *voz*. *Som* seria muito genérico e é também próprio de sêres inorgânicos; *voz* indica já uma fórma de intenção, mas não *consciência*, que os brutos não possuem e que está implicita na palavra *linguagem*.

Vê-se que os fisiologistas têm confundido duas coisas diversissimas: *linguagem* e *voz*. Como observaram que os brutos vozeiam e soltam urros ou silvos análogos a involuntárias interjeições inarticuladas, aos gemidos, aos gritos dos homens, (o riso é que não tem analogias), comprouveram-se em applicar a taes fenómenos communs a palavra *linguagem*. Mais avisados andariam, se deixassem a linguagem aos linguïstas.

§ 3.— Do que fica dito se infere que a linguagem abrange elementos mais importantes do que simples articulações, e que exprime muito mais. Mas não se admitta implicitamente a affirmação gratuita de alguns adversários — que a faculdade da articulação, isto é, a faculdade de podêr ligar e combinar sons, não foi sempre privilégio da espécie humana. Não tem fundamento sério a asserção de que o homem começou a articular na época quaternária, em quanto o seu apparecimento remonta á terciária[1]; como também é gratuita a ideia

[1] O antropólogo Lioy affirma que não há provas de que o homem haja existido na Europa em épocas anteriôres ao mamute, ao rinoceronte, ao bisonte, etc. Os mais antigos e indubitáveis vestígios reduzem-se, a meu vêr, aos dois esquelêtos, descobertos em 1886 por Marcel de Puydt

de E. Haeckel — que o homem procedeu do macaco, que êlle chama antropoide, e que devia reunir duas qualidades differentes das dos actuaes macacos e, acrescentaremos nós, dos macacos que os antigos índios descrevêram, há mais de 4000 annos, nas suas primitivas epopeias. As duas qualidades especiaes seriam : a posição vertical e a linguagem articulada.

Nesta base gratuita fundou naturalmente Haeckel a explicação da differença das laringes e da extremidade dos membros. Entende êlle que o aperfeiçoamento orgânico devia reagir necessariamente sôbre a differenciação do cérebro e das faculdades que lhe são inherentes; e daqui se abriria o interminável caminho do progresso ao homem, o qual, cada vêz mais, se teria afastando dos seus progenitôres.

Reconhece-se facilmente que, com tal sistema, se poderia provar a ideia mais falsa. Quando entre duas coisas diversíssimas se colloca alguma, parecida àquellas ambas, facilmente se poderá demonstrar que as duas coisas diversíssimas são a mesma coisa. Assim, em quanto a linguagem exerce innegável influência sôbre o nosso pensamento, é grandíssima a influência que o pensamento exerce sôbre a linguagem. Pelo que toca á articulação, tornamos a dizêr que só a nossa sciência, com os mais prudentes confrontos e com as possíveis reduções, conseguiu estabelecêr bases simples,

---

e Max Lobest nas grutas de Spy, (Namur). Sobre as raças prèhistóricas da Europa, veja-se Taylor, obra cit., p. 53-124.

mas sempre articuladas; e que as línguas dos povos mais incultos, boximanes, cafres, papuas, as quaes se podem suppôr no mesmo estado em que se achavam há milhares de annos as dos países cultos, apresentam a articulação.

É todavia natural que todos os fisiologistas, sectários da teoria darviniana, se esforcem por a applicar á linguagem. Mas é extraordinário que, para provar a descendência do macaco, dêem a maior importância á comparação do sistema ósseo, e se abstenham de confrontos a muitos outros respeitos [1].

§ 4.— A linguagem é privativa do homem; mas o meio natural, com que a *voz* se nos manifesta, pertence ao domínio dos fenómenos físicos. A *voz*, em geral, denota e especifica a qualidade dos sons, próprios de um instrumento. Portanto, *som* não significa senão um movimento particular da matéria, o qual realizando-se com certa rapidêz em tempo determinado, produz uma sensação em nosso orgão auditivo.

Sabe-se que, em física, os intervallos musicaes exprimem simplesmente a relação entre o número das vibrações sonoras. De fórma que são musicaes os sons que podem sêr comparados entre si, com relação ao timbre; em quanto os ruídos não podem sêr apreciados a tal respeito. Segundo Helmholtz, o som musical é caracterizado pela uniformidade ou pela regularidade

[1] E. Guyard, *Histoire du monde*, passim.

das vibrações periódicas e isócronas do côrpo sonoro e, portanto, das ondas aéreas que transmittem as vibrações ao ouvido; pelo contrário, o ruído póde resultar, já do amálgama de sons confusos e discordantes, já da extrema brevidade de um único som, cujo timbre o ouvido não chêga a apreciar.

Helmholtz, por meio dos *resonadôres* que êlle inventou, pôde analisar os sons elementares que entram na composição dos sons simples da voz. Outro instrumento, destinado a determinar o valôr dos sons da voz humana, foi o *laringoscópio*, o qual facilita o exame anatómico dos orgams produtôres do som durante a fonação, isto é, durante o funcionamento dêlles. Êste instrumento foi imaginado a primeira vêz em 1840 por Cagniard de La Tour, para observar a própria glotte. Consistia em introduzir na garganta um pequeno espêlho que, reflectindo-se noutro espêlho fóra da bôca, permittia a observação interiôr. Mas, com tal instrumento, apenas se conseguiu observar a epiglotte, e imperfeitamente.

Quem se póde dizêr que inventou o instrumento foi o espanhol Manuel Garcia, em 1855, que o fêz consistir num pequeno óculo, o qual, introduzido na bôca, deixa fazêr observações até o ponto em que a traqueia se bifurca nos tubos pulmonares.

Logo falaremos da estructura anatómica do orgam vocal; por agora, devemos notar que o ar, passando através das vias respiratórias, póde dar occasião a diversos sons, tendo uns o carácter de ruído, e outros o carácter de som pròpriamente dito. Inda que se podem

produzir sons, tanto aspirando o ar, como expirando-o ou respirando-o, os sons da primeira categoria são raros, produzem-se excepcionalmente e, em geral, sem intervenção da vontade, em casos de grande commoção, de terrôr, ou de viva angústia[1]. Pelo contrário, a totalidade dos sons da linguagem é produzida pela emissão do hálito, isto é, pelo ar que vem dos pulmões para fóra.

Esta corrente de ar, partindo do interiôr, é mais susceptível de continuïdade e, para sêr produzida, requere menos energia e actividade directa do que a aspiração.

O ar respirado poderia dar logar a uma grande quantidade de sons, diversos daquêlles, de que os povos geralmente se serviram na formação da palavra; mas, quase universalmente, deu-se preferência aos sons que mais facilmente se produziam. Entretanto, deparam-se-nos differenças bastante sensíveis, correspondentes ás raças e a grupos mais restritos da humanidade, e baseadas em parte nas especiaes modificações de uma língua-mãi.

De maneira que o alludido motivo de preferência,

---

[1] Entre os sons oraes, produzidos pela aspiração do ar, occupa o primeiro logar o beijo, que, mecanicamente, não é mais que o ruído dos lábios, produzido por uma corrente, que vai do exteriôr para o interiôr. Nem êsse som nos parece natural ao homem, visto como é mister ensiná-lo ás crianças. Agora, perscrutar a causa do sentimento e do prazêr que acompanha o beijo, não são attribuïções nossas mas, sim, da fisiologia.

estribado na facilidade de emissão e juxtaposição dos sons, representa sempre um carácter relativo. Na conversação ordinária, em voz alta, a palavra articulada consta de um conjunto de sons e ruídos. Só quando se cochicha, é que o som propriamente dito é nullo, ou quase nullo. Com o nome de *voz*, indica-se a participação dos dois elementos na formação do som articulado; mas, com aquelle nome, póde também designar-se o timbre que o som da palavra assume, como quando dizemos, *voz forte, voz sonora*. Sob êste ponto de vista, a *voz* é, em absoluto, independente da *palavra*, e todos sabem que muitas vêzes a palavra cantada não se comprehende, sem que disso se possa censurar o cantadôr. E no mesmo sentido se emprega o termo, quando, por exemplo, dizemos *a voz das aves*. A *palavra*, pelo contrário, consta de combinações de sons, produzidos com o fim de communicar o pensamento.

§ 5.—Devemos a Helmholtz o grande descobrimento das vibrações compostas e da razão da variedade do timbre, e por isso podemos hoje determinar a exacta configuração de certas vibrações compostas e a presença ou a ausência das notas harmónicas que acompanham qualquer nota e que produzem a variedade dos timbres. Foi êlle quem primeiro observou que as notas harmónicas, que acompanham a vogal *a*, são diversas das que acompanham a vogal *e* ou *ê*; e pôde estabelecêr o princípio de que a cavidade buccal não reforça igualmente os sons secundários ou as harmonias que compõem um som oral, e de que a differença

de timbre ou de colorido entre as vogaes depende da variedade do reforço glóttico. Se um homem canta a mesma nota sôbre vogaes differentes, as notas harmónicas variam, como variariam se a mesma nota fôsse extrahida de dois instrumentos differentes.

Êste princípio, descoberto por Helmholtz, tem servido a Edison, como se sabe, para as suas conhecidas e utilissimas applicações.

Àlém disso, dos trabalhos daquêlle notável físico, outro princípio se deduziu: que uma nota fundamental corresponde a qualquer disposição especial das diversas partes do canal aéreo para a producção de uma vogal.

O facto, porém, de que, para as differentes vogaes, a cavidade buccal está disposta em diversas claves ou graus, foi descoberto por Donders, se bem que rectificado e confirmado por Helmholtz. Quando as vogaes se proferem muito baixo, recebem determinada feição da configuração da bôca, mas não têm um definido grau musical, embora se possam descobrir e sejam invariáveis certos sons vagos, inherentes a essas vogaes.

As vogaes, proferidas assim em voz baixa, não se podem dizêr sons, nem também ruidos, e sabe-se que os limites entre estes termos não se puderam inda definir bem. O que é preciso notar é que as vogaes, proferidas como quando ordinariamente se fala, constituem verdadeiros sons; e é impossivel cantar, sem que ao mesmo tempo se pronuncie uma vogal.

Devemos lembrar que qualquer som, embora parêça único ao commum dos ouvidos, consta de certos

sons secundários ou parciaes, chamados *harmonias*. Quando se faz vibrar uma corda, o som produzido é o resultado da vibração simultânea de todo o comprimento da corda e da metade, de um terço, de um quarto, etc., do mesmo comprimento. Êstes sons secundários, que o ouvido apurado póde percebêr, podem reconhecêr-se praticamente com experiências simplicíssimas.

Voltando a Helmoltz, os seus trabalhos vieram estabelecêr: 1.º— que a cavidade da bôca não reforça igualmente todos os sons parciaes que compõem um som, derivando daqui a differença do tímbre das vogaes; 2.º— que uma nota fundamental corresponde a qualquer disposição particular do tubo vocálico para a produção de uma vogal.

Eis o quadro comparativo, que indica a elevação das vogaes:

| | SEGUNDO DONDERS | SEGUNDO HELMOLTZ |
|---|---|---|
| u ..... | fa $/_2$ ..... | fa $/_1$ |
| o..... | re $/_2$ ..... | si b $/_2$ |
| a..... | si b $/_2$ ..... | si b $/_3$ |
| al. ö, fr. eu... | sol $/_2$ ..... | ut a $/_4$ |
| al. ü, fr. u.... | la 3 ..... | sol $/_4$ la b $/_4$ |
| e..... | ut a $/_4$ ..... | si b $/_4$ |
| i..... | fa 4 ..... | re $/_5$ |

As differenças provêm de que Donders, desajudado de diapasão, não póde determinar ao certo as oitavas a que pertenciam os sons, e inda de que Donders exa-

minava a pronúncia hollandesa, em quanto Helmoltz se referia á pronúncia do alemão do norte.

De facto, observa Helmoltz, se modificamos a disposição da bôca, de modo que passemos successivamente de *a* para *o*, a resonância correspondente sái successivamente de uma oitava até o *si b/3*. Êste som corresponde ao *a* do alemão do norte; para o *a* inglês e italiano a resonância torna-se *re/4*, isto é, um têrço inda mais alta. O *a* apresenta realmente especiaes variedades de sons, procedentes das pequenas variações quanto a elevação e resonância.

§ 6.— Qualquer instrumento, para que tal se considere, deve possuir êstes três elementos: côrpo sonoro vibrante; agente motôr, e côrpo reforçado.

O orgam vocal possue exactamente êstes três elementos na laringe, e mais particularmente nas cordas vocaes que êlle tem no canal aéreo sub-laringeo, compôsto de traqueia e brônquios, e no tubo sonoro resonante, que vai da laringe até o orifício da bôca e do nariz.

Todo o mecanismo da palavra apresenta grande simplicidade no seu conjunto. O ar, saindo dos pulmões, e atravessando a traqueia e a laringe, póde fazêr vibrar, ou não, as cordas vocaes; e temos assim duas categorias de sons, tomada esta palavras no sentído mais geral. Depois, a corrente de ar póde fazêr-se saír pelo nariz ou pela bôca, e daqui outra subdivisão. Finalmente, na bôca, a corrente, sonorizada ou não, recebe a última feição particular, consoante a fazemos

sair por um estreitamento da garganta, da língua, dos dentes ou dos lábios.

Quanto á corrente de ar expirado, convém repetir que ella é essencialmente apropriada a produzir sons, especialmente a successão de sons que a palavra exige. Essa corrente póde vir reforçada, quere fazendo succedêr a uma respiração tranquïlla uma respiração mais enérgica, quere introduzindo primeiro maior quantidade de ar no pulmão.

A parte mais interessante do orgam vocal, e que constitue, como dissemos, o corpo sonoro vibrante, é a laringe [1]. O seu orificio superiôr, que é de fórma oblonga, mas mais larga numa das extremidades, chama-se *glotte*, que é flanqueada pelas *cordas vocaes*, as fibras vibráteis da voz. As parêdes da laringe são constituidas por cartilagens móveis, umas sobre outras, articuladas, e postas em movimento por differentes músculos; o interiôr é revestido da mesma mucosa que cobre a superficie das vias respiratórias.

As cartilagens da laringe, isto é, a *tiroide*, a *cricoide* e as duas *aritenoides*, constituem partes necessárias, já para estirar e reforçar as *cordas vocaes*, já para dar fórma e funcionamento regular á laringe.

A *tiroide* occupa a parte superiôr e inferiôr da laringe, determinando-lhe a fórma externa; e tem inserta na orla superiôr e na face posteriôr a *epiglotte*,

---

[1] C. H. Meyer, *Les organes de la parole et leur emploi pour la form. du lang.* (Trad.) Paris, 1885.

cartilagem elástica, semelhante a uma folha prêsa pela extremidade mais aguda.

A *epiglotte*, que funciona como uma válvula, serve para fechar a glotte quando se ingerem os alimentos, de maneira que êlles passam sôbre a laringe sem nella entrar, e se introduzam no esófago. A *tiroide* exerce a importante função de estirar ou reforçar as cordas vocaes.

A *cricoide* é, por assim dizer, a base arquitectónica do apparêlho, e é formada por um círculo que rodeia o tubo traqueal, onde êste termina, para se alargar na laringe. É ella que tórna rígida e fixa a base da glotte. Prendem-se á cricoide os principaes músculos que põem em movimento as várias partes da laringe, como os músculos *cricò-aritenoides* e *cricò-tiroides*.

Na parte superiôr e anteriôr da *cricoide* acham-se as cartilagens *aritenoides*, as quaes, sob o impulso da vontade, apertam a abertura anteriôr da glotte, (*parte vocal* da glotte), em quanto a parte posteriôr, (*parte respiratória*), se conserva sufficientemente aberta, para dar livre accesso ás vias aérias. Com o estreitamento da parte anteriôr, as cordas vocaes aproximam-se, e, sob a acção do ar, vibram. Effectivamente, está demonstrado que a glotte, para podêr produzir som, não deve ter mais que dois millimetros de largura, e que, no estado de descanso, isto é, quando se não fala e só se respira, apresenta muito maior abertura.

A parte da laringe, que verdadeiramente constitue o côrpo vibrátil, são as *cordas vocaes*. Como guardas da entrada da laringe, mostram-se dois pequenos corpos,

achatados, esbranquiçados, dirigidos de trás para diante, e um pouco de cima para baixo, deixando entre si um espaço elliptico para a passagem de ar. São as *cordas vocaes*.

São mais grossas nas extremidades, as quaes se ligam á laringe, mas, para o centro, são delgadissimas, e é exactamente nesta parte que ellas vibram, á passagem do ar. O seu comprimento varia segundo os indivíduos, os sexos, a idade, o que explica a variedade dos timbres da voz humana.

Segundo Fourié[1], as cordas vocaes, quando nascemos, têm $0^m,008$ de comprimento; dos déz aos quinze annos, $0^m,015$; dos quinze aos vinte, $0^m,020$; dos vinte aos trinta, $0^m,25$ ou $0^m,03$. Nas mulheres, o máximo desenvolvimento attinge $0^m,022$.

Deve notar-se que na laringe há duas partes essencialmente distintas: o apparêlho vocal propriamente dito e a cavidade superiôr da laringe. Esta cavidade representa um espaço neutro entre o apparêlho da voz e a laringe, e exactamente entre as cordas vocaes e o ôsso ioide. Êste ôsso fica a $2\frac{1}{2}$ centímetros ou 3 acima do bôrdo superiôr da cartilagem tiroide. E assim, por meio de membranas e ligamentos, a laringe está suspensa do ôsso ioide, e portanto da base do crânio, de uma fórma estável, mas sem perdêr a sua liberdade de movimento.

Recapitulando, vê-se que:

---

[1] E. Fourié, *Physiologie de la voix et de la parole*, Paris, 1866.

1.º— A laringe funciona como côrpo vibrátil no instrumento oral.

2.º— O que especialmente vibra, quando se fala, são as margens livres do revestimento elástico da laringe, isto é, as cordas vocaes.

3.º— Para effectuar a vibração, aquellas margens aproximam-se, por meio das cartilagens aritenoides e dos músculos análogos, de maneira que se deminue o orifício apresentado pela glotte.

§ 7.— Já dissemos que o agente motôr do nosso instrumento é constituído pela traqueia. Esta é um tubo de membrana fibrosa, que põi em communicação a laringe com os brônquios e, portanto, com os pulmões; tubo revestido de uma série de anéis cartilaginosos, que o mantêm sufficientemente largo, para a passagem do ar.

O primeiro dêsses anéis, aquêlle que está depois da cricoide, é um pouco mais largo que os outros; e o último é contrahido no meio, por fórma que a sua abertura se decompõi em dois meios anéis, que constituem o princípio dos brônquios.

Todos êstes anéis cartilaginosos, ligados uns sôbre os outros por membranas fibrosas, não são anéis inteiros, porque lhes falta quase um têrço da sua circunferência, na parte de trás da traqueia. E, assim, a traqueia póde dilatar-se ou contrahir-se, e portanto aumentar ou deminuir o seu volume de ar, o que não seria possivel, se os anéis fossem inteiros. Êsses movimentos de dilatação e contracção são realizados por

fibras musculares, situadas na parte posteriôr e fibrosa da traqueia, e insertas horizontalmente sôbre as duas extremidades dos anéis e sôbre a membrana que prende essas extremidades.

É notável êste facto: a própria substância da traqueia e das suas ramificações encerra, por baixo da mucosa que a reveste, uma espêssa e resistente camada de fibras elásticas, que se estendem no sentido do comprimento dos canaes aéreos, e que vão envolvêr por todos os lados as vesículas pulmonares.

Êste tecido elástico póde comparar-se ao cauchu. Effectivamente, cada fibra possue uma extensibilidade evidente e considerável; a sua elasticidade recondu-la á fórma e grandêza primitiva, dês que cessou a causa que a distendia.

Os *brônquios* são dois tubos, em seguida ao último anel bifurcado da traqueia, e acabando numa série de subdivisões e ramificações na substância pulmonar. Têm anéis incompletos, que vão deminuindo de volume e rigidêz, até se confundirem na membrana fibrosa.

§ 8.— A última parte do instrumento oral é constituída pelo canal aéreo, que vai do orifício inferiôr da laringe até as narinas e os lábios, e que se chama complexamente tubo vocal ou tubo sonoro.

Esta parte do instrumento divide-se em três regiões distintas: região faringò-laríngea, região buccal e região nasal, correspondentes ás três cavidades indicadas naquellas palavras.

O espaço, que a corrente de ar, saída da laringe,

encontra antes que passe pelas fossas nasaes e pela cavidade buccal, é a *faringe*, em que terminam e se juntam aquelles dois vehiculos aéreos.

A faringe é o prolongamento immediato do esófago, no sentido ascendente, e é constituída por um canal formado de membrana mucosa, que encerra uma camada musculosa. De trás e dos dois lados, tem uma parêde espessa; mas anteriormente está em communicação patente com as três cavidades que, começando de baixo, são: a laringe, a bôca e o naríz.

A importância da faringe para a formação da voz não deriva só da sua susceptibilidade, da sua ligação com as cavidades da bôca e do naríz, mas também, e especialmente, de que termina num tubo de embocadura na cavidade superiôr da laringe, tubo de grandêza variável, o que lhe permitte influír na elevação e na gravidade do som.

A sua fórma não é circular nem se dirige em linha recta.

Os músculos principaes da faringe são três; segundo a sua situação, chamam-se: *constrictôres inferiôres, médios e superiôres da faringe;* e, segundo os pontos de resistência a que se ligam, isto é, a laringe, o ôsso hioide, o maxillar inferiôr e a base do crânio, chamam-se *laringò-faringeos, hiò-faríngeos* e *gnatò-faríngeos.*

Na parte anteriôr, isto é, na bôca, a faringe encontra na parte molle do palato o *véu palatino.* Êste constitue uma espécie de válvula flexível, que pende da extremidade posteriôr da abóbada palatal e que, se-

*

gundo a posição que toma, póde insular da faringe a cavidade buccal, como póde insular a parte da faringe que está em communicação com a bôca.

O véu palatino tem prêso ao centro um appêndice, a *úvula,* que vulgarmente se diz *campaínha* e é constituída por músculos, glândulas, tecido cellular e mucosa, servindo para humedecêr a base da língua; e tem igualmente músculos, cujos movimentos dilatam e contrahem a cavidade buccal e as fossas nasaes. Assenta de cada lado sôbre bases duplas, chamadas *pilares* da abóbada palatal, as quaes partem dos lados da base da língua e se elevam, convergindo uma para a outra.

Entre aquêlles pilares, acham-se os corpos glandulares, chamados amígdalas. Estas não contribuem directamente para a fonação, e servem para lubrificar, com o líquido que segregam, a parte posteriôr da bôca.

§ 9.— A segunda região do canal aéreo é formada pela cavidade buccal, que, na classificação natural dos orgams, pertence ás vías digestivas, contendo os apparêlhos mecânicos necessários para a divisão e trituração dos alimentos sólidos, as glândulas salivares, cuja secreção prepara a dissolução dos alimentos, e o mecanismo com que o bôlo alimentício, apenas formado, é lançado no esófago, passando pela faringe.

A cavidade da bôca, em communicação com a faringe, póde sêr utilizada como vía aérea, tanto na inspiração como na expiração, que é acto essencial na formação dos sons da palavra; e são exactamente as partes da bôca que, com os seus diversos movimentos

e disposições, dão fórma particular á dita cavidade, produzindo a variedade dos sons.

Esta cavidade é limitada, á frente, pelos lábios, e atrás pelo chamado *ístmo da garganta*, passagem estreita entre a bôca e a faringe, limitada em cima pela abóbada palatal e em baixo por uma membrana mucosa, que vai do lábio inferiôr até á margem superiôr do ôsso hioide, estendendo-se sôbre o maxillar inferiôr.

As duas ordens de dentes penetram no interiôr da bôca, atravessando a mucosa. As *gengivas* constituem a parte da mucosa que está mais próxima dos dentes e sòlidamente ligada aos bordos ósseos em que os dentes estão inseridos.

O abrimento da cavidade buccal realiza-se com o abaixamento do ôsso maxillar inferiôr, em quanto o superiôr se mantém sempre fixo ao crânio; e dêsse abrimento depende a variedade das vogaes, como logo veremos.

A grande mobilidade das diversas partes da bôca, especialmente dos lábios e da língua, mobilidade resultante de um complicadissimo sistema de músculos, explica a faculdade, que a bôca têm, de assumir fórmas diversíssimas, demonstrando assim alta importância para a formação dos sons articulados. De facto, existe a mais íntima relação entre as fórmas, tomadas pelas partes da bôca, e os sons produzidos.

Os lábios são duas bordas de pelle, situadas transversalmente, para determinar e circunscrevêr a abertura da bôca. É grandíssimo o número dos músculos perten-

centes aos lábios. Os principaes são dezanove, entre os quaes mencionaremos: o *orbicular*, que é commum aos dois lábios e serve para contrahir o orifício da bôca e estendêr os lábios para diante; os *elevadôres superficiaes* e os *elevadôres internos*, que levantam o lábio superiôr; o *quadrado do mento*, que faz abaixar o lábio inferiôr; os *caninos;* os *grandes* e os *pequenos zigomáticos*, os *triangulares*, etc.

Para a fonação, a língua é a mais importante das partes da bôca. É dotada de extrema mobilidade, porque é séde de numerosas fibras musculares, e porque nella actuam músculos independentes, que procedem de determinados pontos ósseos.

Entre os músculos da língua, conta-se: o *lingual longitudinal inferiôr*, o *superior* e o *transversal*, os quaes só influem na fórma que a língua póde tomar. Mas há outros músculos, que, determinando mudança de posição no côrpo da língua, podem ao mesmo tempo modificar-lhe a fórma. Êstes procedem de pontos fixos, terminam na língua, depois de um percurso livre, mais ou menos curto, e são: o *geniò-glosso*, que faz estendêr a língua, até que a ponta desta assente no lábio inferiôr; o *hiò-glosso*, que repuxa a língua para trás e para baixo, fazendo-a recurvar sôbre a abóbada palatal; e o *estilò-glosso*, que impelle o côrpo da língua para trás e para cima, comprimindo-o contra o palato.

Êstes três movimentos principaes da língua, necessários para a função da digestão, contribuem também para a formação dos sons articulados.

A terceira região do canal aéreo é formada pelas fossas nasaes, que são duas cavidades, uma ao lado da outra, separadas por uma lâmina óssea e cartilaginosa. Formam ellas um canal que atravessa, de diante para trás, os ossos do rôsto, canal que é estreito nas duas extremidades e largo no meio. Deixando a descripção minuciosa desta região, bastará registar que a circunstância de sêrem as ditas cavidades limitadas, pelo menos em parte, por parêdes ósseas e cartilaginosas, é muito favorável á emissão e ao refôrço dos sons.

§ 10. — Descrito o orgam vocal, vejamos como êlle funciona.

Advirta-se, dêsde já, que, do que fica expôsto, se infere que o orgam vocal não é comparável a nenhum instrumento musical; aproxima-se porém daquella categoria de instrumento de *palhêta*, ou mistos, que produzem o som pela vibração de uma pequena lâmina, se bem que a palavra *cordas*, na expressão *cordas vocaes*, deve sêr tomada no sentido de *membrana vibrante*, e não no sentido de fios cilíndricos.

As *palhêtas*, nos instrumentos de sôpro, são geralmente rigidas, de maneira que vibram numa extremidade, e estão fixas noutra. No nosso orgam, a *palhêta*[1] é formada por uma substância que é susceptivel

[1] Em vêz de *palhêta*, o autôr serve-se da expressão *lingüêta;* mas êste vocábulo, em tecnologia musical portuguêsa, só serviria para designar um pedaço de pau, que se collocava na extremidade dos martinêtes dos antigos cravos. (*N. do tradutôr*).

de se tornar rígida, mediante a tensão, e vibrar no centro, tendo fixas ambas as extremidades. A vibração realiza-se, por assim dizêr, como a que as crianças produzem com um pedaço de papel fino, conservando-o tenso de ambos os lados, aproximando dos lábios o centro do papel e soprando-lhe.

Entre o funcionamento do orgam vocal e o dos instrumentos musicaes de sôpro há uma differença particular, e é: que taes instrumentos, para a produção de qualquer som, precisam uma palhêta, que é de metal ou de madeira [1]; e o orgam vocal, com um só par de palhêtas membranosas e elásticas, possue uma escala de sons que se elevam a duas oitavas e meia, se não a três, e até, nalguns artistas vigorosos, a três e meia. Eis a razão, por que os instrumentos de cordas de tripa, especialmente o violoncello, imitam melhor o timbre da voz humana, do que os instrumentos de sôpro.

Quem primeiro construiu uma máquina falante foi Ch. Weatstone, (1857), que a fazia proferir os sons da palavra e até palavras inteiras. Posteriormente, M. Faber melhorou essa máquina, reproduzindo em cauchu a laringe, a faringe, a bôca, a língua, o nariz, e empregando, como lâmina vibrante, uma pequenina tira

---

[1] *Metallo o legno,* diz o autôr, mas não parece bem exacta esta noção da *palhêta.* Há palhêtas simples e palhêtas duplas; as simples são de cana ou de metal; e as duplas são sempre de cana. Vej. *Diccion. Musical* de Ern. Vieira.

(*N. do tradutôr*).

de marfim. A corrente do ar era estabelecida por um folle.

Mas há mais: chegou-se a construir artificialmente a laringe e a adaptá-la a qualquer indivíduo que tinha doente a sua própria e que, com a laringe artificial, tinha o meio de articular sons e fazêr-se entendêr. Tal operação foi realizada a 10 de setembro de 1877 no hospital de Glasgow pelo professôr David. A *palhêta* vibrátil era de prata; e, tendo-se experimentado, para êsse effeito o marfim, o côrno, a vulcanite, verificou-se que o som mais suave e mais natural era produzido por palhêtas metállicas.

O têr-se chegado a imitar com máquinas especiaes a função do orgam oral e, inda mais, a substituir um orgam doente por outro, artificial, que corresponde sufficientemente ás exigências da palavra, é prova evidente de que a palavra está sujeita ás leis físicas, que governam todos os fenómenos sonoros.

§ 11.— Dissemos que o tubo condutôr do ar é constituído pelos brônquios e pela traqueia. Estas partes não têm grande influência no carácter especifico dos sons, mas é necessário certo comprimento para acommodação das vibrações laríngeas, as quaes podem produzir sons graves ou agudos, já pelo estreitamento ou dilatação do canal, segundo a sua contractilidade, já pelo seu encurtamento ou alongamento, determinados pelo movimento de descida ou de subida da laringe.

Quanto aos pulmões, os quaes realmente não operam senão como fôrça motriz, ou folle, na producção

da corrente aérea, deve notar-se êste facto: no estado de descanso, a inspiração é igual á expiração; e, quando se fala, a primeira realiza-se rapidamente, e a segunda prolonga-se muito. Quer isto dizêr que os pulmões, quando falamos, fazem aspirações profundas mas rápidas, absorvendo, de uma vêz, grande porção de ar, que depois vamos transmittindo, pouco a pouco, ao apparêlho oral.

De facto, como já vimos, é só o ar expirado que produz a palavra. Uma expiração ordinária, como a que se faz no sono, não permittiria que se proferissem senão três palavras; depois, têr-se-ia de fazêr uma pausa de duração igual para a aspiração, e assim o discurso ficaria interpolado de palavras, e de pausas de tanta duração como as palavras.

A parte mais interessante para o nosso estudo é a laringe. Para a fonação, os seus movimentos são: aproximação das cartilagens aritenoides, produzida pelos músculos cricò-aritenoides lateraes, e conseqüente aproximação das cordas vocaes; acção do músculo aritenoide, para mantêr em contacto as aritenoides; contracção do núcleo inferiôr, para dar certa rigidêz ás cordas vocaes; finalmente, vibração das cordas vocaes, produzida pela passagem da corrente aérea que sobe do interiôr.

As lâminas vocaes, repitamo-lo, não vibram em todo o seu comprimento, mas, sim, na parte central.

A vehemência da corrente aérea varia necessariamente, conforme se trata só de fonação, ou só de canto, ou só de grito. Nêste último caso, é quinze ou de-

zaseis vêzes maior que na respiração ordinária ; e cresce naturalmente consoante a elevação do som que se produz.

Quando se produz um som, as aritenoides aproximam-se e as cordas vocaes pôem-se em contacto ; a mucosa, que as reveste, reprega-se, e o hálito, insinuando-se nessas pregas e roçando-as, põe-nas em vibração. Temos assim o fenómeno sonoro.

Vejamos agora as modificações que, no acto da fonação, se realizam nas partes da bôca e do nariz, que representam o papel de *resonantes*.

A condição essencial para o emprêgo da cavidade buccal, como via aérea, é que os lábios estejam separados, ou tão pouco juntos, que a corrente de ar vença facilmente esse obstáculo. Depois veremos quaes os ruídos especiaes que póde produzir a corrente de ar, através dos labios reunidos.

O abaixamento do maxillar inferiôr não é rigorosamente necessário para a formação da máxima parte dos sons glótticos, mas, sim, para a clara pronunciação das vogaes abertas *a*, *e*, *o*. É certo porém que, quando as maxillas estão separadas e aberta a bôca, a língua póde mais facilmente exercêr a sua grande mobilidade.

A fórma da língua, na fonação, é modificada não só pelos seus próprios músculos, mas também pelos três, que já mencionámos, e que terminam nella. Sob a acção dos primeiros, a língua recurva-se, alonga-se, adelgaça-se, e fórma curvaturas lateraes. Sob a acção dos músculos *geniò-glosso*, *hiò-glosso* e *estilò-glosso*, modifica-se a posição da língua, voltando-se esta para

trás, para deante, para cima, para baixo, para os lados.

Àlém disso, todos os músculos diafragmáticos da cavidade buccal podem modificar consideravelmente a posição da língua.

Cumpre finalmente examinar por meio de que mecanismo a corrente do ar expirado póde seguir o caminho das fossas nasaes ou o da bôca. Bastará relembrarmo-nos da disposição do véu palatino. Êste pende verticalmente, fechando a parte posteriôr da cavidade da bôca, e deixando livre o accesso das fossas nasaes. Quando, pelo contrário, o véu palatino se ergue, toma disposição horizontal, e fórma um prolongamento da abóbada, dêsde as fossas nasaes até as parêdes posteriôres da laringe. Nesta situação, a corrente de ar expirado não tem accesso ás fossas nasaes, e é franco o accesso á bôca.

§ 12.—Para examinar o modo de formação dos sons, é preciso classificá-los primeiro.

Seria pouco metódico tomar como ponto de partida o alfabeto de qualquer língua, visto que há línguas que não possuem todos os sons das outras; e é mais scientífico partir de um quadro estabelecido *a priori*, e baseado numa classificação anatómica e na função fisiológica dos sons.

Os sons articulados, isto é, as partes mínimas da palavra, embora parêçam a coisa mais simples, são formados de diversos elementos, combinados e fundidos.

Os elementos simples são de três espécies:

*O som*;

*O ruído;*

*A resonância.*

Os diversos sons articulados distinguem-se entre si, em parte pelas differentes proporções com que aquêlles três elementos concorrem para a formação do conjunto do som, e em parte pela espécie ou propriedade de cada um dos elementos constitutivos.

O termo *resonância* toma-se geralmente no sentido amplo de vibração communicada por um côrpo vibrante a outro corpo, situado a maior ou menor distância daquêlle. Nós tomamo-lo em sentido um pouco mais amplo, e admittimos *resonância de som* e *resonância de ruído.*

Os sons articulados podem reduzir-se ás três seguintes categorías:

*Sons;*

*Ruídos;*

*Sons, compostos de sons propriamente ditos e ruídos.*

A corrente aérea, que, passando pela laringe, faz vibrar as cordas vocaes e sái livremente pela bôca ou pelo nariz, dá logar aos *sons*; quando passa, sem fazêr vibrar as cordas vocaes, dá logar aos *ruídos*; quando passa, fazendo-as vibrar e acha qualquer impedimento momentâneo na bôca, dá logar a um *som compôsto.*

Como se vê, esta classificação differe da que dão os grammáticos.

Com effeito, na primeira categoría não entram só as *vogaes puras*, isto é, as que têm simples resonância na bôca, mas tambem as *vogaes nasaes*, isto é, as que têm resonância nas fossas nasaes, e inda os três sons

*m*, *n*, *ng* (alemão e inglês), sons que alguns grammáticos collocam entre as *semi-vogaes* e que Brücke, nos seus *Elementos de fisiologia e sistemas dos sons da linguagem*, chama *resonantes*. Êstes sons têm parentêsco próximo com as vogaes, e nada de commum com as consoantes. Effectivamente, a sua formação, como a das vogaes, depende de um som produzido na laringe e só se differença dellas em que a corrente de ar, que os produz, sái exclusivamente pelas fossas nasaes.

Infere-se pois que as chamadas consoantes *médias* têm alguma coisa de commum com as vogaes e que, rigorosamente, deveriam sêr considerados separadamente dos verdadeiros ruídos simples ou das consoantes tênues.

Eis em geral as condições constitutivas da palavra ordinária, proferida em *voz alta*. Mas há outra maneira de falar, que é o *sussurro*, ou a maneira de falar em *voz baixa*, e que daquella não differe apenas na condição secundária da pouca energia da voz, senão também na *ausência completa de sonoridade*. Entretanto, quando se fala assim, entrevê-se a differença entre as vogaes e a distinção entre as consoantes. Isto levou a indagar se não haveria ali algum elemento que, tendo tomado o logar de *som*, recebêsse as mesmas influencias modificadoras.

A explicação do facto é devida ao citado Brücke. Demonstrou êlle que, no *sussurro*, os elementos sonoros da palavra em voz alta são substituídos por um ruído, formado na glotte, e que é um *ruído continuo de sôpro* da laringe.

§ 13. — Por *vogaes* devemos entendêr os sons, formados unicamente na laringe e produzidos por uma corrente de ar que passe pela cavidade buccal, (*vogaes puras*), ou juntamente pelas fossas nasaes, (*vogaes nasaes*).

A combinação de dois sons vocálicos, emittidos de fórma que produzem uma impressão única, ou que, noutros termos, produzem uma síllaba simples, ou, inda mais claramente, que têm juntos a duração de uma só vogal, constitue um *ditongo*. Esta expressão, portanto, não deve ser applicada a significar a simples successão de duas vogaes, como erroneamente fazem alguns.

*Vogaes puras*. Na formação das vogaes puras, a elevação do véu palatino insúla completamente da cavidade buccal as fossas nasaes. O cerramento mais sensível é quando se pronuncía o *i*, insignificante quando se pronuncia o a; e os gráus successivos entre êstes pontos extremos são *a*, *e*, *o*, *u*, *i*. Para demonstrar êste facto, Czermak [1] fazia que lhe ingerissem água no interiôr das fossas nasaes por meio de um pequeno tubo, em quanto êlle ía pronunciando as várias vogaes. Só quando proferia a vogal *a* é que o pêso da água vencia a resistência do véu palatino, introduzindo-se na faringe.

Embora varie com as vogaes a energia com que o véu palatino adere á parêde posteriôr da faringe, o cer-

[1] Relatórios da Academia das Sciências de Vienna, t. XXIV, p. 4, 1857.

ramento é sempre completo e faz que toda a corrente de ar sáia pela bôca.

A diversidade das vogaes depende da vária extensão que póde assumir o tubo sonoro, e dos cambiantes de fórma da parte interiôr da cavidade buccal. Quanto ao primeiro ponto, verificou-se que o tubo sonoro póde alongar-se nas duas extremidades, isto é, com o abaixamento da laringe e com o repuxar para deante a borda dos lábios. Empregados ao mesmo tempo os dois meios, o tubo alonga-se 2 ou 3 centímetros; e, vicèversa, póde encurtar-se, levantando a laringe e comprimindo os lábios para trás. Na producção da vogal *u*, alonga-se o tubo; e encurta-se o mais possível na pronúncia do *i*. Corresponde êste facto á observação, que já fizemos, sôbre a elevação musical dessas vogaes, sabendo-se que o *u* é a vogal mais baixa e o *i* a mais alta. Num som musical muito agudo não póde entrar a vogal *u*, nem a vogal *i* num muito baixo. Não obstante, o que principalmente influe na variedade das vogaes é a fórma interna da bôca.

Se, abaixando-se o ôsso maxillar inferiôr, a cavidade buccal está moderadamente aberta e a língua em repoiso na base da bôca, a corrente sonorizada, que cái da glotte, produzirá *a*.

Se a bôca está um pouco menos aberta, e o centro da língua se eleva um tanto para o palato, formando como que uma abóbada parallela a êlle, a corrente sonorizada produzirá *i*. A laringe eleva-se ao mesmo tempo, para facilitar a elevação do som.

Quanto ás gradações do *e*, se é aberto, levanta-se

pouco a língua, e se é fechado levanta-se mais, comprimindo-se ao mesmo tempo os lábios sôbre os dentes, para se encurtar o tubo resonante.

Se o som laríngeo tem apenas como resonante a parte posteriôr da cavidade buccal, e a língua se põi quase em contacto, em toda a sua extensão, com o palato, obtém-se o som *i*.

Se a língua se deixa naturalmente em repoiso ou mal se ergue, e os lábios se dilatam um pouco para a frente, dando á cavidade buccal uma fórma mais oblonga, a corrente sonorizada produzirá *o*.

Se, dadas as condições precedentes, os lábios se estendem para deante o mais possível, o som produzido será *u*. Se ao alongamento dos lábios corresponde simultaneamente o abaixamento da laringe, o som tornar-se-á inda mais baixo.

Se a língua se dispõi como para o *i* e os lábios para o *u*, a vogal produzida será o francês *u* e o alemão *ü*, o que de maneira nenhuma se deve confundir com um ditongo.

Se a língua está na posição de *e* e a bôca aberta como para o *a*, temos a vogal que em alemão se representa por *ä*.

Se a língua está na posição de *e*, e os lábios na posição de *o*, produz-se a vogal aleman *ö*, correspondente á que no francês se representa com os dois sinaes *eu*.

Se a bôca está aberta, como para o *a*, mas a língua recurvada para trás, a vogal resultante parece participar do *a* e do *o*; é o som do inglês *all*, commum aos dialectos da Alemanha do Norte.

A série das vogaes é numerosissima, inda que só nos refiramos ás que realmente são usadas nas diversas linguas. É êrro grosseiro a primeira noção que o abecê dá ás crianças — que as vogaes são seis, quando não queiramos alludir aos sinaes vocálicos da escrita literária.

Seria impossivel e inoportuno descrevêr aqui o modo de formação de todas as vogaes; mas é fácil entrevê-lo, tendo presente as posições glótticas, necessárias á formação das vogaes mais communs, acima descritas, e partindo do principio de que qualquer variação dos sons, notada pelo ouvido, tem por causa uma especial disposição dos orgams que os produzem.

§ 14. — *Ditongos*. Como já notámos, é preciso, para havêr ditongo, que as duas vogaes tenham cada uma metade aproximadamente da duração ordinária das vogaes, de maneira que ambas durem tanto como uma.

Nem todas as combinações vocálicas podem dar logar a *ditongos*, e a formação dêstes depende de circunstâncias íntimas.

Antes de mais nada, deve advertir-se que, nos ditongos, os dois elementos não têm a mesma fôrça ou sonoridade.

Chamam-se *trocaicos* os ditongos em que prevalece o primeiro elemento; *jambicos* aquêlles em que prevalece o segundo. A primeira classe é mais numerosa, e o *i* é geralmente segundo elemento, o qual, nesta posição, póde formar ditongo com qualquer vogal.

A razão é que a posição da língua, para formar *i*, é a mesma que a língua tem no seu estado de repoiso. Se depois de pronunciarmos qualquer vogal não interrompemos a corrente de ar e repomos a língua no seu logar habitual, apparece naturalmente *i*. E quase o mesmo se poderia dizêr para explicar os ditongos trocaicos, em que o segundo elemento é foneticamente um *e* fechado.

Podemos incluir numa segunda classe os ditongos formados pela combinação de *u*, *a*, *o*, isto é, *au* trocaico e jâmbico, *uo* trocaico, *oa* jâmbico.

*Au* tem esta explicação: apenas começa o som *a*, os lábios alongam-se, determinando immediatamente o som *u*. Nenhum dos sons chêga a adquirir a purêza que êlles apresentam separadamente; os dois sons dão uma impressão única.

A terceira classe dos ditongos é a dos *jâmbicos*. O primeiro elemento dêstes ditongos é um *i* ou um *u*. O segundo póde sêr qualquer vogal. A transição rápida do *i* ou do *u* para outra vogal dá á pronúncia um ruído consonântico correspondente ao primeiro som, deixando uns longes de *j* consonântico ou de *v*. Póde observar-se isto nas palavras italianas *piede*, *scuola*, nas francêsas *pied*, *pieu*, na aleman *Quelle*.

As modificações por que passa o *i* e o *u*, prèvocálicos, permittem empregar êstes sons em combinações mais complicadas, como as que se dão nas palavras italianas *miei*, *suoi*, em que realmente o *i* e o *u* se tornam quase *j*, *v*. É por isso que taes combinações vocálicas, em princípio de palavras, são muitas vêzes

*

representadas na escrita por sinaes consonânticos, como nas palavras inglêsas *yonder*, *year*.

*Vogaes nasaes*. As vogaes nasaes não constituem sons de naturêza própria, mas só modificações das vogaes puras, realizadas pela introdução da corrente aérea nas fossas nasaes. Das línguas europeias, só o português e o francês têm as vogaes nasaes registadas na grammática. Entretanto, taes vogaes são amplamente usadas em dialectos alemães e italianos, insinuando-se, por isso mesmo, na pronúncia das respectivas línguas.

Todas as vogaes que descrevêmos como vogaes puras, e como sons intermédios, são susceptíveis de se pronunciarem como vogaes nasaes.

§ 15. — O elemento fundamental e caracteristico das classes dos sons articulados, (sons no sentido lato da palavra), comprehendidos sob o nome de *consoantes*, consiste nos ruídos, que voluntariamente se produzem nas vias respiratórias e, como succede ordinariamente, na bôca por meio da corrente do ar.

Como, por si sós, êstes ruídos mal se perceberiam, ligam-se com sons, e daqui o nome de *consoantes*. Mas, por si sós, independentemente de qualquer som vocálico, as consoantes podem aumentar consideravelmente o seu grau de audibilidade, quando para a sua formação se faz concorrêr uma corrente aérea sonora. As consoantes, que daí resultam, chamam-se *sonoras* ou *médias*, em quanto as produzidas por uma corrente de ar simples se dizem *mudas* ou *tênues*.

Estas classes constituem as duas *fórmas* ou *variedades* de consoantes.

Como as consoantes *sonoras* são apenas modificações das *mudas*, uma classificação rigorosa deve tomar as consoantes no seu estado de *mudas* ou *surdas*. E póde fazêr-se isso, segundo dois critérios differentes; ou segundo o modo do ruído, ou segundo o ponto em que o ruído se fórma.

Em relação ao primeiro critério, temos uma divisão em rumôres *contínuos* e rumôres *instantâneos*, dando logar os primeiros ás consoantes chamadas *fricativas* ou *continuas*, e os segundos ás *explosivas*.

Em relação ao segundo critério, distinguem-se as articulações glótticas em *labiaes*, *dentaes* e *gutturaes*.

Mas há inda outro critério especial para base da classificação, e é — a direcção da corrente aérea passando pela bôca. Essa corrente póde seguir a linha média da alludida cavidade, atravessando-a em maior ou menor largura; ou, achando obstáculo, formado na linha recta pela ponta da língua apoiada nos dentes, dividir-se em dois cursos, e sair pelos dois lados, entre a língua e os dentes incisivos.

Os sons relativos a esta segunda classe recebêram o nome de *marginaes*, por opposição aos produzidos por uma corrente *directa* ou *central*.

Têm alguns classificado os sons glótticos, tomando por base a diversidade do modo como succedem os ruídos, e distinguindo, em primeiro logar, os ruídos *contínuos* dos *instantâneos;* depois, os continuos em

*expirantes, estridulos* e *vibrantes*; os instantâneos em *avulsivos, explosivos*, e *occlusivos*. Cada uma pois de taes categorias comprehenderia os ruidos labiaes, dentaes, gutturaes.

Como categoria de outra naturêza, distinguiram a *marginal*, em que incluíram quatro sons: três, representados pelos sinaes *l, j, ch* francês, e um, especial, representado por *r*, que exprime a vibração, não da ponta, mas das margens da língua.

O esquema dos sons, feito sob qualquer dos mencionados critérios, seria imperfeito, por mais de um motivo.

Em primeiro logar, deve observar-se que, para todas as articulações glótticas concorrem duas partes orgânicas oppostas, e não uma. Tanto nos casos de simples aproximação de uma dessas partes, ou de ambas entre si, (do que procedem os sons continuos), como nos casos de contacto ou cerramento, (do que procedem os sons instantâneos), vê-se que é indispensável a alludida intervenção das duas partes orgânicas, e que não podemos deixar de a têr presente, se queremos classificar bem as articulações oraes.

Demais, é fácil reconhecêr que, se a língua não é necessária para os sons labiaes, tem parte principalissima nos *dentaes* e *gutturaes*.

Embora a língua concôrra para ambas estas duas classes, é fácil verificar que, para os sons dentaes, opéra só com a extremidade; e, para os gutturaes, com a face posterior e interna. Uma classificação, que se baseie só na gênese dos sons, deve estabelecêr duas

categorias para os sons *linguò-dorsaes* e para os *linguò-dentaes*, formando outra, só com os labiaes.

Cada uma destas três categorias comprehende várias classes, que se podem subdividir em sub-classes especiaes. Na categoria labial devem-se distinguir os sons, que nascem da simples aproximação ou contacto dos lábios, daquêlles que nascem da cooperação dos lábios e dentes, (*labiò-dentaes*).

Os sons produzidos pela ponta da língua não dão logar sómente a uma classe: podem variar consoante o ponto em que a língua toca ou de que se avizinha.

Da mesma fórma, quanto aos sons produzidos pelo contacto da face ou superfície da língua, há várias classes, segundo o ponto da abóbada palatal, de que a língua se aproxima ou que ella toca, ponto que póde variar, dêsde o véu palatino até á orla anteriôr, que separa da abóbada buccal os alvéolos dentaes.

Uma classificação de todas as articulações possíveis do orgam oral deverá comprehender as três articulações da laringe, do nariz e da bôca.

Já observámos o quinhão que á laringe e ao nariz cabe na produção dos sons oraes. Mas sons exclusivamente laringeos ou nasaes, sem articulação na bôca, pouquíssimos há, que sejam expressão espontânea, e nenhum com verdadeiro carácter de elemento lingüístico.

Assim, attendendo ás articulações da bôca, que constituem a grande massa, se não a totalidade, dos elementos da linguagem, e servindo-nos da terminologia scientifica latina, podemos apresentar a seguinte classificação:

## Consonantium systema geneticum

a) *Articulationes orales medianae*

Linguo-dorsales
- linguo-velaris
- linguo-palatalis posterior
- linguo-palatalis media
- linguo-palatalis anterior dorsalis

Linguo-apicales
- linguo-pal. antedorso-ap. (lab. partim product.)
- ling. palat. ant. apic. (labiis partim retractis
  - cacuminalis
  - postalveolaris
  - alveolaris
- linguo-dentalis

Labiales
- labio-dentalis
- labio-labialis

b) *Articulationes linguo-laterales*

| | |
|---|---|
| dorso-apicales | postalveolaris |
| cacuminalis | alveolaris |
| dentalis | |

Cada uma destas classes póde dar articulações contínuas ou instantâneas, conforme se determine com ellas apenas um estreitamento (*strictura*), ou um cerramento (*clausura*).

§ 16.— O próprio cerramento póde realizar-se de diversos modos, sendo quatro os principaes, na opinião

de Techmer. O mais característico é o que dá logar a múltiplices *estalos*, que constituem uma classe, chamada vibrante, ao contrário da que consta de um só *estalo* explosivo.

Aquêlles *estalos* reïterados ou vibrações póde supôr-se, em teoria, que são produzidos não só pela língua, mas também pelos lábios. Mas não apparecem na linguagem. Como elementos lingüísticos, apenas se nos deparam numa ilha próxima da Nova-Guiné.

Um cerramento especial, ou *contínuo*, dá logar ás chamadas *resonantes*. Com êste nome, devido a Brücke, designamos certos sons particulares, que os antigos grammáticos consideravam consoantes especiaes, e que alguns, poucos, denominam *semivogaes*, collocando-os porém erroneamente na categoria de *r*, *l*. Referimo-nos a *m*, *n*, *ṅ*, (*ng* alemão).

O carácter próprio dêstes três sons, que os exclue da série das explosivas propriamente ditas, consiste em que a sua emissão não produz ruído como a emissão das vogaes, mas, sim, um verdadeiro som laringeo, modificado pelas condições de resonância das vias do ar.

O que produz êstes sons é uma corrente de ar sonora, que parte da laringe e sái pelas fossas nasaes, levando comsigo tambem a resonância do ar buccal, cuja natural saída se impede. Para a articulação *m*, o cerramento é effectuado pelos lábios; para *n*, effectua-se entre a ponta da língua e o palato; e para *ṅ* (*ng* alemão), entre o palato e a raíz da língua.

Quanto ao *m*, como o cerramento é precisamente realizado pelos lábios, o som não póde têr modificações

essenciaes. Pelo contrário, quanto aos outros dois sons, como o ponto de cerramento não é determinado precisamente, podendo sêr mais adiante ou mais atrás, notam-se variações. Pelo que toca ao *n*, quanto mais adiante se faz o cerramento, mais claro é o som; e, quanto mais atrás, mais velado.

Com o *ṅ* dá-se facto análogo, porque o seu ponto de cerramento póde variar, dêsde o bôrdo livre do véu palatino até a base dêste.

É evidente, portanto, que, para cada uma daquellas classes ou sub-classes, ou séries particulares de sons, (tomada esta palavra no sentido mais lato), a corrente *aérea* póde sêr *muda* ou *sonora*. E assim o número dêlles é bastante consideravel [1].

Quanto aos sinaes para a transcrição, mais minuciosamente os estabeleceremos num quadro especial e, dêlles se fala, quando se descrevem os mesmos sons.

Mas cumpre advertir que uma coisa são os ruídos ou sons glótticos, e outra os sinaes com que êsses sons se representam ou pódem sêr representados. Observa-se geralmente, até entre os doutos, grande confusão nêstes dois objectos, tão distintos. Daquí êrros e despautérios, de que não falaremos agora.

A palavra *consoante* parece realmente inventada para produzir taes confusões.

---

[1] Techmer, *Analyse und synthese, der hörbaren Sprachen*, in *Intern. Zeitsch f. allg. Sprachwiss*, 1884; Lepsius, *Standart Alphabet;* C. H. Meyer *Le org. de la parole.*

Que é uma *consoante?* É o som (em sentido geral)? ou é o sinal do som? Até alguns linguïstas curam pouco de fixar bem o sentido da palavra, antes de a empregar.

§ 18.— *Labiaes.* A articulação das labiaes relaciona-se com disposições orgânicas muito simples.

Para articular a surda *p*, vemos que os lábios estão bem cerrados, para resistir ao impulso da corrente aérea, que é comprimida pelas fôrças de expiração, e também um pouco pela elevação da base da bôca. Apenas um movimento voluntário abre de golpe os lábios, ou apenas êstes cêdam á corrente aérea, manifesta-se o som explosivo incipiente, depois do qual, o ar, continuando a saír, determina um ruído de sôpro, que é o carácter do *p explosivo*. Quando, pelo contrário, a articulação se fórma com uma purêza absoluta, excluíndo o mais pequeno rumôr de sôpro, tem-se o *p occlusivo*, que mostra um timbre mais curto e duro.

No *b* temos a articulação do *p*, convertida em sonora, tanto na fórma explosiva como na occlusiva; mas na primeira fórma não é seguida do som de sôpro, que se nota no *p*.

O rumôr de passagem ou roçamento, produzido por uma corrente de ar que passa pelos lábios aproximados, deixando uma estreita abertura, constitue o rumôr que se exprime por *f*. Mas a indicada disposição orgânica póde têr modificações, que produzem outras tantas variedades de som. Quando o lábio inferiôr se estende mais que o superiôr, o som é menos claro do que

quando os lábios estão no mesmo plano vertical, e muito menos claro do que quando se alonga o lábio superiôr. O sinal commummente usado corresponde a um som *lábiò-dental*, isto é, um producto do estreitamento da corrente aérea entre os dentes incisivos superiôres e o lábio inferiôr.

O som *v* forma-se como *f*, de que é modificação sonora. Analogamente, para o ruído surdo, a corrente póde escoar-se ou entre lábio e lábio, ou entre os dentes superiôres e o lábio inferiôr.

§ 19.—*Linguò-apicaes*. Esta categoria de sons, cujo carácter principal é têr por elemento a ponta da língua, abrange três classes, determinadas pelo ponto de contacto, o qual póde sêr constituído pelos dentes, ou pelo palato anteriôr, ou pelo próprio ponto da língua que serve para o contacto, e que póde sêr o ápice propriamente dito ou o ápice dorsal. E daqui a classe *linguò-dental*, a classe *linguò-palatal* e a classe *linguò-palatò-dinterò-apical*.

A segunda destas três classes dá logar a três sub-classes: a *alveolar*, a *postalveolar* e a *cacuminal*.

A classe *alveolar*, constituída por sons que se exprimem pelas lêtras *t, d, s, z*, é a mais típica; foi ella que sugeriu os tipos dos sinaes de quase todos os outros sons, pertencentes ás várias classes da categoria *línguò-apical*. Convém pois insistirmos nesta sub-classe.

Para se formar o som do *t* explosivo, intercepta-se via aérea, applicando a ponta da língua na parte anteriôr da abóbada palatal, ou entre a borda desta e os

alvéolos dentaes, contra os molares inferiôres, de maneira que a corrente aérea se contenha entre o palato e a face da língua.

O *d* é modificação daquelle mesmo som. Quando explosivo, não é acompanhado do som de sôpro consecutivo; quando occlusivo, não adquire a plenitude de som, senão quando se lhe une um elemento explosivo.

O *s* é o ruído de atrito prolongado, produzido pelo ar, quando passa entre a ponta da língua e o logar do contacto alveolar superiôr. A língua encurva-se na extremidade, em fórma de têlha, dando passagem, mais ou menos estreita ao ar.

O som sonoro, correspondente a êste, é o que em francês e italiano se chama *s dôce* e que, scientificamente, se representa pelo sinal *z*, que aliás se não deve confundir com o som duplo, representado pelo *z* do alfabeto italiano.

Quanto ás duas outras sub-classes, a *postalveolar* e a *cacuminal*, estas differem da alveolar em que o ápice da língua se aproxima ou toca nos alvéolos ou, mais acima, na abóbada palatal.

Da sub-classe *cacuminal*, que alguns chamam *cerebral*, e que se costuma representar pelos sinaes das dentaes, com um ponto sotopôsto, temos no dialecto siciliano a sonora explosiva *ḍ* e a fricativa surda *ṣ*.

Para a produção destas três sub-classes da categoria linguò-apical, exige-se que os lábios estejam um pouco contrahidos ou retrahidos.

Pelo contrário, para a classe especial dos sons produzidos por corrente aérea que passa entre o palato

anteriôr e o ápice do dorso da língua, os lábios estendem-se para deante.

A esta classe pertencem os sons explosivos, que em italiano se representam por *c*, e *g*, antes de vogaes puras, em inglês por *ch* e *j*, (em *choose* e *just*) e os sons contínuos, que em italiano se representam por *sc* (antes de vogaes fracas), e por *gi*, (em *giorno*); e em francês, português, etc., por *ch* e *j*.

A última classe da categoria *linguò-apical* é a *linguò-dental*. Quanto a esta, é essencial que o ápice da língua se estenda mais do que nas outras classes, chegando a insinuar-se sob os dentes incisivos superiôres, e alongando-se inda um pouco para fóra. Se o cerramento é completo, temos som explosivo; se á corrente se dá passagem estreita, surgem as fricativas de que temos um bello exemplo na língua inglêsa com o sinal *th*.

§ 20.— *Linguò-dorsaes*. A categoria dos sons *linguò-dorsaes* comprehende todos os sons, determinados pelo contacto ou aproximação da língua aos vários pontos da abóbada palatal, dêsde o chamado *véu* até a linha que separa dos alvéolos dentaes o palato anteriôr. Esta categoria, portanto, envolve as classes que alguns grammáticos chamaram *faucaes, gutturaes, palataes*. Mas as principaes dessas classes são quatro: *linguò-velar, linguò-palatal-posteriôr, linguò-palatal-média*, e *linguò-palatal-ânterò-dorsal*.

Os sons mais profundos pertencem á primeira, á *línguò-velar*. A explosiva desta classe, nas línguas eu-

ropeias, é só a que no grêgo é sinalada com o *espírito brando*. Outra explosiva, mais forte, é a que no árabe se diz *ain*.

Quanto ás fricativas desta classe, temos exemplo na aspiração toscana, que, em princípio de palavra, substitue a guttural, propriamente dita, de *ca*, *co*, etc.

Mais importante é a classe *linguò-palatal-posteriôr*, que corresponde á que vulgarmente se chama *guttural*.

Os sinaes respectivos são formados entre a parte posteriôr da língua e a parte posteriôr do palato. *K* é a explosiva surda, (*ck* no alemão *lecken*, *qu* no francês *quatre*); *g* é a sonora, (no alemão *sägen*); o som fricativo é representado no grêgo pelo sinal χ, e no alemão por *ch*, que só depois de vogal tem aquêlle som, como em *echt*. O grêgo possue a fricativa sonora, representada pelo sinal γ; e também a conhecem os dialectos do norte da Alemanha.

A outra classe, vulgarmente conhecida por *palatal*, e que nós chamaremos *linguò-palatal-média*, resulta de um contacto ou de uma aproximação antes do ponto guttural, mas não exactamente na linha anteriôr do palato.

Na fórma fricativa, pertence a esta classe o já referido *ch* alemão, depois de *i*, como em *ich*, e o *j*, que é som que se distingue no berlinês *gib*. Na fórma explosiva, para a qual o antigo sânscrito tinha sinaes especiaes, poucas línguas os possuem hoje, distintos dos gutturaes; mas alguns escrupulosos observadôres dos sons dialectaes têm já reconhecido a necessidade de sinaes especiaes.

O som explosivo desta classe é audível na pronúncia toscana ou romana do *ch* inicial que precede *e, i*, como em *cherubino*, mas difficilmente se obtém êsse som antes de *a, o, u*.

Quanto á classe *linguò-palatal-ânterò-dorsal*, não tem sinaes particulares na grafia literária. Quanto aos sons fricativos, temos exemplos nos primeiros elementos das palavras inglêsas *human, year*.

§ 21. — Para a representação dos sons, cumpre têr presente os seguintes princípios:

1.º — As lêtras, com que se representam os sons, não são a mesma coisa que os próprios sons.

2.º — Ao passo que poucos são os tipos primitivos dos sons, como poucas são as partes do orgam oral que se empregam na produção dos mesmos, são quase infinitas as diversidades que se podem obtêr, e que de facto se obtêm, nas numerosissimas línguas humanas, mediante algumas modificações dos contactos ou das vibrações glótticas. Portanto, é sempre relativo o valôr de qualquer alfabeto.

3.º — Numa transcrição scientífica, deve procurar-se que os tipos das lêtras ou sinaes correspondam aos tipos dos sons, devendo representar-se só por meio de sinaes diacríticos, apostos àquelles tipos, as multíplices modificações e variações.

4.º — A base de uma distinção dos sons glótticos deve procurar-se na estrutura do orgam oral, e no modo como êlle funciona.

Quanto aos meios de apreciar o valôr effectivo dos

sons, a sciência emprega o metodo estomatoscópico, que não póde falhar. Um meio simplicíssimo, á disposição de quem possua discreta percepção acústica, é o seguinte: observar a bôca deante de um espêlho, no acto de proferir os sons, auxiliando-se, onde a vista não baste, com a introducção de outro espêlho na bôca, o qual revele os pontos de contacto ou de aproximação, contanto que êste auxílio não altere essencialmente o valôr dos sons.

Álém do esquema, estabelecido por Techmer[1], para a classificação e transcrição dos sons, outros mais simples ou mais usados, inda que não tão exactos fisiologicamente, se podem ver em Lepsius[2], que distingue sete classes de consoantes, (*faucaes, gutturaes, palataes, cerebraes, linguaes, dentaes, labiaes;* e em Ascoli[3], que só menciona seis, (*gutturaes, palatinas, interdentaes, dentaes, linguaes, labiaes.*

§ 22.—Mesmo para a reprodução das linguas antigas que têm alfabeto especial, é convenientíssimo, para se estabelecêrem equivalências fónicas, servirmo-nos de um alfabeto que se baseie nos princípios fisiológicos; e, bem assim, para se representarem vozes de linguas-mãis extintas, ou raízes reconstruídas, de cuja existência não há certêza histórica.

É evidente que, em taes casos, se deve adoptar o

---

[1] *Obra cit. in Intern. Zeit,* I, p. 178.
[2] *Obra cit.*, p. 76.
[3] *Lez. di Fonol. comp.*

alfabeto scientífico, e que se devem pôr de lado as referências a transcrições especiaes de determinadas literaturas. Julgamos importante esta observação, por isto: em quanto, por um lado, os glottólogos se esforçam pela reconstrução das raízes de fórmas escritas dos períodos históricos, discutindo o valôr dos próprios sinaes gráficos, por outro lado, quando se trata de adoptar sinaes próprios para a representação das fórmas de palavras absolutamente hipotéticas, ou, se quiserem, meramente prováveis, embora accuradamente reconstruídas, parece que timbramos em ostentar a máxima indifferença na escôlha dos sons.

E contudo, com representações inexactas, formam-se fantasias sôbre o valôr real dos sons, do que derivam confusões bastas, que em nada podem auxiliar os progressos da sciência. Assim é que Whitney, nos seus elencos de raízes indianas, adopta muitas vêzes os sinaes da grafia inglêsa. Para o som *j*, adopta o sinal *y*, e pelo *g* palatal o sinal *j*. As conhecidas raízes *ag* (conduzir), *yug* (unir), *gan* (gerar), cujos elementos fonéticos são conhecidos, escreve-as êlle assim: *aj*, *jug*, *jan*.

Quanto ao sinal *y* (=i), que não existe no alfabeto fisiológico, claro que não deve entrar em nenhuma representação scientífica.

§ 23.— Muitas controvérsias se têm suscitado entre os glottólogos, simplesmente por se têr perdido de vista o facto de que *as lêtras são apenas sinaes dos sons*, e de que o valôr, attribuido por certos povos a

determinadas lêtras, póde sêr diverso do valôr que têm para nós as lêtras com que os primeiros autôres traduziram aquellas.

Da mesma fórma, nem todos se têm lembrado de que, nos tempos primitivos, os sons não tinham todos valôr decisivo e seguro. As grandes questões sôbre a não existência do *l*, na primitiva linguagem árica, cessam completamente dêsde que se tenha em vista o enunciado princípio axiomático.

Adoptar rigorosamente um alfabeto fisiológico, e, primeiro que tudo, investigar o valôr fonético de certas lêtras antigas, é a primeira condição para o bom resultado de certos estudos e para se evitarem controvérsias inúteis. Embora os doutos saibam deduzir de qualquer sinal de uma língua conhecida o valôr do elemento representado, não há vantagem em pretendêr que se adivinhe aquillo que se póde representar com evidência. Reproduzindo em palavras antigas os sinaes literários modernos, corre-se o perigo de fazêr perdêr, atrás do véu da escrita, o valôr fonético dos elementos das vozes. Só da palavra, tal como sôa ou soava na bôca do povo, é que se podem deduzir as leis da sua evolução ou da sua naturêza, e a sua origem.

Para certos fins grammaticaes, o uso da grafia literária não produzirá grande dano; mas, tratando-se de fórmas reconstruídas, só é possível o alfabeto scientífico, correspondente ao modo da produção dos sons em o nosso orgam vocal.

§ 23.— Todos os sons, de que temos tratado, e que

constituem os necessários elementos de todas as falas humanas, embora nem todos entrem por igual em cada uma dellas, pertencem aos sons ou ruidos glótticos, produzidos por uma corrente aérea que vem dos pulmões; e pouquissimas são as articulações glótticas, realizadas em sentido inverso, isto é, no acto da aspiração do ar.

Entram nesta segunda classe certos ruídos e assobios, empregados principalmente para com os animaes. Os assobios não entram no campo glóttico, mas aquêlles ruídos substituem ás vêzes a linguagem, para exprimir certas impressões. Para exprimir indignação ou contrariedade, usam os europeus um ruído aspirante, pondo a língua entre os dentes e soltando-a de súbito ao aspirar o ar. O *beijo* é um ruído aspirante labial, pertencendo aos sons que se exprimem pelo termo inglês *click*. Os cocheiros, para estimular os cavallos ou metê-los a passo, usam o *click* lateral, junto dos alvéolos dentários superiôres.

# CAPITULO IV

## As raízes e a origem da linguagem

SUMMÁRIO: — Importância do assunto. — O que são raízes. — Se as raízes fôram faladas. — O descobrimento das raízes constitue uma glória da linguïstica. — Comparações com as línguas dos selvagens. — No indô-europeu, as raízes representam o primeiro estádio da linguagem. — Se, ao menos quanto ás línguas áricas, será admissível a ideia da evolução nos três estádios, — monosillábico, representado pelas raízes, agglutinativo e inflexivo. — Classes das raízes, segundo Bopp e Fick — Fórma das raízes, segundo os antigos glottólogos. — Raízes das raízes. — Raízes primárias e secundárias. — Elencos das raízes indô-europeias. — Elencos das raízes sanscriticas. — Valôr das raízes — Relação da sua origem com a origem da linguagem. — Modos de explicar a divisão em várias familias. — A estratificação da linguagem. — Ideias de vários glottólogos sôbre a origem da linguagem.

§ 1. — Dispensa demonstração a importância do assunto que vamos tratar. De facto, ninguem poderá dizêr que conhece rigorosamente um objecto e traçar-lhe com firmêza as fases do desenvolvimento, quando não póde apreciá-lo nos seus elementos originários e descobrir como e donde êlle procedeu.

Ora os elementos mais simples das palavras, e certamente os mais antigos que se têm podido determinar, são as raízes; e daqui se infere que o estudo das raízes equïvale ao estudo das origens.

Nenhum problema lingüistico excede êste em importância.

§ 2.— Tem-se abusado muito da palavra raiz, mesmo entre os grammáticos. Em geral, confundem-na com o *tema,* ou fórma que acompanha uma série de palavras da mesma língua, fórma que haja passado por uma primitiva e elementar simplificação. Esta confusão anti-scientífica não seria muito perigosa, se á palavra raiz se juntasse um qualificativo, que lhe restringisse e modificasse o sentido, como *raiz verbal, raiz nominal,* etc.

As palavras apresentam semelhanças, não só quanto aos significados, senão também quanto a uma parte dos elementos fonéticos que ellas encerram. O trabalho de confronto começa-se insuladamente, em relação a várias línguas. Procura-se primeiramente o *tema,* que constitue a base de qualquer verbo ou nome, isto é, que contém os elementos constitutivos e communs de fórmas várias. Para isso, eliminam-se todos os elementos que apenas exprimem modalidades e modificações de uma ideia substancial, e assim se chêga a determinar a parte estável das palavras, isto é, os elementos simples, que envolvem uma ideia genérica, ou uma ideia sem determinação de espécie.

Pelo confronto de vários *temas,* que se mostram relacionados por afinidades reciprocas, consegue-se determinar outros temas mais fundamentaes; e, finalmente, pela comparação de alguns dêstes temas fundamentaes, chêga-se a obtêr um núcleo fonético, índa

mais simples, a *raiz*, a que anda annnexa uma ideia mais genérica e indeterminada, se é possível, do que a ideia contida nos temas primários.

Assim é que dos caracteres fundamentaes das familias zoológicas o naturalista póde deduzir o protótipo dellas. Êsse protótipo corresponde ás nossas *raízes*.

Póde afirmar-se que as raízes representam para nós o mais simples resultado, que é dado obtêr pelo confronto das palavras afins de diversas línguas, e pela eliminação dos elementos variáveis, que só exprimem modalidades ou relações da ideia principal.

Nas nossas línguas índò-europeias, os elementos variáveis deparam-se-nos geralmente no fim das palavras.

§ 3.— O grêgo ἀγκών (prega), relaciona-se, como se vê, com ἀγκύλη (laço, armadilha), ἀγχι, ἀγχοῦ (vizinho), etc., e pertence á mesma base, a que pertencia o latim primitivo *ancus* (que tem braço torcido), que depois passou a *uncus*, *aduncus*, (reflectido no italiano *aduncо*, no romeno *adinc*, no espanhol e português *adunco*), *uncinus*, *angulus* (e os derivados — italiano *angolo*, romano *unghiu*, provençal *angles*, francês *angle*, espanhol e português *angulo*), latim romanço *angaria*, acto de apertar, (e o italiano *angheria*, antigo espanhol *anguera*, *enguera*, português *angueira*, donde procedeu depois o italiano *avaria*, francês *avarie*, espanhol *haberia*, português *avaría*), latim *angor*, *ango*, latim romanço *anxia*, (italiano *ansia*, *ansare*, *ansciare*, provençal *aissa*, francês antigo *ainse*, espanhol

e português *ánsia*), latim *angústia*, (italiano *angoscia*, provençal *angoissa*, francês *angoisse*, antigo espanhol *angoxa*, espanhol *congoja*, português *congôxa*), latim romanço *angustio*, *angusto*, (italiano *angustiare*, *angosciare*, provençal *angoissar*, francês *angoisser*, espanhol e português *angustiar*).

Elemento semelhante encontramos no antigo indiano *anhas*, por *anghas* (angústia, oppressão), *anhū* por *anghū* (apertado), e no sânscrito *ank'ami* (prego), *ankas* (gancho).

O antigo alto-alemão apresenta-nos *angul* (gancho, anzol); *ancha*, com a mesma significação do provençal, espanhol, português, catalão e italiano *anca*, francês *hanche*. O lituano também tem *anka* (nó de antenna); no moderno alemão há *angst* (angústia), *hang*, (declive ou curva de terreno), *hangen* (estar pendurado)

Nestas vozes, que contém todas a mesma noção de *curva* ou de *curvar* e daqui a de *apertar*, é evidente um pequeno núcleo de elementos fónicos, communs e constantes. Este núcleo, **ank**[1] constitue a raíz primitiva de todas aquellas vozes e de muitíssimas outras que dessas dependem, afóra innumeráveis fórmas verbaes e substantivas que nellas se contêm.

---

[1] Esta raíz não se encontra no léxico das raízes de Leo Meyer, o qual attribue erroneamente algumas das vozes, acima alludidas, a várias outras raízes, como quando attribue *angustas*, *angor*, *anhu*, *anhas*, a uma falsa raíz *Agh*.

Quem há que não veja nas palavras latinas *ago, agmen, agilis, ambages, actor, actus, actio,* um elemento fónico, constante, *ac,* ou *ag?* Quem é que não vê que todas ellas se relacionam, quanto ao significado, com uma base commum, que é a noção de *conduzir,* ou o *movimento?*

Lançando agora uma vista de olhos sobre as palavras do antigo indiano *ag'mi* (vou, conduzo), *ag'ati* (elle conduz), *ag'as* (condutôr), *ag'iras* (ágil), *ag'man* (vehículo, coisa conduzida), *ag'mas* (estrada, terreno por onde se marcha), depara-se-nos um semelhante nûcleo fonético, constante, *ag',* que envolve uma e mesma base de significação.

Consultemos também o grêgo, e veremos que as palavras ἄγω (eu conduzo), ἀγινέω (eu ponho em movimento), ἀκτωρ (guia, condutôr), ἀγων (luta), ἀγυία (estrada), ἄγρα (caça), apresentam relação evidente com as vozes sanscríticas e latinas.

Daqui, um núcleo, *ak, ag, ag',* que se deve considerar o primitivo germe daquellas vozes e de muitíssimas outras que dellas dependem.

Inda um passo, para chegarmos á desejada meta. É mais antigo o *g'* ou o *g?* (*g* guttural e *g* palatal). A história comparada mostra que o som palatal não é primitivo no antigo indiano, e é apenas a alteração da guttural. Será mais antiga a guttural surda ou a sonora? O maior número das vozes que mostram sonoridade indica que em ἄκτωρ, *actor, actio,* a tênue interna deve têr exercido assimilação no som anteriôr. E assim em *ag,* que, exprimindo a ideia de *conduzir,*

é, pelo lado subjectivo, a base que explica uma longa série de vozes, e, pelo lado objectivo, representa a sillaba primitiva, que para os nossos mais antigos progenitôres servia para exprimir *conduzir*, *carro*, *luta*, *estrada*, etc., etc.

§ 4.— Do que levamos dito se infere que as raízes não são meras abstracções scientíficas, mas representam provavelmente a fórma mais rudimentar e primitiva da linguagem humana.

Esta opinião, de que há hoje quem discorde, não pertence aos primeiros fundadores da nossa sciência. O próprio Bopp, absorvido pela ideia de auferir vantagens das raízes para explicar a evolução histórica das línguas, nunca se preoccupou do valôr histórico ou real das mesmas raízes. Pott foi quem primeiro se interessou por tal assunto, nas suas *Investigações etimológicas*. É verdade que êlle nega que as raízes possam têr existido primeiro que o periodo flexivo no indò-europeu, e que se possam dar raízes numa língua formada, considerando-se a raíz uma figura, uma abstracção deduzida de todas as classes de palavras.

E, contudo, a ideia de que as raízes fôram realmente faladas no tempo mais remoto, foi abrindo caminho e considera-se conseqüência lógica do processo reconstitutivo que se emprega para as obtêr, e da teoria da agglutinação. Esta teoria, embora combatida hoje, será sempre digna de fé. Parece que a *agglutinação* é a característica da grande massa das línguas

dos povos menos cultos, e apresenta vestígios até nas linguas chamadas monosillábicas.

Se as mais antigas fases históricas do falar indò-europeu apresentam sempre a flexão, isso não prova que nas fases prèhistóricas não tenha havido agglutinação; e, demais, é certo que muitos factos da flexão não se pódem explicar melhor, do que admittindo uma antecedente fase agglutinativa.

É pois natural que, ao apparecêr a flexão, as raízes desapparecêssem do material das linguas e até, na maior parte, da consciência de quem falava. Verdade é que, se cada língua indò-germanica offerece largo campo de comparação nas fórmas flexivas, é claro que a flexão é um facto commum, que também se deve attribuir á língua-mãi. Mas daqui só há a concluir que, rigorosamente, não se deve falar de raízes célticas, grêgas ou indianas, visto como os celtas, os grêgos e os índios levaram consigo, dêsde o momento da sua separação, o património flexivo, e portanto as palavras completas.

Nalguns casos, poderiam as palavras, conservando idêntica e intacta a parte radical, apresentar á consciencia de quem falava como que um núcleo commum; mas, na maior parte, as raízes tinham já passado por diversos processos, nas várias fórmas, que dellas dependiam, devendo pois esquivar-se á consciencia dos que falavam.

E assim, quando se afirma que num dado período deviam existir raízes, que fôssem realmente proferidas no intuito de communicação ideológica, fala-se sempre de raízes indò-europeias; as raízes sanscríticas, ou grê-

gas, ou latinas, não passam de expressões grammaticaes e puras abstracções.

§ 5.— O período das raízes não é aquêlle antiqüíssimo período, em que o tronco indò-europeu se desmembrou nos seus vários ramos, indiano, irânico, céltico, hellênico, etc. Então, já a flexão existia, pelo menos em grande parte.

O período, a que alludimos, antecedeu êsse, talvêz dezenas de séculos, e devemos considerá-lo o mais antigo da humanidade. É uma glória para a nossa sciência o têr conseguido fazêr revivêr, depois de tantos milhares de annos, os primeiros germes das vozes humanas, de que não podiam formar ideia os autôres dos hinos sagrados, os dos mais antigos poemas heroicos que chegaram até nós, os brâmanes dos *Vedas*, Homero, Zoroastro. De facto, é inútil procurar nêsses documentos o mais ligeiro indício, tradição ou remeniscência popular, á cêrca de tal idioma primitivo de carácter monosillábico e indistinto.

As fórmas, que nós hoje decompomos nos elementos mais simples, e que consideramos como outras tantas raízes primitivas, os maiores filósofos da mais remota antiguidade não as teríam podido decompôr, nem poderiam imaginar que vantagem podia havêr na reducção de fórmas complexas aos mais simples elementos originários. Nem Platão, nem Demóstenes, nem os mais antigos poétas grêgos tiveram jàmais a noção ou o vislumbre de que, por exemplo, um ἐσμὲν, na sua origem, significasse literalmente *sêr eu tu*, (segundo a teoria

da agglutinação). A lingüística soube discriminar, com evidência, três elementos naquella palavra: ες (igual ao latim *es* e ao antigo indiano *as-*), da raiz *as* (sêr); με (antigo indiano *ma*, antigo latino *mo*), da raiz pronominal da primeira pessôa; e ς, do dórico ς, substituido no grêgo clássico por ν, elemento da raiz pronominal da segunda pessôa. Com tal processo, a sciência consegue reconstruir com segurança a expressão e o pensamento dos homens prèhistórcos áricos, que inda não sabiam pensar e dizêr *somos*, e pensavam e diziam *as-ma-si* (sêr eu tu).

§ 6.— As línguas vívas dos selvagens podem confirmar que a linguagem por meio de raízes pertencia aos primeiros sêres humanos. Em geral, aquellas línguas têm uma morfología grammatical e distínguem o verbo do nome. Algumas todávia exibem o estado rudimentar da linguagem dos protò-árias.

É certo que as línguas dos povos selvagens, taes como ora as conhecemos, revelam já algum adiantamento, com relação ao período que a sciência vai procurando e reconstruíndo; e, embora immensamente mais atrasadas que as línguas dos povos cultos, não devem collocar-se a par da linguagem das raízes, provavelmente usada pelos nossos primeiros avoengos áricos.

É certo que nessas línguas a fórma verbal e os expoentes do gênero e do número não se distinguem com a flexão, mas resaltam facilmente da raíz, como outras raízes agglutinadas; em quanto, nas línguas

flexivas, êste trabalho de separação é sempre mais difficil. Há nas linguas dos povos africanos fórmas verbaes e fórmas substantivas, isto é, há palavras. Se, para se conseguirem aquellas fórmas, nem sempre se recorre a meios bem determinados, se, por exemplo, nas linguas bantas, nada menos de quinze prefixos concorrem para a simples formação dos sons, a verdade é que é sempre possivel distinguir um substantivo de um verbo, e isto revela já o primeiro passo lingüistico.

§ 7.— Por consequência, se existiu realmente, como é provável, a linguagem por meio de raizes, o facto pertence ás mais remotas eras. É facto que as fases históricas das linguas índò-europeias evidenciam a flexão; mas que a sintese ideológica nascêsse com a flexão e não fôsse precedida por um periodo de análise, mal se póde concebêr.

§ 8.— Tudo nos leva a crêr que é admissivel a ideia de que, embora as linguas áricas sejam hoje flexivas e portanto polisillábicas, deviam originariamente têr simples fórmas radicaes. É facto conhecido que todas as raizes reconstruídas, ou, pelo menos, a maior parte dellas, são monosillábicas, o que é já argumento importantissimo a favôr daquella ideia, ao passo que são de pouca monta os indicios, ultimamente preconizados, de raizes polisillábicas.

É certo que o chinês, por exemplo, tem sido monosillábico em todos os tempos históricos; mas êste facto não invalida a nossa ideia, visto como a immo-

bilidade é característica de todas as manifestações daquella raça, tão diversa de todas as outras.

Por outro lado, alguns cinólogos já observam no chinês alguns indícios de agglutinação; e não se deve suppôr que uma evolução tão radical se realize dentro de um período que nós possamos acompanhar com os nossos próprios olhos. As épocas principaes da linguagem não são tão longas como as geológicas, mas seria pueril o querêr determiná-las em períodos de dois ou três mil annos. Uma fórma concreta da linguagem, ou uma língua, póde desapparecêr deante de nossos olhos; mas as evoluções da linguagem precisam de séculos, muitos séculos.

Recapitulando: nas línguas indò-europeias, póde-se crêr que as raizes designam a primeira época, a época do monosillabismo. É evidente porém que a classificação das línguas, baseada na diversidade dos tipos monosillábico, agglutinativo e flexivo, tem apenas valôr prático, vendo-se que certos troncos lingüísticos terão passado por todos aquêlles estádios de evolução.

§ 9. — Bopp já distinguia duas classes de raízes: verbaes e pronominaes. Da primeira classe, que é a mais numerosa, saíram, segundo Bopp, os verbos e os nomes; êstes compreendem o substantivo e o adjectivo, e não derivam dos verbos, mas nascêram com êlles. Da segunda procederam os pronomes, as preposições, as conjunções, e as partículas, as quaes envolvem sempre um conceito pronominal. Entre as raízes pronominaes, contar-se-ia *ta*, (servindo para *indicar*),

bem como *tra*, *pa*, *sa*, *na*, *ma*, *va*, *ja*, *a*, cada uma das quaes dá origem a centenares de vozes.

Das raízes *verbaes*, ou *ideaes*, citaremos *pa* (protegêr), *ga* (andar), *ma* (medir), *as* (sêr).

Fick admittia raízes que contêm ideias e revelam consciência, e raízes que se reduzem a exclamações, interjeições espontâneas, imitações de sons naturaes.

Muitos outros glottólogos, como J. Grimm, e Schleicher, estudando a índole das raízes áricas, chegaram á conclusão de que todas as raízes são verbaes. É desta opinião Benfey, admittindo que as raízes predicativas apparecêram primeiro, mas que os verbos fôram as primeiras funções grammaticaes que se desenvolveram dessas raízes. Por isso, não chamava raízes aos primeiros elementos monosillábicos que se lhe deparavam, mas, sim, verbos primitivos, de que teriam derivado todas as palavras indò-europeias.

Vê-se que a ideia de Bopp está muito abalada, e nota-se a tendência para afirmar que todas as raízes áricas indicam origem verbal. Sustentam alguns que se não deve crêr em raízes pronominaes, que são meros artifícios de grammática; e por outro lado a psicologia parece favorecêr a opinião da origem verbal das raízes. Effectivamente, como observa Sayce, a linguagem não é apenas a expressão do pensamento, mas também da vontade, especialmente nos tempos primitivos, em que ella se empregava nas mais imperiosas necessidades humanas. Ora, a vontade, manifestada numa acção, é de carácter essencialmente verbal.

Refere-se isto ás línguas áricas, que revelam ac-

rácter activo, consciente, empenhado em dominar a naturêza exteriôr. Mas, quanto ás línguas semíticas, parece que, pelo contrário, ellas partiram do nome, bem como do verbo, visto que a concepção dos objectos fórma nessas línguas a essência da linguagem, e o sujeito fica inconsciênte, absorvido por aquêlles.

Apesar de tudo, parece innegável que a linguagem árica, a par das raízes verbaes, possue grande número de núcleos fonéticos, que contêm significação demonstrativa. Taes são as raízes *ta*, *sa*, *ja*.

Sôbre o que inda restam dúvidas é sôbre a origem e significação primitiva de raízes, que não encerram ideia verbal. É problema que a lingüística não resolverá plenamente, cumprindo pois deixar-nos guiar pelo bom senso e pelos últimos e mais seguros resultados da sciência.

§ 10.— Atendendo á naturêza e fórma das raízes, Bopp entendia que se lhes podia attribuir o carácter do monosillabismo. Schleicher acrescenta que ellas não podem contêr vogaes ampliadas, mas só as fundamentaes *a*, *i*, *u*.

A Adelung e a Guilherme Humboldt parecia lógico e natural que o homem primitivo, para exprimir um conceito, o exteriorizasse com um simples abrimento de bôca. Curtius é da mesma opinião, afirmando que, originariamente, a um conceito único devia corresponder um único complexo de sons, emittidos num momento único.

Contra esta teoria, objectam alguns que a ideia de

raiz gira num círculo viciôso, em quanto se considera como raiz o que não é síllaba formal, e se considera como síllaba formal aquillo que não é raiz. Mas, a bem dizêr, são poucos os casos de se vêr arbítrio em considerar qualquer elemento como formal; em geral, attribue-se a cada elemento um valôr, já verificado e definido, por meio de comparação em larga escala.

§ 11.— As raízes, na fórma que podemos traçar, baseada nos factos, não são igualmente símples, o que é o mesmo que dizêr que não parecem referidas a um único estádio histórico.

Umas são simplicíssimas e portanto, é de crêr, originárias; outras, pelo contrário, embora apparentem fórma monosillábica, são levadas por uma análise perspicaz a formar um agregado sillábico, compôsto de um monosíllabo verdadeiramente radical e de um elemento adventício, ou mais de um elemento.

Quem primeiro viu êste facto foi Ascoli [1], que considera taes agregados como raízes apparentes, que realmente não tiveram vida própria, mas que fôram reconstruídas, por se têrem ligado os antigos agregados a novos elementos accessórios, derivativos ou flexionaes.

Pott e Curtius, examinando as fórmas das raízes, tentaram, por diversos meios, simplificá-las o mais possível. O primeiro eliminou lêtras iniciaes, o segundo algumas consoantes finaes.

---

[1] *Studi critici*, 1877, p. 21; *Studi ario-semitici*, 1865.

Fick ampliou o processo de Curtius, tentando, por meio de eliminações, obtêr as verdadeiras raízes, e distingui-las das derivadas dêlles, e das produzidas pelas derivadas. Daqui a distinção, estabelecida por Fick, entre raízes *primárias* e *secundárias*.

§ 12.— As raízes primárias podem constar :

1.° de uma só vogal, (*a*, *i*, *u*) ;

2.° da vogal *a*+uma consoante, (*od*, *ap*, *as*) ;

3.° de uma consoante ou duas+mais a vogal *a* (*da*, *pa*, *sta*, *spa*, *sna*).

Todas as raízes, que se formam diversamente, devem considerar-se secundárias. Fick determinou-lhes habilmente os caractéres genéricos. Em primeiro logar, a alteração dos sons da raíz primária e, sobretudo, o enfraquecimento, (como *ki*, alteração de *ka*, *tu* de *ta*, etc.); e depois o refôrço vocálico, que se manifesta pelo dobramento, excluindo o do *i*.

As adições feitas ás raízes primárias tomaram o nome de *determinativos fickianos*, e dividem-se em duas classes: elementos que dão logar a raízes, conservando estas o mesmo significado das raízes primitivas, de que procedem; e elementos que dão logar a raízes, assumindo estas, em geral, significado próprio.

Fick chegou a modificar um pouco a sua teoría; mas, do que deixamos expôsto, podem extrahir-se as seguintes conclusões:

Nos primeiros períodos áricos, havia, muito provavelmente, a par de raízes monosillábicas, também raízes de duas sillabas. Estas porém deve crêr-se que

eram produzidas pela junção de diversas raízes monosilábicas. As raízes, consideradas indò-europeias, são todas de uma síllaba, apparentemente, mas nem todas realmente.

As raízes, pois, que se tem conseguido reconstruír, apresentam entre si uma distinção jerárquica: algumas são relativamente mais recentes que outras, que são irreductiveis, e não correspondem portanto ao mesmo estádio histórico.

Não obstante, tudo nos leva a crêr que as raízes positivamente primárias, e que constituem os germes das línguas indò-europeias, são todas monosilábicas.

§ 13.— Considerando a fórma das raízes, um problema nos surge, não muito fácil: duas ou mais raízes, que se apresentam sob a mesma fórma, mas que procedem de bases differentes, ou se tenham obtido com a análise de diversas séries de vocábulos, deverão considerar-se uma só?

Geralmente, consideram-se raízes até as que têm a mesma fórma que outras, mas significado differente. Taes são *dha* (pôr) e *dha* (chupar), *dra* (dormir) e *dra* (corrêr). Á primeira vista, parece que êste sistema não soffre objecção, porque, se pelo estudo comparativo de uma série de vozes chegamos a admittir uma base prèhistórica, que já tinhamos estabelecido quanto a outra série de vozes, claro é que esta série não é aquella.

Entretanto, se as raízes, pelo lado objectivo, indicam realmente um complexo de sons, proferidos em tempos prèhistóricos pelos homens primitivos, não se

póde negar que *dha* era uma só coisa. Se não se quiser dizêr que, nas épocas remotíssimas, o pensamento confundia muitas ideias numa só, poderemos ao menos concedêr que os sons glótticos seriam auxiliados por gestos, ou que, consoante as occasiões em que se pronunciavam raízes, estas teriam ora um sentido, ora outro.

Para explicar como taes raízes, de elementos idênticos e ideias differentes, coëxistiram na linguagem, inda se podem fazêr outras supposições.

Poderá effectivamente suppôr-se que a taes raízes se ligassem distintivos fixos, ou sons inarticulados, que não puderam sêr reproduzidos nos mais antigos documentos literários. Ascoli entende que se pódem ter dado entonações diversas a uma mesma síllaba, como inda hoje succede ao chinês. Mas, deixando supposições, é certo que, entre duas ou mais raízes do mesmo som se póde entrevêr um nexo ideológico.

Os recentes estudos de Scherer, Brugman, Osthoff, Schmidt, Saussure illuminaram o caminho de quem se empenhe na resolução do alludido problema. Mostram êsses trabalhos que á língua-mãi árica se deve attribuir muito maior número de sons, do que dantes se julgava, o que é o mesmo que dizêr que, sob as mesmas lêtras de raízes reconstruídas, se escondem muitas vêzes diversos sons. A sciência, com effeito, tende mais a aumentar, do que a reduzir, o número das raízes.

É verdade que mal podemos concebêr como aos homens primitivos bastava uma pequena diversidade de entoação dada a um só vocábulo, para exprimir coisas

ou conceitos diversos. Mas não nos esqueçamos de que também o modo como êlles concebiam ideias não seria precisamente igual ao nosso.

§ 14. — Do que deixamos dito se infere que a lista das raízes indò-europeias, até agora compiladas, tem apenas um valôr relativo ao estado em que se acha a sciência. Possuimos os últimos e mais brilhantes resultados da sciência; mas inda são possiveis e profícuos successivos trabalhos de exame e eliminação.

Quanto ás raízes indianas, ou grêgas, ou latinas, etc., insuladamente consideradas, é evidente, como já ponderámos, que a lista dellas tem apenas valôr abstracto e intuitos meramente grammaticaes ou filológicos.

Para o estudo das raízes indò-europeias, àlém dos mencionados trabalhos de Pott e Fick, devemos também mencionar o léxico de Leo Meyer, annexo á sua *Grammática Comparada*, não obstante os progressos realizados depois da apparição desta obra. Nella se enumeram 667 raízes indò-europeias, mas não se incluem as formações verbaes com a semivogal *j*, como derivadas de fórmas nominaes já estabelecidas. Meyer baseia-se no grêgo e no latim; mas não poderia fazêr affirmações análogas, quanto ás raízes sanscríticas.

A sua lista poderá reduzir-se a 500 raízes primárias, ou verdadeiras raízes, que não darão logar a muitas raízes secundárias, não se falando dos temas.

Claro é que a germinação das raízes se deve têr dado por successão lenta e constante, pois que até á

nossa sciência se applica o princípio de que os fenómenos presentes são perfeitamente análogos aos mais antigos, e a naturêza não procede por saltos, exibindo ora uma extraordinária actividade, ora uma froixa lentidão. Assim, quem tiver de compilar léxicos de raízes, deverá coordená-los por periodos históricos.

Mas êste trabalho de redução é tanto mais árduo, quanto mais se queira procedêr com segurança, não nos baseando apenas em conjecturas lógicas.

O período mais remoto da antiguidade é o que a sciência procura reconstruir. Um elenco de taes raízes, cuja difficuldade não póde comparar-se com a de qualquer léxico de vozes vivas, é o resultado sintético do estudo das leis, que regulam a evolução de todas as línguas indò-europeias. Os elencos, já tentados, consideram-se possíveis, se procedêram dêsse estudo, applicado a todos os períodos históricos, através dos milhares de annos de vida daquellas línguas.

§ 15. — Os índices das raízes de cada secção de línguas, ou de cada língua fundamental, podem também revertêr em vantagem da glottologia. Não devem porém confundir-se essas raízes com as verdadeiras raízes indò-germânicas, se bem que, quando o trabalho é feito sobre abundantes materiaes comparativos, se possam obtêr raízes primárias.

A êste respeito, a obra mais fundamental é o trabalho colossal de Curtius à cêrca da etimologia grêga[1].

[1] *Grundzüge der griechischen etymologie*, Lípsia, 1879.

Trabalho mais modesto, mas de utilidade evidente, é, entre outros, o elenco das raízes sanscríticas, organizado por Whitney, segundo a cronologia das várias raízes indianas.

A primeira classe dêsse elenco, a qual comprehende 420 raízes de todo o período védico ou clássico, é de altíssimo valôr para a glottologia indò-europeia. Os grammáticos indianos haviam elevado a 1700 as raízes de todo o material da sua língua, mas incluíam nêsse número muitas raízes derivadas ou de formação secundária, que não apresentam fórmas verbaes, derivadas dellas através do longo período histórico do sânscrito.

Entretanto, o elenco de raízes indianas, (*Dhâtupâtha*), attribuido por Max Müller ao antiqüissimo grammático Pânini, que se crê têr vivido entre o século III e o VI antes da nossa era, não é destituido de importância, como documento dos mais antigos elementos do falar dos árias..

§ 16 — O estudo exclusivo das línguas áricas fêz resultar das raízes um significado, mais ou menos geral. E, como as raízes representam, pelo menos com muita probabilidade, a linguagem primitiva, tirou-se dali a conseqüência de que esta linguagem não consistia senão na permutação de ideias geraes[1].

Tal conseqüência porém é inadmissível, visto sêr axioma lógico que as ideias geraes não dependem nem se formam senão das particulares; e, para o demonstrar,

[1] Max Müller, *Novas Leituras*.

bastaria a observação do desenvolvimento intellectual das crianças. Pelo contrário, o que se póde affirmar, quanto á significação das raízes áricas, é que esta se mostra indeterminada, e *indeterminada* não quer dizer *geral*.

Attribuir ás raízes um significado geral e abstracto, é, como observa Sayce, suppôr que os nossos avoengos do período das raízes, falando uns com os outros, só usavam de termos abstractos; e observa êlle também que é impossivel suppôr que os selvagens se entendam por meio de vozes abstractas, como *brilhar*, *levar*, *defender*, e que a designação dos *objectos* sensíveis surge necessariamente primeiro que a das ideias abstractas, resultado da reflexão e de longo trabalho sintético do espírito. Na actualidade mesmo, um termo geral não tem precisamente o mesmo sentido para duas pessôas differentes. Não obstante a nossa civilização e as nossas definições scientificas, as palavras *bom*, *nobre*, etc., não representam o mesmo significado nem suscitam a mesma associação de ideias em dois espíritos diversos.

Max Müller estava convencido de que as primitivas raízes indianas contêm uma expressão de *acto* ou de simples *acção*. Referia-se êlle ao elenco de Fick, no qual figuram, como autênticas, 450 raízes indò-europeias, e apenas 80 exclusivamente indianas, e foi levado a generalizar o conceito do significado primitivo a todas as raízes áricas, e, por analogia, ás raízes semiticas e turânicas, (expressões em que êlle abrange todas as outras línguas humanas).

É todavia innegável que a raça árica, estudada

nos mais antigos períodos do seu desenvolvimento, apresenta uma extraordinária faculdade sintética.

A franca generalização do sentido das palavras, agrupadas em volta do mesmo nexo fonético, fizemo-la nós, e não os antigos árias.

§ 17. — Todas as questões, que se podem suscitar sôbre a origem da linguagem, estão pois travadas intimamente com as raízes.

Para nós, a linguagem é um produto, elaborado pela intelligência, ou um meio convencional de expressão, determinado por certos princípios que se confundem com o instinto ou com o meio, facultado primitivamente pela naturêza.

Absurdo seria investigar o número de taes raízes, visto como, á proporção que as indagações aumentam, êsse número naturalmente se vai restringindo. E até onde se poderá chegar? Aos gritos instintivos de dôr, aos rugidos de cólera? Impossível nos parece, realmente. Mas o que se póde é deduzir esta conseqüência: que os homens, para formar a sua linguagem, deviam realizar muito maior trabalho intellectual, do que se fôssem dotados de linguagem por meio de raízes.

As escolas, que procuram explicar a origem da linguagem por meios naturaes, recorrem á imitação das vozes dos animaes, e dos ruídos produzidos pelos ventos, pelas águas, pelos trovões,— teoria a que se chama *onomatopeia*,— ou recorrem ás interjeições, naturalmente proferidas, independentes da vontade, perante

certas impressões de ânimo, — teoria chamada das *interjeições*.

Taes teorias pertencem mais á especulação filosófica, do que á sciência da linguagem, e espraiam-se num terreno em que esta não entrou até agora.

Assim como a sociologia não póde estendêr-se para àlém da família, visto como a família é a base da sociedade, assim também a sciência da linguagem não póde ir àlém das *raízes*, pois que estas constituem os mais antigos monumentos da linguagem.

Para nós, toda a investigação sôbre a origem da linguagem vai findar nas *raízes*, barreira última da glottologia.

Em todo caso, achamos ridícula a ideia dos que entendem que a faculdade especial da linguagem humana se póde attribuir a um grande desenvolvimento do instinto de imitação, instinto que, embora em menor escala, se observa nos macacos.

A lingüística não vai àlém das raízes, mas, conhecendo a essência e a índole da linguagem, nega terminantemente que os urros inconscientes dos animaes, resultantes de símples sensações, possam constituir um princípio de linguagem, o qual é hoje, e foi sempre, um meio do representação de ideias. São coisas absolutamente distintas, em que só o materialismo mais absoluto ou o darvinismo mais exagerado poderá achar pontos de contacto.

Concordam os glottólogos em que o embrião da linguagem, ísto é, as raízes, é producção instintiva do homem, num certo estádio do seu desenvolvimento in-

tellectual. Divergem porém quando querem affirmar como e quando succedeu tal.

Sem particularizar as opiniões, a tal respeito sustentadas por Grimm, Humboldt, Heyse, Renan, Steinthal, Max Müller, Geiger, Pott, etc., notaremos que alguns, como Ramorino, chegaram á seguinte conclusão: que a linguagem, como elemento necessário á intelligência, foi produzida instintivamente naquêlle ponto de vida do espirito, em que êste passou da *percepção* para a *ideia*, e em que portanto, formou ideias geraes. E, assim, a linguagem é o traço de união entre a vida sensitiva e a intellectual.

§ 18.— Á medida que progredimos na investigação das *raízes*, e que o trabalho acumulado nos permitte formar ideia exacta de antiqüissimas fases da linguagem, estamos sempre longe de colhêr os primeiros germes, de que andamos em busca, por necessidade do nosso espirito, que se não contenta apenas com *raízes*, mas quer ir mais adeante.

Todas as questões, que se ventilarem sôbre as primeiras épocas da linguagem, serão sempre rodeadas de trevas. Por exemplo: admittidas as raizes como bases das variadas expansões lingüísticas dos árias, ¿ como explicar as múltiplices diversidades, derivadas de uma unidade primitiva? Dantes, recorria-se ás razões geográficas; depois, vista a insufficiência dellas, consideram-se fôrças alteradôras as razões étnicas e a razão da influência das linguas preexistentes sôbre as linguas sobrepostas.

Como se vê, taes explicações podem applicar-se aos periodos históricos, ao passo que, para os periodos mais remotos, fica envolvida no mistério a teoria do *impulso individual*.

Nos periodos históricos, podemos nós comprovar a influência, que as antigas línguas preexistentes têm exercido nas línguas que substituiram aquellas; bem como as reacções que o celta e em geral as línguas prèlatinas da Europa exercêram na língua romana.

A teoría dos *impulsos individuaes*, que se cifra em affirmar que a história das palavras depende, na máxima parte, de tendências oraes próprias ou da pronúncia defeituosa de determinadas pessôas, especialmente dos chefes de tribus ou verdadeiros patriarcas, que poderiam têr causado perturbações nas tradições glótticas de um povo inteiro, tal teoría, dizemos, não se deve repudiar ás cegas, hoje, que para tudo se têm procurado e achado origens nos mais insignificantes princípios. Demais, como acertadamente observa Renan, não se póde comprehendêr a organização da linguagem, sem a acção de alguns homens primaciaes, que exercêram, pelo privilégio de extraordinários dotes intellectuaes, uma espécie de autoridade sôbre todos os outros homens da sua tribu, e que eram capazes de impôr aos outros o que julgassem melhor.

A aristocracia dos sábios é uma das leis da sociedade incipiente[1]. Por outro lado porém, observa-se na his-

[1] Renan, *De l'orig. du lang.*

tória das línguas um desenvolvimento progressivo, nunca perturbado por quaesquer arbitrios de pronúncia; e vê-se que, nos periodos históricos, é grandissimo o número das alterações e variações da linguagem, as quaes sómente se explicam por associação de ideias e influências analógicas.

Para explicar a origem das variedades novi-latinas, que procedem do tronco romano, não temos melhor recurso do que a ideia de uma reacção das linguagens indígenas, anteriôres á invasão latina. E assim se póde explicar também a grande alteração que se deu no falar árico da Índia, comparada com a que se deu na Pérsia, sendo certo que, nas mais afastadas épocas literárias, o indiano e o irânico eram intimamente vizinhos. O primitivo *bratar*, (irmão), está hoje reduzido, no indico, a *bhāu*, em quanto o moderno persa o reflecte mais fielmente em *burādar*; o primitivo *sapta* e *hapta*, (sete), tornou-se, no industânico, *sat*, ao passo que no moderno persa é *haft*; *asti* (é), tornou-se *atthi* no prácrito, e mantêve-se *ast* no moderno persa.

O organismo árico é assim desfibrado e corroido pela acção deletéria que nêlle exerce a Índia aborigene; ao passo que os cruzamentos e os contactos, que êlle sofre a noroéste, exercem muito menor influência.

De fórma que, quanto aos periodos mais remotos, somos levados a dar grande importância aos *impulsos individuaes;* mas, nos periodos históricos, os impulsos etnológicos ou populares bastam para explicar a máxima parte dos desmembramentos e ramificações.

Conclue-se pois que devemos reconhecêr a influên-

cia das razões etnológicas no desenvolvimento histórico e no vário fraccionamento das línguas. Mas esta influência não exclue a dos *impulsos individuaes*, a qual todavia só poderia dar-se nos mais afastados tempos.

Embora a indução glóttica, quanto á nossa raça, possa estendêr-se a períodos remotíssimos por dezenas de séculos, não se infira, como ideia necessária, que o protòárico foi o centro, de que irradiaram as falas humanas, e que os protòárias constituíram o protótipo da estirpe humana, fraccionada ao depois em várias raças.

§ 19.— Se na expressão humana houvesse um período anteriôr ao das raízes, não poderia êlle sêr estudado pela glottologia, visto como esta não estuda a faculdade ou a aptidão para formar linguagem, mas a própria linguagem, já organizada e manifestada por qualquer maneira.

Quando ella consegue reconstruir as fases primordiaes da linguagem, tem adquirido o maior prêmio do seu trabalho. Para trás dos núcleos simplicíssimos, e muitas vezes monòfónicos, (como *gan*, *as*, *i*), a nossa sciência não póde marchar com o método comparativo, de que tantas vantagens aufere.

É verdade que as raízes, por nós restabelecídas, são mais que prováveis, pelo menos na máxima parte, e exprimem resultados de simplicíssimas reduções e restituïções a fórmas primitivas, deduzidas de factos

históricos [1]. Mas pretendêr fundar sôbre essas raízes, estabelecidas pela sciência, outro trabalho ainda, semelhante ao já feito sôbre palavras reaes, seria também igual ao de erguêr um edifício sôbre a cumieira de outro, já de si elevadíssimo, e só porque êste assenta em bases sólidas.

Nos casos, em que haja duas ou mais raízes relacionadas entre si, o que se poderá fazêr é tomar como fórma primitiva a mais simples, suppondo que os elementos, com que as outras se distinguem dessa, fôram adicionados pelo tempo. Mas depois, acharemos sempre a mesma barreira, que a sciência de linguagem não tem meios para ultrapassar. Deante de nós, teremos sempre elementos primários, germes microscópicos e de número escassíssimo. ¿ Que trabalhos de comparação e de eliminação poderíamos nós tentar? Quanto a comparações, são impossíveis, porque os irracionaes não proferem uma vogal sequer; e, quanto a eliminações, poderiam com grande ousadia fazêr-se algumas, baseando-nos no facto de que certos povos selvagens, no estado monosillábico, e até as crianças de qualquer povo, têm difficuldade em proferir alguns sons, como por exemplo o som que representamos por *r*. Pois bem: restringindo, quanto se queira e com audácia crescente, o número das raízes, toparemos sempre a mesma

[1] Seguimos naturalmente a opinião commum a respeito da língua-mãi protòárica, sem tomar em conta a opinião de um ou outro glottólogo que, como Levy Bing, nega a existência dessa língua.

barreira, a barreira das origens. Se ella se vencêsse com o raciocínio, teríamos saído do campo da lingüística.

Em todo caso, affirmar que a glottologia só póde chegar a estabelecêr as primeiras bases da linguagem constituída, não quer dizêr que outras sciências não possam estudar o embrião e a latente faculdade da linguagem.

§ 20. — Podemos affirmar com segurança que o homem não nasce dotado de uma língua, no sentido que se dá a esta palavra; pois a investigação nos leva a crêr que o *homo primigenius* disporia apenas de algumas centenas de síllabas, sem suffixos ou prefixos, sem elementos próprios para especificar o verbo ou o substantivo, (partes originárias do discurso).

Também parece que se poderá chegar a estabelecêr a cronologia das línguas indò-germânicas e reconstruir-lhes as mais antigas fases de desenvolvimento. É assim que Curtius, relativamente a ellas, estabeleceu sete períodos de desenvolvimento :

1.º — Período vocálico ;

2.º — Período de determinativos verbaes ;

3.º — Primário período verbal ;

4.º — Período das funções do tema e do nome ;

5.º — Período do estabelecimento total das fórmas verbaes ;

6.º — Período das funções dos casos ;

7.º — Período adverbial.

Êstes períodos fôram reduzidos depois a três princi-

paes por Max Müller; monosillabismo, agglutinação, flexão.

Ernesto Renan e Pott negam que as línguas se fórmem de tal modo, passando-se do monosillabismo para a agglutinação, e desta para a flexão; e affirmam que toda a língua nasce bella, e já dotada de leis próprias e fixas.

A. H. Sayce contesta a ideia de uma cronologia ou estratificação da linguagem, e nega categòricamente a teoria da *evolução* e do *desenvolvimento* das línguas, teoría que êlle diz sêr condenada pela história. Não nega que as três fases do linguagem marchem como três níveis successivos de civilização, mas nega que uma determinada raça possa passar pelos três estádios successivos.

Na existência humana, através das idades, têm-se realizado constantemente melhoramentos e ampliações, embora o nêgro, em contacto com a civilização antiga e moderna, com o velho Egipto e Cartago, com a Grécia e com Roma, seja inda hoje, na fórma, na côr, e no carácter, o que era quando se revelou pela primeira vêz nas criptas sepulcraes dos faraós. Para havêr transformações numa raça, sería mister observar períodos muito mais longos que os míseros 6000 annos de história e civilização; e, relativamente a épocas tão afastadas, pouco teria que fazêr a glottologia.

§ 20. — A investigação do modo como apparecêram as raízes confunde-se, a nosso vêr, com a investigação do instinto.

Para todas as instituïções e para todas as artes humanas, as investigações sôbre as origens podem estendêr-se sempre até esta mesma balisa: não se póde negar o instinto. Certamente, os poucos centenares de monosíllabos, simplicíssimos, com significação pouco determinada, mas contendo uma ideia predicativa, (como *nutrir*, *respirar*, *silvar*, *resplandecêr*, para exprimir *gado*, *alma*, *serpente*, *céu*), sem nenhuma noção de verbo ou substantivo, não poderiam surgir todos de um jacto, nem permanecêr como surgiram. Não se póde crêr o que Renan convictamente affirma, — que a linguagem saiu instantaneamente do gênio de cada raça, sem hesitações e já com determinadas leis e índole. A elaboração da linguagem, como de quaesquer outros produtos das faculdades humanas, foi, pelo contrário, muito lenta, e até, quanto ás raízes, deveria havêr luta entre as que exprimiam ideias similares.

Renan e Grimm admittem um período agglutinativo nas linguas áricas, mas nega-lhes o período de insulação, o que parece pouco lógico. Se cada linguagem nasce com índole e leis immutáveis, não se poderá justificar a passagem de um estádio para outro; admittida esta transição, é forçôso reconhecêr a possibilidade da passagem de um período mais simples para o segundo. O exemplo do chinês, sempre monosillábico, (se bem que apresenta já alguns indícios de agglutinação), exemplo em que Renan se apoia, não prova que as linguas áricas não pudessem passar do monosillabismo aos estádios progressivos. Renan, como Grimm,

*

Steinthal e Heyse, repelle a ideia, aceita por Bunsen e M. Müller, de uma revelação divina de linguagem, mas acaba por dizêr, depois, que a linguagem surgiu sob a viva impressão da Divindade, e que se deve considerar, ao mesmo tempo, humana e divina. Todos divergem da ideia, perfilhada por Whitney, de que a linguagem foi premeditada e criada pelos homens, sem o impulso de uma fôrça interna da naturêza, operando inconscientemente.

Steinthal affirma que a linguagem é uma exteriorização da alma, exteriorização necessária e, por assim dizêr, cega; e, segundo Grimm, teria bastado uma centena de núcleos fonéticos instintivos para constituir os embriões dos futuros troncos das vozes. Pelo que, só naquillo que chamamos *instinto* poderíamos buscar a origem da linguagem.

E eis aqui um problema scientífico, porque inda não há satisfatória solução racional.

# CAPÍTULO V

## As fórmas concretas de linguagem. — Classificação e descrição das línguas

SUMMÁRIO:— Ideias geraes sôbre a classificação.— Classificação morfológica de Schlegel.— Modificações, introduzidas nessa classificação por Bopp e Pott.— Classificação fisiológica de Steinthal.— Ideias e propostas de R. Bonghi, para uma classificação baseada no verbo.— Classificação de La-Grasserie, reüninlo todos os criterios fonéticos, psicológicos e morfológicos.— Porque é que se póde seguir a classificação nas três categorias, (monosillábica, agglutinativa e flexiva).— Primeira fórma lingüística, o monosillabismo.—Segunda fórma, a agglutinação.—O chinês.—O annamita, o siamês, o bermano, o tibetano.— Segunda fórma, a agglutinação.—Grupo hotentotô-boximane.— As línguas dos nêgros africanos.— Família banta. — Grupo hamítico.— Grupo nubô-fula.— Família malaiô-polinésica, sua divisão e extensão.—Semelhanças entre as línguas destas famílias.— Affinidades lexicológicas.— As línguas dos papúas e da Austrália.— O japonês.— Família dravídica.— Familia uralô-altaica, ou scitico.— Ramo uralo.—Ramo altaico.— Affinidades recíprocas.— O vasconço.— As línguas incorporativas da América, sua enumeração.— Caracteres destas línguas. — Línguas do Cáucaso.— O accadiano.— Terceira fórma, a flexão — Troncos indô-europeus.— Qual a primitiva séde dos árias; investigações recentes a tal respeito.— Ramo indiano.— Ramo irânico.— Ramo hellênico.— Ramo itálico.— Ramo céltico.— Ramo germânico.—Ramo eslavo. — Ramo lético.— Tronco semítico, seus caracteres geraes.— Ramo arâmico.— Ramo hebraico.—Ramo arábico.

§ 1. — Os conhecimentos empíricos e insulados só se elevam a conhecimentos scientíficos, quando o espírito descobre, sob a multiplicidade dos caracteres exte-

riôres, unidade de organismo. Por meio de comparação, manifestam-se os caracteres mais fundamentaes, isto é, os que são communs a um grande número de objectos observados. E assim, baseados naquêlles caracteres communs, somos levados a estabelecêr grupos.

Pelo mesmo processo comparativo, chegamos depois a distinguir, em cada um dêsses grupos, os objectos que apresentam identidade em outros caracteres menos fundamentaes, e a considerá-los como sub-grupos, e assim por deante.

Êste trabalho, que constítue a *classificação*, corresponde á necessidade que a intelligência sente, dêsde que tenha presentes objectos semelhantes entre si. Esforça-se ella então por descobrir os liames entre aquêlles objectos, tornar sensíveis os caracteres essenciaes e os mais accidentaes, considerar os indivíduos que têm de commum algum carácter fundamental, como se fizessem parte de um só objecto, e designar com um nome o grupo ou a classe estabelecida. Em seguida, fazem-se as mais minuciosas comparações entre classe e classe, ou entre as sub-classes, a fim de se examinarem e melhorarem as distinções feitas, ou estabelecêr grupos mais particulares.

Como quer que seja, o verdadeiro germe do desenvolvimento scientífico é determinado pelo primeiro passo que se dá para a classificação.

§ 2. — Devem-se a Hervas e Adelung as primeiras tentativas de classificação das línguas. Mas quem primeiro pensou em estabelecêr uma verdadeira classifi-

cação das línguas, baseada na íntima estructura dellas, foi Frederico Schlegel, no seu livro *Sôbre a língua e a sciência dos índios*.

Para Fred. Schlegel há três classes de línguas:

*a*) línguas sem flexão;

*b*) línguas affixivas;

*c*) línguas inflexivas.

Convém mostrar aqui em que se funda esta classificação, que constitue a base da que hoje, com pequenas modificações e reservas, é geralmente aceita pelos linguïstas, embora aquella só tenha valôr subjectivo e sirva apenas para exigências práticas. Necessário é porém observar, dêsde já, que a base de tal classificação é constïtuida, quase essencialmente, por observações, realizadas sôbre a estructura das línguas áricas.

Nas nossas palavras todos sabemos distinguir duas partes essenciaes; uma, que é material ou *radical*; e outra, que é *formal*. A primeira, collocada no princípio da palavra, apresentando uma pronunciada estabilidade de fórma, representa ao nosso espírito uma ideia ou conceito indeterminado ou geral; e a segunda, que costumamos vêr no fim da palavra, e que muda, umas vêzes quando dos verbos se derivam nomes, e outras consoante as próprias fórmas dos verbos ou dos nomes, é a que exprime as relações ou as modalidades do conceito, isto é, o número ou o caso nos nomes; o tempo, a pessôa, o modo, nos verbos; etc.

Para exprimir as ideias, os dois elementos podem mantêr-se independentes e separados, ou deslocar-se, unindo-se entre si. Esta união póde realizar-se, de ma-

neira que só o elemento *formal* se altere, ou de maneira que se altere também o elemento substancial. E daqui três classes de línguas:

1.ª — As que apresentam os dois elementos da ideia separados e inalterados na linguagem;

2.ª — As que fundem os dois elementos num todo, mas de maneira que as duas partes sejam facilmente reconhecíveis, conservando-se sempre sem alteração a fórma do elemento substancial;

3.ª — As que, fundindo e amalgamando os dois elementos, fazem dêlles um só côrpo, cujas partes se não podem separar facilmente, e ambas se alteraram na fórma, a ponto de se não apresentarem á consciência de quem fala, nem podêrem sêr observadas, sem um minuciôso trabalho sientífico.

Correspondem a estas três classes as *línguas sem flexão*, as *affixivas* e as *inflexivas* de Schlegel. Para êlle, a *flexão* era qualquer coisa de orgânico e perfeito, última fase de evolução, a que poderiam chegar todas as línguas.

Seu irmão Guilherme Schlegel também affirma que as línguas flexivas se poderiam chamar orgânicas, porque encerram um intenso princípio de desenvolvimento e crescimento e só ellas exhibem uma vegetação abundante e fecunda. E acrescenta que as modalidades, nas línguas affixivas, são expressas por partículas com significado, e, nas flexivas, com partículas sem significado.

Esta concepção do *organismo* das línguas chegou a exagerar-se por fórma que se distinguiram línguas

*cristalliformes, plantiformes* e *animaliformes*, ou *masculinas e femininas.*

§ 3.— Depois de 1816, os trabalhos de Bopp davam nova face ás ideias sôbre o encadeamento das palavras, e vinham mostrar que as síllabas das línguas áricas, sem significado para Schlegel, eram, pelo contrário, significativas em grande parte e dotadas, noutro tempo, de vida independente. E, assim, Bopp modificou e melhorou a classificação de Schlegel, estabelecendo estas classes:

1.º — Línguas sem raízes propriamente ditas, e portanto sem capacidade de composição, de organismo e de grammática, sendo as distinções grammaticaes dependentes apenas da collocação das palavras, (exemplo, o chinês);

2.º — Línguas de raízes monosillábicas, que são susceptíveis de composição e que, só por meio desta, constituem o organismo e a grammática das mesmas línguas. A vogal da raíz é porém susceptível de alteração ou refôrço, mas tal alteração não serve, em regra, para a produção das fórmas grammaticaes, (taes são as línguas sanscríticas);

3.º — Línguas que produzem a sua fórma grammatical, não só por meio da composição, senão também mediante uma interna modificação das raízes, (vejam-se as línguas semíticas).

Estas raízes das línguas semíticas constam sempre de três consoantes, que, de per si sós, sem vogal, são o substrato da significação fundamental, não pertencen-

do as vogaes ás raízes, mas á palavra grammatical, á noção acessória, e ao mecanismo da formação da palavra. Nestas línguas, as fórmas gramaticaes apparecem, mediante a inserção das vogaes nas raízes, e as alterações della.

Nêste ponto, a tentativa da classificação das línguas toma estrada dupla, segundo se attende principalmente á naturêza intima do discurso, ou á composição externa da palavra.

Foi Pott quem primeiro tentou uma classificação, em que, àlém da combinação extrinseca e apparente dos elementos da *matéria* e da *fórma* das palavras, se tomasse também em conta a extensão de significado que certas línguas dão aos vocábulos. E, assim, distinguiu quatro classes de línguas:

1.º — Línguas *insulativas*, em que a *matéria*, (raíz e noção principal), e a *fórma*, (derivação e flexão, noção acessória, determinação), persistem separadas inteiramente, (línguas monosillábicas, chinês e indò-chinês);

2.º — Línguas *agglutinativas*, em que a *matéria* e a *fórma* adherem uma á outra, quase extrinsecamente apenas, (línguas tártaras, turcas, finnêsas);

3.º — Línguas *inflexivas*, em que a *matéria* e a *fórma* se compenetram intimamente, a ponto de formarem uma unidade insolúvel, (línguas semíticas e áricas);

4.º — Línguas *trasnormaes* ou *incorporativas*, que exageram a unidade do vocábulo, e reúnem muitas noções principaes num só.

Pott introduziu as expressões *matéria* e *fórma*, com um significado differente do que ellas têm em filosofia. Para êlle, a *matéria*, linguïsticamente falando, é a parte radical, e a *fórma* a parte exponencial ou os elementos que indicam as relações do conceito.

As três primeiras classes fundam-se apenas no critério da diversa relação extrínseca que os dois elementos podem têr entre si. A quarta classe não se baseia no mesmo critério; e, a falar verdade, a condição de reünir num só vocábalo noções diversas não parece que possa constïtuir o critério de uma categoria especíal de línguas, embora essa condição subsista, inda que limitadamente, quanto ás outras classes todas. Demais, o critério da classificação deve sêr único.

§ 4. — Steinthal propôs uma classificação baseada em critérios mais complicados, ou num complexo de critérios, o principal dos quaes é constituído pela existência ou pela falta de *fórma*, e os outros pela declinação ou conjugação e pelos modos porque estas se obtêm. Eis summariamente a classificação de Steinthal:

## A. — Linguas privadas de fórma

1.º Línguas appositivas.

2.º Línguas declinativas e conjugativas:

a) indicativas das determinações do conteúdo por meio de duplicação e de prefixos; — I. Línguas da Índia transgangética. — II. Línguas polinésicas.

| | |
|---|---|
| b) indicativas da determinação do conteúdo, por meio de elementos adicionados ás raízes; | III. Línguas uralò-altaicas. |
| c) indicativas das relações e determinações do conteúdo por meio de incorporação. | IV. Línguas americanas. |

## B. — Linguas dotadas de fórma

| | |
|---|---|
| 1.º—Línguas appositivas. | V. O chinês. |
| 2.º—Línguas declinativas e conjugativas: | |
| a) mediante a simples annexação dos elementos grammaticaes; | VI. O egípcio. |
| b) mediante a alteração interna das raízes; | VII. Línguas semíticas. |
| c) por meio de suffixos próprios. | VIII. Línguas sanscríticas. |

§ 5. — Rogério Bonghi tentou unificar as duas classificações, querendo basear a sua, tanto nas razões intrínsecas ou lógicas, como nas extrínsecas ou apparentes. Preguntava êlle: — Porque é que o conceito da *fórma* é distinto do da *matéria* em certas línguas, e noutras não? —

Entende êlle que, se queremos adquirir em critério de distinção, firme e seguro, que não tome em linha de conta sòmente as relações extrínsecas, que os elementos das palavras apresentam entre si, deve procurar-se a diversidade, de povos para povos, até na maneira como êlles representam mentalmente um facto percebido. Para se reconhecêr essa diversidade, é mis-

ter discriminar a relação culminante do pensamento, que é a que se dá entre o sujeito e o predicado, isto é, a relação expressa pelo *verbo*.

E pregunta também: — Essa relação entre o sujeito e o predicado existe no pensamento de todos os povos? Por outra: é pensada do mesmo modo por todos os povos? Quanto á naturêza do verbo, essa está comprehendida na «designação de uma energia em uma pessôa, ou em um objecto, concebido como tal; e surge no momento em que o espírito tem ou adquire tanto valôr, que póde convertêr cada uma das suas modificações de *qualidade* em energia de um sujeito». Ora, sob êste ponto de vista, terá o verbo diversidade essencial entre as línguas?

Bonghi diz que sim: que há a maior diversidade que se póde concebêr, isto é, que há línguas que têm verbo, e línguas que, rigorosamente, o não têm. E, assim, acosta-se ao que disseram G. Humboldt e Steinthal, relativamente ao preconceito, geralmente recebido, de que são necessárias as fórmas grammaticaes das nossas línguas. O próprio Humboldt é accusado por Steinthal de compartilhar tal preconceito, visto que aquêlle applica, por exemplo, a noção do infinitivo, como ella se póde colhêr de grêgos e romanos, até á maior parte das línguas americanas.

Quando Humboldt affirma[1] que, se o estudo comparado das línguas attingisse a máxima perfeição, de-

[1] *Abhandl über den Dualis.*

veria investigar-se o diverso modo por que ellas usam a grammática e suas fórmas», vê-se que êlle faz da grammática e fórmas della tal e tão firme conceito, como se as fórmas grammaticaes fôssem qualquer coisa de absoluto, que tenha de existir infallivelmente.

E, contudo, uma grammática universal é tão inadmissível, como uma fórma universal das constituïções dos Estados, ou uma fórma geral e commum de plantas e animaes.

Bonghi participa destas ideias, mas entende que a fórma grammatical do *verbo* é o facto mais intimo, e que as suas differenças essenciaes podem abrir horizontes ao mais profundo e completo conhecimento de todo o carácter intellectual e social de um povo.

Considera pois o critério do *verbo* como o melhor; e, depois de examinar as línguas que não têm verbo, propõi uma classificação dellas, baseada na existência e na falta do verbo.

Por êste processo, teríamos, antes de tudo, duas grandes classes: línguas com verbo e línguas sem verbo.

Por mais engenhosa que seja esta classificação proposta, parece absolutamente inaceitável.

Com effeito, não se póde demonstrar, com sufficiente clarêza, que o chinês, por exemplo, não tem verbos, só porque as vozes, que nêlle exprimem acções ou actividade, carecem de taes expoentes. Para se formular uma distinção, baseada nêsse critério, seria mistér lêr mais intimamente do que nas palavras, e observar como pensa o espírito de um chinês. Demais, se a falta dos expoentes bastasse para negarmos a existência do

verbo no chinês, deveriamos tambem negar a existência do substantivo, do pronome, etc., nessa língua. Desvanece-se portanto a importância do critério verbal. E depois, se as fórmas grammaticaes não correspondem a uma necessidade absoluta nas línguas, as differenças essenciaes entre estas não se podem determinar, tomando como base o critério da existência ou falta dessas fórmas grammaticaes, mas sim os caracteres que necessariamente existem.

Acresce que Bonghi fala do *verbo* em sentido grammatical, e muitos tomam tal palavra na acepção de ideia verbal. O critério pois da classificação deixa assim de sêr um critério lingüístico, e converte-se num critério meramente psicológico, que não entra na esfera da sciência da linguagem.

§ 6. — Deixando por agora a crítica das várias classificações propostas pelos glottólogos, não podemos todavia deixar de nos referir, ao menos, aos recentes trabalhos de La-Grasserie, que merecem realmente toda a consideração, visto como o autôr, esquivando-se a criticas vans, consigna propostas, que se baseiam nas tentativas anteriôres e que reúnem os vários critérios.

La-Grosserie distingue as línguas affins, e as línguas não affins. Acha pouco lógica a conhecida classificação em três categorias,— línguas insulativas, agglutinativas e flexivas, e affirma que em lingüística, como nas sciências naturaes, se póde admittir o princípio da *subordinação dos caracteres*. Duas línguas que não concordam senão sob um ponto de vista, se êste é prin-

cipal para ellas, se a communidade de carácter é nellas bem nitido, estendem a sua harmonia à outros pontos de vista.

Embora uma classificação, subordinada a êste critério, seja sempre subjectiva, há a possibilidade de que a concordancia, evidenciada num caracter principal, e apenas indicada em outros caracteres,— concordância que La-Grasserie chama *ar de família*,— aponte realmente parentêsco genealógico, de que se perdêram as provas.

Passando em revista os critérios que podem servir para uma classificação parcial das línguas, o mesmo autôr acha que a classificação lingüística póde differir, segundo os pontos de vista, de que se parta; os quaes podem sêr: o fonético, o psicológico e o morfológico.

*Fonèticamente*, isto é, considerando-se as palavras sòmente pelo lado material, sem referência á ideia, podem as línguas classificar-se: 1.º, quanto á voz insulada; 2.º, quanto ás vozes reünidas; 3.º, quanto á acentuação.

*Psicologicamente*, isto é, considerando-se as ideias sem referência ás palavras, as línguas são: 1.º, formaes ou não formaes; 2.º, concretas ou abstractas; 3.º, subjectivas ou objectivas.

*Morphològicamente*, isto é, considerando-se a ideia, expressa pela palavra, temos em primeiro logar três classes de línguas: 1.º, línguas, em que o pensamento fica, em parte, no espírito, por fórma que a expressão, mais psicológica que fonética, não passa de um principio de realização; por outras palavras, línguas em que

a grammática consiste apenas no emprêgo das differentes raizes, e na ordem por que ellas se empregam ; 2.°, línguas em que o pensamento sái inteiramente do espírito para entrar na palavra, estabelecendo-se uma relação de vozes, agindo e reagindo umas sôbre as outras, de fórma que uma exprima a ideia principal, outra a acessória, ou determinada, ou relativa, mas com a seguinte imperfeição : que a expressão não conserve nem realize exactamente, entre a parte principal e a acessória, a mesma proporção que há no pensamento ; 3.°, línguas em que o pensamento não só passe inteiramente do espírito para a linguagem, mas passe, mantendo as proporções que as ideias tinham entre sí no espírito, exprimindo-se as principaes por meio de raizes, as acessórias não por meio de outras raizes subordinadas, mas por simples fonemas e modificações de sons.

Cada uma destas três classes se subdivide, primeiro, em línguas concretas ou abstractas, depois em línguas subjectivas e objectivas, e finalmente em línguas formaes e não formaes, consoante a precedente divisão psicológica; e, por outro lado, em línguas de sutura ou sem sutura, incorparativas ou não incorparativas, com harmonia vocálica ou sem ella, consoante a divisão fonética.

Expostos os referidos critérios, La-Grasserie passa a applicá-los numa classificação geral, natural e objectiva, das línguas não affins, concluindo que, para certos grupos lingüísticos, deveremos contentar-nos com poucos caracteres de semelhança e com aquêlle *ar de fa-*

*mília*, que denuncia parentêsco occulto. Como conseqüência, observa que a classificação das línguas em insulativas, agglutinativas e flexivas, àlém de outros inconvenientes, tem o de só admittir o ponto de vista morfológico, excluindo a psicologia.

§ 7. — Do que ràpidamente deixamos dito, infere-se que uma classificação scientifica não poderá, já agora, satisfazêr-se com o simples critério schlegeliano. Entretanto, qualquer classificação, tem, antes de tudo, um valôr subjectivo, ao passo que a naturêza congrega todos os fenómenos, por fórma que não existem verdadeiras separações.

Depois, há línguas, cujos caracteres essenciaes não são bem conhecidos, para que se lhes possa designar o logar preciso numa classificação racional; e, ao mesmo tempo, o carácter morfológico, que é a base da classificação tripartida, obtém-se com a máxima facilidade, e é o carácter mais saliente e mais seguro que se póde apontar na índole das línguas.

É verdade que essa classificação tem inconvenientes; mas, para nós, que precisamos dividir as línguas de um modo simples e lógico, é innegavelmente a mais oportuna.

Demais, os argumentos que se aduzem contra a ideia da evolução ou da estratificação das línguas, isto é, contra a opinião de que todas as línguas nascem monosillábicas, crescem agglutinativas e se tornam flexivas, aumentam indirectamente o valôr de uma classificação subordinada a tal critério. O carácter do monosillabis-

mo, da agglutinação e da flexão, àlém de sêr importante porque é deduzido do organismo e da própria essência das palavras, é inda importante também, porque é inalterável através da história e do tempo.

Àlém de tudo, esta fórma de classificação não surgiu de golpe na mente de um só lingüïsta: foi-se desenvolvendo, grau a grau, na mente de todos, dêsde Frederico e Guilherme Schlegel até Max Müller, Schleicher, e Pott, depois de têr passado pela fieira de Bopp; e é difficil substituí-la por outra, qualquer que esta seja.

Note-se de passagem que, àlém das duas classificações, acima descritas, a *morfológica*, e a *fisiológica* ou *psicológica*, outras se tentaram. Aquella, a que o célebre Frederico Müller ligou o seu nome, é unicamente *genealógica*.

Baseados no próprio critério morfológico, estabelecêram outros diversas classes. Assim, o professôr L. Adam, de Rennes, em vêz de três classes morfológicas, estabeleceu cinco. Das mutações vocálicas, realizadas dentro do radical, distinguiu êlle as mutações vocálicas do suffixo, applicando ás primeiras a palavra *versão*, e ás segundas a palavra *flexão*. São estas as suas classes:

1.º — Línguas insulativas, (o chinês, etc.);

2.º — Línguas versionaes, (as semíticas);

3.º — Línguas agglutinativas, (as não comprehendidas nas outras quatro classes);

4.º — Línguas harmónicas, (as uralo-altaicas);

5.º — Línguas flexionaes, (as indò-europeias).

*

§ 8. — Primeira fórma lingüística, o monosillabismo. É esta a fórma mais simples, e por isso, a enunciamos em primeiro logar. Cada palavra consta de uma simples raiz, que se não altera, nem tem suffixos ou prefixos. Tudo que nós exprimimos por meio da flexão, isto é, as relações dos conceitos, é confiado a outras palavras independentes, que succedem, umas após outras, sem nunca se fundirem com a palavra que exprime o conceito principal ou a parte substancial. Por exemplo, a expressão latina *domi*, que em português corresponde a *em casa*, representar-se-ía em chinês por *no li*, (*no*, casa, e *li*, interiôr). As principaes línguas, que pertencem a esta fórma, são o *chinês*, o *annamita*, o *siamês*, o *bermano*, o *tibetano*, línguas que aliás são consideradas insuladamente, pois que entre ellas não há vínculo algum de affinidade recíproca.

§ 9. — O chinês abrange quatro grandes dialectos: a língua *mandarina*, que é falada nas províncias, especialmente em Nanquim, e que constitue a língua nacional; o *dialecto de Cantão*, o *dialecto de Fuquian*, e o *cauchinchinês*.

O carácter principal do chinês é o monosillábico, isto é, o chinês só tem palavras de uma síllaba simplicissima, composta apenas de uma consoante inicial e uma vogal final, que póde sêr nasalada; e nisso differe do cauchinchinês e do dialecto de Cantão, os quaes admittem consoante final.

Se observarmos que o chinês não tem todos as nossas consoantes, que não conhece o *r*, (e tanto, que a

palavra *Christo* é *Kilíselu*), e que não tem as sonoras explosivas *g*, *d*, *b*, ficamos maravilhados de que, com simples combinações de poucos sons consonânticos e vocálicos, se possam exprimir ideias e se chegasse a formar uma rica literatura, que remonta a cêrca de 2000 annos antes da nossa era.

Acresce que o chinês não conhece a *composição* e a *derivação*, precisando portanto de muito maior número de raízes, do que qualquer outra língua. Aquella falta, substitue-a o chinês com a vária entoação que dá á mesma síllaba para exprimir significações differentes, e com o logar que essa entoação occupa na frase.

Os primeiros missionários europeus na China comparavam aquella língua a um chilrear de pássaros, ouvindo a mesma síllaba repetida muitas vêzes com significações differentes, e desesperavam de a aprendêr.

As raízes, isto é, os elementos do chinês, segundo os nossos cálculos, são apenas 450 ; mas, com a variedade das entoações, que os chinêses lhes dão, formam uma base de 1500, com as quaes, mediante uma variada disposição, conseguem 15000 palavras, actualmente em uso[1].

A nossa grafia, como attende só ás mais communs articulações da bôca ou do nariz, não póde representar as

---

[1] O número exacto das palavras registadas no diccionário imperial de Khung-hi, é 42718; mais de metade porém são desusadas, ou indicam nomes de povoações, de rios, de montes, etc.

entoações chinêsas, procedentes de articulações da laringe. Os próprios chinêses não representam as suas entoações na escrita.

A sua escrita é, em parte, ideográfica, ou representativa de ideias por meio de figuras, e, em parte, fonográfica, que é representativa da pronúncia literária, ou do dialecto de Nanquim.

A escrita chinêsa tem sinaes especiaes para cada palavra. Ao passo que os alfabetos europeus tem 20 a 30 lêtras, com que representam os sons mais communs que entram nas palavras, o alfabeto chinês, se tal nome se lhe póde dar, tem 214 sinaes, que se dizem chaves, quase todos ideográficos, como figuras de uma árvore, de uma montanha, etc., e uma grande quantidade de sinaes particulares, representativos de ideias ou de sons, que se juntam, de vários modos, a cada uma daquellas *chaves*. De maneira que a maior difficuldade, para os chinêses que desejam sêr tidos na conta de illustrados, é sabêr escrevêr todas as ideias, visto que cada uma tem sinal especial. Para se aspirar á posição de cronista imperial, era preciso conhecêr 9000 daquêlles sinaes de ideias, que fôram reünidos num compêndio especial.

A sintaxe, isto é, a maneira diversa de collocar os elementos oraes, é o meio principal, com que o chinês exprime as relações das ideias. As chamadas partes do discurso, o verbo, o substantivo, o adjectivo, o advérbio, etc., não se encontram ali : *tao* póde significar pão, caminho, tropa, cobrir, conduzir, etc.; *lu* póde significar pedra preciosa, orvalho, revoltar, etc. Se aquellas

palavras são precedidas de um nome de pessôa, ou de um pronome, tornam-se verbos.

O verbo é apenas a reünião de várias raízes com significado especial e o sentido geral da frase, que faz resaír as noções do tempo e da modalidade. Algumas raízes, que, na sua origem, tinham significado próprio e substancial, e que depois se empregaram como auxiliares do verbo, são, segundo as conveniências, antepostas ás raízes que exprimem o verbo. Para se formar o tempo pretérito, antepõi-se ao monosíllabo, que deve exprimir a acção verbal, uma partícula que signifique tempo passado; para se formar o futuro, antepõi-se uma particula que signifique tempo por vir; e assim por deante.

Assim, no cauchinchinês, *eu amo* diz-se *toi men*, que, literalmente, significa: *servidôr amar ; eu amava* é *toi da men*, que, literalmente, quer dizêr: *servidôr já amar; eu amarei* diz-se *toi ke men*, que, literalmente, é o mesmo que: *servidôr depois amar*.

No dialecto mandarim, para se dizêr *andaram*, ocorrem sete monosillabos: *tha* (elles), *mun* (multidão), *ju* (em), *kiu* (passagem), *sci* (tempo), *mang* (andar), *leao* (de facto) [1].

---

[1] O professôr Severini affirma que os chinêses começam já a agrupar os monosíllabos, mudando-lhes a tonalidade ao agrupá-los, de maneira que a articulação é que lhe faz variar o sentido lógico. Por isso, conclue êlle que uma língua de simples monosillabismo, rigorosamente, não póde subsistir, e que apenas o chinês se avizinha mais dêsse tipo, do que qualquer outra língua.

Fóra da frase, e tomada insuladamente, uma palavra ou raiz chinêsa não exprime nada de determinado no espaço, nem no tempo, nem na concepção. E assim é que *ngan* póde significar *descanso, descansar, fazêr; ta* póde significar *grande, grandêza, grandemente, engrandecêr; ngo ta ni* quer dizêr *eu bato-te*, e *ni ta ngo* quer dizêr *tu bates-me; j* significa *empregar*, e, quando precede um nome que póde considerar-se instrumento, significa *com* ou *por meio de.*

Como se vê, a palavra chinêsa presta-se indifferentemente o sêr usada como verbo, ou como preposição, ou como substantivo. Pelo lado da sua estructura, esta língua occupa o mais baixo gráu e é desprovida dos meios orgânicos, que tornam as nossas palavras espêlhos fiéis, em que se reflectem os conceitos e as suas realizações ou modalidades. Convém todavia observar que algumas raízes chinêsas se tornaram auxiliares ou sinaes formaes, que fazem lembrar os nossos suffixos; mas inda não constituíram verdadeiras partes do discurso nem fórmas flexivas.

Êste facto, que evidentemente não abona as ideias preconizadas por Sayce e Renan, de que as línguas não passam de monosillábicas a agglutinatívas, é pôsto em evidência pelos próprios grammáticos chinêses, os quaes classificam as raízes em dois grupos, isto é, palavras *cheias* e palavras *vazias*, comprehendendo nas primeiras as vozes que têm significado independente e especial, como succede nos nossos nomes e verbos; e nas segundas as raízes, cujo valôr próprio se vai gradualmente obliterando, e que chêgam a de-

terminar e precisar a noção muito vaga de palavras *vazias*. — ¿ Que é a grammática ? — pregunta ao discípulo o mestre chinês. — E o discípulo responde : — É uma arte utilíssima, que ensina a distinguir as palavras *cheias* das palavras *vazias*. —

§. 10. — O *annamita* é a língua da Indò-China oriental, limitada ao norte pelo Tonquim e ao sul pela Cauchinchina.

O organismo desta língua é análogo ao do chinês. Não ha nella palavras com função de partes do discurso; há monosíllabos que, segundo a sua posição, representam certas ideias geraes, que são determinadas e completadas por outros monosíllabos, collocados junto daquêlles. É variado porém o seu sistema de tons, que são seis : o *agudo*, o *interrogativo*, o *ascendente*, (semelhante ao interrogativo), o *descendente*, o *grave*, e o *igual*.

Embora o annamita tenha estructura semelhante á do chinês, de que tem feito importações consideráveis, é todavia, quanto ao vocabulário, uma língua especial e distinta daquella.

O *siamês*, que domina ao norte do golfo de Sião e na costa occidental do mesmo golfo, possue uma fonética abundante, com muitas aspiradas e sons contínuos, mas só quatro tonalidades.

Inda menos tem o *bermano*, que se fala ao noroéste da península indò-chinêsa, mas que, em todo caso, está de acôrdo com os outros idiomas da Índia trans-

gangética, na falta de flexões e no emprêgo exclusivo de monosíllabos.

A vasta região, que se estende a oéste da parte mais setentrional da Índia transgangética, tem muitos dialectos conhecidos collectivamente por *himalaiêses*, e que inda se não puderam classificar bem. O principal dêlles é o *tibetano*, que deve á influencia da Índia a sua cultura intellectual, e até o seu alfabeto, que é semelhante ao devanágari. Entretanto, a língua é monosillábica, sem flexões nem verdadeiras partes do discurso.

As mencionadas línguas têm tal communhão de carácter, que nos autoriza a considerá-las como membros da mesma família. Verdade é que, quanto ao material ou ao vocabulário, o chinês, o annamita, o siamês, o bermano, o tibetano, differem entre si profundamente; mas a circunstância de acharmos estas línguas umas ao lado das outras, numa cadeia contínua e ininterrupta, do suéste da Índia para o noroéste, valoriza os simples caracteres lingüísticos do monosillabismo e da *juxtaposição*.

Para estas línguas, muito convíria um trabalho comparativo, não de fonética, mas de estructura orgânica e de sintaxe.

§ 11.— Segunda fórma lingüística, a agglutinação.

Nesta segunda fórma, os vários elementos radicaes não estão separados uns dos outros, mas apparecem agrupados de maneira que três ou mais elementos são proferidos por uma só vêz; faz-se depois uma pequena

pausa, para separar outro grupo de elementos successivos, e assim por deante.

Êstes grupos de elementos radicaes correspondem assim a verdadeiras palavras, porque nêlles se reúne ao mesmo tempo o sinal da ideia substancial e os sinaes das relações ou das modalidades, que se desejam determinar naquella ideia.

A palavra, no seu verdadeiro sentido, não pertence á fórma monosillábica: começa só na fórma agglutinativa. É também privativa desta fórma a alteração do sentido e até do côrpo material dos elementos que exprimem relações. O elemento, que representa a ideia principal ou o conceito abstrato, nunca se altera; e os outros elementos, que se aggregam àquêlle, para exprimir as pessôas, o tempo e o modo nos verbos, os casos, o número e o gênero nos nomes, perdem, por um lado, o seu primitivo sentido material, e, por outro, não mantêm intacta a sua fórma.

Esta caracteristica também é commum ás línguas flexivas, mas, nestas, é completa a fusão dos vários elementos constitutivos da palavra, chegando a alterar até a raiz principal e tornando mais difficil, do que nas línguas agglutivativas, a separação ou análise dos vários elementos.

Nas línguas flexivas, há palavras com agglutinação, como no português *troca-tintas, guarda-marinha, limpa-calhas,* em que se reconhece claramente o valôr dos respectivos elementos; mas as palavras das nossas línguas, na sua máxima parte, apresentam estructura tão compacta e alterações internas tão profundas, que

o valôr dos elementos não apparece na consciência de quem fala. Quem diz *louvarei* já não tem consciência de *louvar* + *hei*, donde veio aquella fórma; e quem diz, *guardo, guardas, guardamos, guardaes,* não tem consciência do valôr das últimas lêtras; ao passo que o turco, nas palavras *bakar-im, bakar-sin, bakar-i, bakar-siniz,* que correspondem àquellas no significado, reconhece e sente o valôr, tanto do elemento radical, como do formal.

É muito considerável o número das línguas agglutinativas, pois constituem a maioria das línguas conhecidas. Pertencem a esta fórma as línguas bantas da África, as línguas malaió-polinésicas do sul da Índia, o grupo uralò-altaico da Ásia e da Europa, e muitas outras mais, de que só ás mais notáveis nos poderemos referir em ligeira resenha.

§ 12. — *Hottentotò-boximane.* Êste grupo, que comprehende trinta dialectos, falados no extremo sul da África, é, para Bleek e Lepsius, um ramo da classe hamítica, o qual desceria da costa setentrional, antes da grande invasão e diffusão dos povos pertencentes fa nília b nta; mas, para Fred. Müller, Hahn e Cust, constitue um grupo especial. [1]

[1] Bastaria sabêr-se que as línguas hamíticas são flexivas, em quanto o boximane é agglutinativo, para se rejeitar abertamente a filiação proposta por Bleek. Da agglutinação poderia passar-se á flexão; da flexão á agglutinação, impossível.

(*N. do tradutôr*).

Entre o hottentote propriamente dito e o boximane não há realmente grandes affinidades lingüísticas, ou a pouco mais se reduzirão do que aos sons particulares, chamados, em inglês, *cliks*.

A tribu hottentote abrangerá talvêz uns 350:000 homens, e a sua língua tem quatro dialectos principaes: o *orama*, o *cora*, (que se fala nas margens do Orange), o dialecto do Cabo, e inda outro, que se fala a oéste da região.

Nêstes dialectos, as raízes são monosillábicas, mas agglutinam-se, para produzir as partes do discurso e as fórmas grammaticaes.

São peculiares a todo o grupo os taes sons de estalo, ou *cliks*, que, ao contrário de todos os sons oraes conhecidos, são produzidos com a aspiração do ar, em vêz de o sêrem com a expiração.

O hottentote tem quatro daquêlles sons: o dental, o lateral, o guttural e o palatal. Êste último é o que constitue a especialidade do grupo, porque os outros três deparam-se-nos tambêm no cafrial. Todos êlles são também próprios dos boximanes, que inda têm outros.

Os boximanes constituem um grande número de tribus, que têm vários nomes especiaes. São uma raça inferiôr e profundamente inculta. Vivem só da caça.

§ 13. — Linguas dos Nêgros da África. Estas não constituem um verdadeiro grupo, mas um grupo provisório de línguas, pouco estudadas por ora, e algumas das quaes poderão um dia encorporar-se na família banta, e outras nas línguas semíticas ou hamíticas.

A raça dos Nêgros occupa vastíssima região ao sul do trópico de *Cancer* e ao norte do Equadôr, dêsde o rio Senegal, a oéste, até a bacia do Nilo, através do Sahará.

Estribando-se em considerações puramente geográficas, Rob. Cust divide êste grupo em quatro sub-grupos:

## A. Sub-grupo do Atlântico.

| | |
|---|---|
| I. Secção do norte. | Dêsde o rio Senegal ao cabo Mount. |
| II. Secção do sul. | Dêsde o cabo Mount ao rio Benim. |

## B. Sub-grupo do Níger.

| | |
|---|---|
| I. Secção de oéste. | A bacia do Níger até Nupé e os confins de Andamáua. |
| II. Secção de léste. | Região intermédia á secção de oéste e a uma linha imaginária, que passa ao norte das montanhas de Camerum, como que separando do grupo nêgro a família banta. |
| III. Sub-grupo central. | A região que fica em volta do lago Chad. |
| IV. Sub-grupo Nilo. | A bacia superiôr do Nilo. |

No grupo nêgro entram, segundo Cust, 196 línguas e 49 dialectos; mas teremos aqui de nos limitar ao registo summário das principaes línguas.

O sub-grupo do Atlântico conta 67 línguas àlém de 24 dialectos. Pertencem á secção do norte 28 línguas, cujas principaes são: *jalof*, *serer*, *bambara*, *mandinga*, *felupo*, (que comprehende o *biafada* e o *papel*), *susu*. A região do sul conta 39 línguas, sendo as principaes o *grebo*, o *achanti*, o *eué*, o *joruba*, etc.

No sub-grupo do Níger, com 38 línguas e 13 dialectos, mencionemos o *ibo*, o *nupé*, o *jucu*.

No sub-grupo central, com 59 línguas e vários dialectos, merece mencionar-se o *suchai*, (a língua de Tombuctu), o *hausa*, o *tubu*, o *canuri*, (a língua de Bornu), o *bagrima*, o *maba*.

Finalmente, o sub-grupo do Nilo conta 31 línguas, de que mencionaremos o *denca*, o *bari*, o *bongo*, o *madi*.[1]

§ 14. — Todas as línguas, faladas na África, ao sul do Equadôr, exceptuado o pequeno grupo hottentotò-boximane, pertencem a uma grande família, que têve

---

[1] Geralmente, o autôr da obra, quanto a nomes de línguas afrícanas, adopta a grafia inglêsa, porque índa não foi italianizada. Mais bem avisado andaria êlle talvêz, italianizando essa grafia.

Nesta tradução portuguêsa, certamente com mais audácia que fortuna, aportuguesam-se aquêlles nomes. O patriotismo do tradutôr não lhe deixou vêr a audácia.

(*N. do tradutôr*).

uma língua-mãi originária, e que se chama geralmente *banta* ou sul-africana. Pouco mais ou menos, essas línguas são faladas na parte oriental, dêsde o Equadôr até Keiskamma; e, na parte occidental, dêsde o 8.° grau da latitude norte até o 32° de latitude sul.

São dois os principaes caracteres desta família de línguas, as quaes pertencem ao tipo agglutinativo: distinção dos nomes em várias classes ou gêneros, por meio de prefixos especiaes, isto é, partículas antepostas ás raízes; e a concordância, quanto a êsses prefixos, que se faz com os pronomes, os adjectivos, os verbos, em summa com todas as partes do discurso, menos as indeclináveis.

Para se formar ideia dêstes caracteres, lembremonos de que também nós, em nossas línguas, temos várias classes ou gêneros (em sentido geral) de nomes, isto é, os masculinos, os femininos, os singulares, os pluraes; e de que, por meio das desinências ou suffixos, concordamos ou uniformizamos com a classe dos nomes os adjectivos ou os verbos, os primeiros em todas as classes, e os segundos só naquellas que se referem ao número. Mas, nas línguas bantas, as classes dos nomes são estabelecidas por suffixos e são muito numerosas. Dir-se-ia que a mente daquêlles homens precisa de um contínuo sinal mnemónico, ou de um verdadeiro *pronome*, para referir ao nome a qualidade e as acções que os adjectivos e os verbos exprimem.

A expressão: «São bellas as nossas raparigas e nós as amamos», é representada no cafrial por estas palavras:

*Izintombi zetu le zijabonakala si zitanda.*

Nesta frase, a particula *zi*, que entra em todas as palavras declináveis, não é senão o prefixo do nome, repetido no pronome, no verbo, no adjectivo.

Quem deseje minuciosa notícia à cêrca da glottologia banta póde consultar o trabalho que, a tal respeito, publicámos há annos; e limitar-nos-emos aqui á classificação e enumeração das línguas bantas.

Estas línguas, que são 168, afóra os dialectos, fôram classificadas por Cust, sob o ponto de vista geográfico, em tres secções, cada uma das quaes abrange vários ramos, por esta fórma:

A. Secção meridional. { Ramo de léste. » central. » de oéste.

B. Secção oriental. { Ramo do sul. » de léste. » de oéste.

C. Secção occidental. { Ramo do sul. » do norte.

A secção meridional consta de 10 línguas: o *zulo*, o *xosa* (ou *cafrial*), e o *guamba*, pertencentes ao primeiro ramo; o *suto* ou *basuto*, o *sechuana*, o *xona*, o *maxona* e o *siga*, que pertencem ao segundo; e o *hereró*, o *ici* e o *andonga*, pertencentes ao terceiro.

A secção oriental consta de 78 línguas, 20 das

quaes pertencem ao primeiro ramo e são, entre outras, o *nhai*, (língua de Tete), o *ravi*, (falado na costa meridional do lago Niassa), o *nianga*, o *macúa*. O segundo ramo tem 24, entre as quaes o *comoro*, o *conde*, o *zaramo*, o *suahíli*, (uma das dôze mais importantes línguas do mundo, segundo Cust, pela sua enorme diffusão, pois é falada em Mombaça e em muitas outras tribus), o *sagara* ou *mégi*, o *sambara*, o *nica*, o *camba*. Pertencem ao terceiro ramo 34 línguas, entre as quaes mencionaremos o *Nia-Mnézi*, o *ganda* (falado em Uganda), e o *soga*.

A secção occidental comprehende 80 línguas, pertencendo 25 ao ramo do sul, e 65 ao do norte. Entre as dêste ramo, são as mais importantes o *congués*, o *quele*, o *pongo*, o *isúbu*; e, entre as daquêlle, o *nano*, (língua de Benguela), o *quimbundo*, (língua de Angola), o *lundês*, etc.

§ 15. — O grupo hamítico póde dividir-se em três sub-grupos: *egípcio*, *líbico* ou *berbere*, e *etiópico*.

O primeiro sub-grupo comprehende duas línguas mortas: o *egípcio* antigo, de que há documentos que remontam a mais de 4000 annos antes da nossa era; e o *copto*, que lhe succedeu pouco antes da era christan, sob a influência grecò-latina, e que desappareceu com a invasão dos árabes, sendo substituído pela língua dêstes, a qual é hoje corrente naquellas regiões.

O líbico comprehende 9 línguas, duas das quaes já se extinguiram, e eram o *velho líbico*, que se falava

no tempo dos romanos, nas regiões que êstes denominaram Numídia, Mauritânia, Getúlia; e o *guanco*, antiga língua das Canárias. Das outras sete, as mais importantes são o *cabila*, falado pelos indígenas da Argélia; o *tamaxeque*, língua do Saharâ; o *xila*, falado em Marrocos; e o *azenegue*, na Senegâmbia.

O grupo etiópio offerece muitas difficuldades, porque mal se pódem separar dêlle as contribuïções que recebeu das línguas semíticas. Abrange umas vinte línguas, faladas nas margens superiôres do Nilo, entre o Mar-Vermêlho, a Abissínia e o Deserto. As mais conhecidas são o *somali*, o *galla* ou *oromónico*, o *bixári*, o *dancali*, o *bejá*, o *agau*.

Fred. Müller, que, a respeito da classificação das línguas africanas, é autoridade competentíssima, declara que é um facto apurado pela sciência não têr o grupo hamítico connexão com as outras línguas africanas, apresentando todavia alguns caracteres das línguas semíticas. Entretanto, no estado actual, não podemos fazêr do hamítico um sub-grupo semítico, e temos de reconhecêr que, dado que tenham procedido da Ásia os povos que falam taes línguas, isso deveria succedêr em épocas remotíssimas.

Ao mesmo tempo, Lepsius e Bleeck reconhecem e proclamam a connexão do grupo hamítico com o grupo hottentotò-boximane, que fica na extrema orla da África meridional.

§ 16. — Foi Renan quem primeiro reconheceu a necessidade de se distinguir um grupo hamítico, mas

*

deve-se exclusivamente a Fred. Müller a distinção do grupo chamado *nuba-fula*.

Lepsius, com a sua célebre grammática, publicada em 1880, depois de 20 annos de estudos, notou a affinidade do *nuba* com o grupo hamítico, mas não conseguiu unificar os dois grupos. Crê-se geralmente naquella affinidade; mas, quanto á connexão entre o *fula* e o *nuba*, não é tão clara, e nem todos os autôres a reconhecem.

Krause emittiu a opinião de que o *fula*, ou *pul*, poderia considerar-se língua protò-hamítica, mas que, no estado actual, já se não póde dizêr língua hamítica. Note-se porém que êlle considera como semítico o grupo hamítico.

A raça fula, embora cruzada pela nêgra, inda se distingue, não só pela côr da pelle avermelhada, se não também pelos cabêllos, que não são lanosos, como os dos nêgros, mas crêspos; e occupa a extensa região que vai dêsde o cabo Vêrde até o lago Chad. Entre esta região e a segunda cataracta do Nilo, domina o *nuba*, que abrange 16 línguas. O *fula* é constituído por uma só língua, com vários dialectos [1].

§ 17.— Família malaiò-polinésica, ou oceânica. Esta família, já hoje conhecida por todos os glottólo-

[1] Faidherbe, *Gram. et vocab. de la langue poul*, Paris, 1882; Krause, *Ein Beitrag zur Kenntniss der Fulischen Sprache in Afr.* Lipsia, 1884.

gos, offerece largo campo a trabalhos comparativos, que deverão prestar utilíssimos subsídios aos glottólogos futuros. Por ora, com os elementos disponiveis, isto é, podendo dispôr apenas dos dialectos vivos, que só podem levar-nos a bases relativamente modernas, não podemos abalançar-nos a reconstituïções remotas, e ficam-nos portanto desconhecidas as verdadeiras raízes.

Fred. Müller distinguiu três grupos nesta familia: o *malaio*, (falado em Malaca), o *melanésico* e o *polinésico*.

Outros estabelecem só dois grupos: o *malaio* e o *polinésico* [1].

O mais importante dêstes grupos é o *malaio*, que, segundo os autôres hollandêses Marsben [2], Werndly [3], e Hollander [4], comprehende dois dialectos: o que se fala em Malaca e o que domina nas costas de Samatra.

Esta língua é o idioma nacional de Malásia, que comprehende, àlém da península de Malaca, as ilhas da Sunda, Samatra, Java, Bornéu, Celebes, Flores, Timôr,

---

[1] E outros, ainda, distinguem quatro grupos: o malaio, o melanésico, o polinésico, e o tagala (nas Filippinas, etc.).

(*N. do tradutôr*).

[2] *Grammaire de la langue malaise*, trad. Elout.

[3] *Maleische Spraakkunst*.

[4] *Handleiding bij de beoefening der Maleische taal and letterkunde*.

Molucas e Filippinas [1]; e domina, do lado do oéste, em todos os pequenos arquipélagos do oceano índico até Madagáscar; por léste, estende-se até Sandwich.

É simplicíssima a estructura das palavras malaias; e, pela sua suavidade, chamou-se ao malaio o italiano do oriente.

O malaio da penìnsula de Malaca foi para ali importado das ilhas, no século XII. Êste ramo, ao contrário do polinésico, tem uma literatura, que remonta ao século XIV, e, na sua escrita, empregam-se os caracteres arábicos.

Quanto ás línguas, que alguns distinguem no malaio, [2] opina o padre Favre [3] que se trata apenas de ligeiras alterações de sons e não de caracteres essenciaes; alterações naturalíssimas, se se attende á exten-

---

[1] Os que reconhecem na família oceânica o grupo das línguas tagalas, consideram-nas assim distríbuidas: o *tagala*, vernáculo nas Filippinas; o *formosano* na ilha Formosa; o *manatóto* ou *tétum*, vernáculo em Timôr, e o *malgaxe*, vernáculo em Madagáscar.

(*N. do tradutôr*).

[2] Com effeito, outros glottólogos incluem no grupo das línguas malaias, o *malaio*, (Malaca e Malásia); o *achém*, (Samatra); o *cávi* ou *javanês antigo* e o *jau* ou *javanês moderno*, (Java); o *bataque*, o *daiaque*, etc. Cf. Gonç. Vianna, *Classificação summária das línguas*, in *Mappa diclectologico do continente português*.

(*N. do tradutôr*).

[3] *Gram. de la langue malaise*, Paris e Vienna, 1876, p. XXII.

são immensa, em que se fala o malaio, e ao número das raças que o falam.

O grupo polinésico comprehende, a par das línguas da maior parte dos arquipélagos de Polinésia, o *formosano*, o *malgaxe*, etc. [1]

§ 18. — O malaio e o polinésico apresentam o mesmo tipo agglutinativo, isto é, a invariabilidade da palavra radical, a ausência das fórmas de conjugação e de declinação, que são representadas pelo agrupamento de várias raizes.

Geralmente, os radicaes constam de duas síllabas, prefixando-se aos monosillábicos a vogal *a*, de fórma que ficam disíllabos; e, quanto aos radicaes de três ou mais síllabas, deram-se nêlles infiltrações do árabe ou de dialectos indianos.

Nas partículas que, mediante prefixos ou suffixos, servem para a formação das partes do discurso, observa-se em todas as línguas malaiò-polinésicas uma nítida semelhança de fórmas e analogia de sentido. Bastará notar que as partículas, que servem para formar as diversas espécies de verbos, são, no malaio, *me*, *meṅ*, *meñ*, *men*, *mem*; e, no malgaxe, *mi*, *maṅ*, *mañ*, *man*, *mam*.

As partículas, que servem para a formação dos nomes, são geralmente as mesmas.

---

[1] Haja vista o que noutra nota deixei dito sôbre línguas tagalas.

*(N. do tradutôr).*

Os radicaes permanecem intactos, quer funcionem como verbos, quer como substantivos ou adjectivos. *Besár*, em malaio, significa *grande* e *sêr grande; sakit* significa *doente* e *estar doente.*

Rigorosamente, pois, não há ali os gêneros, casos e números dos nomes, nem os modos, tempos e pessôas dos verbos. Tudo se exprime com prefixos, que têm significado, e que se agglutinam com a raiz principal.

Fenómeno dos mais característicos, e commum a toda a família malaiò-polinésica, é a repetição das raízes, para exprimir sentidos differentes. No malgaxe, por exemplo, *mi halo halo* significa *ir e vir; mi gefi gefi* significa *movêr-se em todas as direcções.* Nos adjectivos, advérbios e nomes, a repetição dá significação deminutiva ás raízes: *da keli,* (pequeno); *si ha keli keli,* (pequenino); *da dinitra,* (suór); *si ha dinidinitra,* (humidade).

E assim também, no malaio, de *pukul* fêz-se *berpukul,* (batêr), e *berpukul pukul,* (batêr e tornar a batêr).

Outro característico especialíssimo e commum a toda a família malaiò-polinésica é o seguinte: o verbo, na sua fórma primitiva ou no estado de raiz, sem nenhum affixo, indica passividade, isto é, um estado ou condição recebida pela pessôa ou coisa.

§ 19. — Entre o malaio e todas as línguas polinésicas, observam-se importantes affinidades lexicológicas, especialmente nos nomes numeraes, nos nomes dos animaes domésticos, nos nomes que exprimem as coi-

sas mais usuaes e as ideias mais simples. O número *nove*, no malgaxe, é *sivi*, nas Filippinas *sijam*, na Formosa, *siba* e *sina*, na Nova-Zelândia *ina*, em Sandwich *iva*, na Popuásia *sin*.

§ 20 — Quanto ao património fonético, êsse, á proporção que nos afastamos de Java, é cada vêz mais pobre em consoantes. Estas, em Java, são 20, em Samatra 18, nas Filippinas e na Formosa 16, em Tiji e nas ilhas dos Amigos 15, em Taiti e ilhas dos Navegantes 10, na Nova-Zelândia 9, nas Marquêsas 8, em Sandwich 7. No dialecto de Sandwich, os dois sons *t* e *k* fundiram-se num só, e é difficillimo ensinar um havaiano a pronunciar *k*, *t*, *g*, *d*, *l*, *r*, e a conhecêr a differença dêstes sons. Nas ilhas de Sandwich, as consoantes malaias são substituídas amiúde por sons vocálicos; o malaio *kaja kaja*, (muito rico e muita riqueza) é representado no havaiano por *haia haia*.

§ 21. — Nas maiores ilhas oceânicas, em Bornéu e Nova-Guiné, há uma raça nêgra, de cabêllos lanosos, os papúas, que são semelhantes aos nêgros da África e que, na sua luta com os malaios, fôram cedendo a êstes grande parte dos seus domínios.

São pouco conhecidas as suas línguas, mas sabe-se que são agglutinativas.

Resta-nos pois alludir ás línguas do continente austral, as quaes se costuma dividirem-se em três grupos affins: o grupo de léste, comprehendendo o *camileroi*, o *cocai*, o *paiamba*, o *turrubul*, etc.; o grupo central,

que abrange os dialectos falados ao norte de Adelaide; e o grupo occidental, a que pertencem os dialectos falados ao sul de Perth.

Estas linguas da Austrália meridional são agglutinativas, mas exprimem as relações das ideias com partículas antepostas á raíz, á maneira das línguas indòeuropeias. Quanto ao fonétismo, parece que taes línguas não dispõem das explosivas sonoras *b*, *d*, g.

§ 22. — O *japonês* constitue um grupo especial, insulado, embora tenha havido quem procure relacioná-lo com as línguas uralò-altaicas.

Pertence ao tipo agglutinativo, servindo-se de partículas, appostas ao fim das raízes, para exprimir as relações de caso, número e pessôa nos nomes, e de tempo e modo nos verbos. Êstes compostos suffixativos contrahem-se amiúde e mutilam-se consideravelmente, mas sem chegar a fundir-se, como nas línguas flexivas.

É simplicíssima e eufónica a estructura fonética do japonês. A língua é repleta de expressões de respeito para com a pessôa a quem se fala, ou de quem se fala, e das expressões mais humildes, relativamente á pessôa que fala, a ponto de se podêr dizêr que não há verdadeiros pronomes, mas simplesmente nomes, como *servidôr*, *adoradôr*, etc. [1]

---

[1] D. Rosny, *Introd. à l'étude de la langue japon.*, Paris, 1897; — *Id.*, *Récueil de textes japonais*, Paris, 1863.

A actual escrita japonêsa é muito parecida aos caracteres chinêses. Consta de 47 ou 50 sinaes, chamados *kana*, àlém de dois sinaisinhos que, adicionando-se a algum daquêlles 50, o modifica.

A transcrição daquêlles sinaes póde fazêr-se segundo o critério etimológico ou o fonético. O primeiro tem a vantagem de se prestar melhor aos estudos e investigações scientificò-literárias; e o segundo a de representar fielmente o valôr real dos sons constitutivos das palavras.

Seria para desejar que os japonêses, tão dispostos hoje a aceitar as conquistas da civilização, deixassem a grafia sillábica, e adoptassem definitivamente um simples sistema fonético, como o do italiano[1], sistema que êlles poderiam ir melhorando com a adição de poucos sinaes, que o critério fonético exigisse.

§ 23. — As línguas *dravídicas*, que alguns chamam também *tamúlicas* ou *malabáricas*, são faladas por uns 30 a 40 milhões de homens, que constituem a descendência da raça aborigene da Índia, a antiga raça que foi repellida e subjugada pela população indòeuropeia, quando esta se estendeu para fóra dos planaltos do centro occidental da Ásia ou, segundo outros, da Europa.

---

[1] É patriótico o alvitre ou, antes, a comparação. Não nos esqueçamos porém de que mais simples e mais racional aínda do que a ítaliana, é a ortografia castelhana.

(*N. do tradutôr*).

As línguas dravídicas occupam toda a parte meridional da península cisgangética, dêsde os montes de Vindia até o cabo Comorim e até o centro da ilha de Ceilão.

São 12 idiomas vivos, de que são principaes os quatro que se falam na provincia de Madrasta: o *tamul*, (ou *tamil*), na costa oriental da península, e em metade da costa setentrional de Ceilão; o *telegu*, no Nizám e nalgumas regiões centraes; o *canará* ou *canarim*, no centro da península e nos territórios do raja de Misore; e o *malaiala* ou *malaialim*.

Temos também o *gonde*, o *malabar* ou *malabárico*, o *telinga*, o *túlu* ou *túluva*, àlém de outras línguas menos importantes, consideradas como grupos de línguas *colárias*. Tal é o *sontal*, em Bengala, e o *savará*, em Madrasta[1].

Todas estas línguas são polisillábicas, de estructura agglutinativa, mas não tão desenvolvida como no turco, por exemplo. Dir-se-ia que o processo de agglutinação apenas têve tempo de sair do estado insulativo, quando subitamente foi surprehendido pela invasão indò-europeia. O seu sistema fonético é simplicíssimo e igual ao das nossas línguas, excepto com relação á série das linguaes, que constituem uma pronunciada particularidade daquellas línguas e que talvêz fôssem por ellas introduzidas no sânscrito.

Os grupos consonânticos repugnam a estas línguas,

---

[1] Cf. Gonç. Vianna, *Classific.* cit.

que os não toleram no princípio, nem no fim, nem no decurso de uma palavra. Quando, no côrpo de uma palavra, uma sillaba termina por consoante, e a sillaba immediata começa por consoante, interpõi-se-lhes uma vogal, (geralmente *i* ou *a*), como se observa nos vocábulos que do sânscrito passaram para as linguas dravídicas. Assim, a preposição sanscritica *pra*, passando para o tamul, tornou-se *pira*.

Quanto a leis fonéticas, notaremos simplesmente um fenómeno geral e muito caracteristico nestas línguas: não admittem estas as explosivas sonoras, (*b*, *d*, g), no principio da palavra, ao passo que no final não admittem as surdas em posição interna. Por isso, o termo sânscritico *gati*, transportado para o tamul, é *kadi*.

Notaremos finalmente que já se affirmou têrem as linguas dravídicas affinidade com as scíticas, mas não apparecêram provas sufficientes de tal assêrto.

§ 24. — A família das linguas *uralò-altaicas*, ou *scíticas*, chamou-se primeiro turánica, e inda há quem lhe chame assim. O que é preciso é não incluir nella tudo que não seja árico ou semítico, como se fazia dantes, chamando uralò-altaico o turco, o tamul, o chinês e a lingua dos Pelles-Vermêlhas. Para nós, as línguas uralò-altaicas têm limites mais restritos e mais bem definidos.

Entretanto, depois das investigações, muitas vêzes controvertidas, de Abel Rémusat, Schott, Böhtlingk, Vambéry, Radloff, Winkler, embora se possa determi-

nar, em geral, a affinidade entre as línguas uralò-altaicas, inda não é perfeitamente indiscutível a balisa exacta e a relação recíproca dos membros dessa família, visto como alguns dialectos estão quase inexplorados.

Parece podêr admittir-se que os povos altaicos e a população urálica pertencem ao mesmo tronco, linguïsticamente, e até etnològicamente.

Pertencem ao ramo urálico os grupos *finnò-úgrico* e *samoiédico;* ao ramo altaico os grupos *turco, mongólico* e *tungúsio.*

O grupo *finnò-úgrico* comprehende, segundo Donner, cinco sub-grupos:

1.º — O finnês occidental, ou *finlandês, (carélio, estónio, livio, suómi,* etc.) falado na Finlândia, Curlândia, etc.

2.º — O *lapão,* ou *lápico,* falado na Lapónia.

3.º — O *finnò-pérnico, (votiáco, permiano,* etc.), falado na Rússia oriental.

4.º — O finnês do Volga, (*morduíno, cheremíssio*).

5.º — O *úgrico,* cuja lingua principal é o *húngaro* ou *magiar,* lingua official da Hungria, falada por cinco milhões de homens.

O grupo samoiédico estende-se na costa setentrional da Rússia a léste do Mar Branco, pela Sibéria asiática, até o rio Jenisei e a cordilheira altaica.

§ 26.— No ramo altaico sobresái principalmente o grupo *turco, tátaro* ou *tártaro.*

Parece que os turcos procedêram do Turquestão; mas os povos, que com êlles estão ligados linguïstica-

mente, acham-se diffundidos por uma região enorme, dêsde a Turquia europeia até as margens do Lena, na Sibéria.

Segundo Radloff, êste grupo póde dividir-se em quatro sub-grupos;

1.° — Dialectos orientaes, (*jacuto*, etc.)

2.° — Dialectos occidentaes, (*kirguís*, etc.) entre o Cáspio e o Volga.

3.° — Dialectos da Ásia central, (*zagatai*, etc.) falados pelos turcomanos a léste do Cáspio.

4.° — Dialectos meridionaes, (*turcomano, osmanli, caucásico, anatólico*), falados na Turquia da Europa, Ásia-Menor, etc.

O grupo mongólico abrange o *mongol oriental*, o *buriate* ou *furiate* e o *calmuco*.

Temos finalmente o grupo *tungúsio*, a que pertence o *lamuto* e o *manchu* ou *manju* [1].

---

[1] O tradutôr abstém-se de acompanhar o autôr em algumas minudências sôbre a divisão e domínio de certas línguas, quando o autôr diverge de opiniões geralmente recebidas e não menos autorizadas. E assim é que as línguas uralò-altaicas, ao parecêr de bons glottólogos, e não de inteiro acôrdo com G. de Gregorio, comprehendem 5 grupos: *Linguas samoiédicas; — linguas finnicas; — línguas úgricas; línguas tartáricas; —* e *línguas mongólicas*. Segundo esta divisão, o *húngaro*, o *votiáco*, o *cheremissio*, o *morduino*, e outras pertencem ás línguas *úgricas*; o *turcomano* e o *zagatai* coïncidem; as línguas *mongólicas* e *tungúsias* constituem um só grupo, etc. Cf. Gonç. Vianna, *Classif.* cit.

(*N. do tradutôr*).

§ 27. — Os dois últimos grupos, o *mongólico* e o *tungúsio*, não apresentam tantos caracteres de affinidade como os demais. Por isso Whitney hesitou em os incluir nas línguas uralò-altaicas, e assim pensava Vambéry, Radloff e Schott. Outros porém, como Winkler, acham no tungúsio as maiores relações com as línguas urálicas e vêem no manchu o ponto de transição entre essas línguas e o japonês. Antes dêlle, já Boller tinha admittido a ideia de que o japonès fôsse língua altaica.

Quanto á estructura das línguas uralò-altaicas, notaremos que ellas constituem o melhor exemplar do tipo *agglutinativo*. Não se limitam a affixar elementos no princípio e no fim das palavras; e apresentam até vários casos de intercalação, incluindo dentro da raíz certos elementos, para formular noções de tempo ou de modo, nos verbos.

Êste carácter, de que há largos vestígios no grupo turco, e que parece faltar só no mongol, é nitidíssimo nas línguas americanas, que por isso se chamam *incorporativas*, e das quaes falaremos logo.

Outro caracterísco das línguas uralò-altaicas é a chamada *harmonia vocálica*, que consiste na acção assimilativa, exercida progressivamente pelas vogaes, do que procede a tendência para a repetição do mesmo som.

Os alludidos pontos de contacto bastam aos glottólogos para estabelecêr a unidade da família uralò-altaica, embora genealògicamente, e com relação a raízes, pareça não havêr affinidade entre os membros dessa familia.

Inda não temos uma grammática comparada de taes linguas, porque escasseiam os monumentos literários, e porque há dialectos inexplorados. Temos todavia, àlém dos estudos de M. Müller[1], trabalhos especiaes, sôbre as linguas uralò-altaicas, de Rémusat, Schott, Böhtlingk, Radloff, Winkler, Büge. Quanto á fonética comparada, é importantíssimo o recente trabalho de Grunzel[2]; e, quanto aos grupos em particular, numerosos são os trabalhos que poderemos consultar[3].

§ 28.— O *vasconço*. Esta lingua, com as suas variedades dialectaes, é falada por uns 450:000 indivíduos, três quartas partes dos quaes pertencem á nacionalidade espanhola, e os restantes á francêsa. A região, por êlles occupada, medirá 190 kilómetros de

---

[1] *The langg. of the seat of war in the east*, etc. Londres, 1855.

[2] *Zur Phonetic der Altaischen Sprachen*, (in *Int. Zeits.* V. B, 1889, p. 47-83).

[3] Dos dialectos samoiédicos, do ostiáco, do buriate, do tungúsio, occupou-se metòdicamente M. A. Castrén, que, pela sua *Grammatik der samojedischen Sprachen*, foi um dos fundadôres da glottologia uralò-altaica. Veja-se também Schott, *Versuch über die tatarishen Sprachen;* Kasem Beg, *Allgemeine Grammatik der türkisch-tatarishen Sprachen;* Budenz, *Ugrisch Sprachstudien;* L. Adam, *Grammaire de la langue mandchou*, e *Grammaire de la langue tongouse*; Wesk, Donner, etc. Sôbre a affinidade do húngaro com o lapão, appareceu em 1770 a obra de Sainowiz: *Demonstratio idioma Hungarorum et Lamponum idem esse.*

comprimento, com a largura média de 60. Os naturaes da região, isto é, os vascongados, chamam á sua própria língua *euscára*, e os espanhóes chamam-lhe *vascuence*.

Esta língua apresenta-se insulada, em meio das línguas indò-europeias, e tem sido objecto de minuciosas investigações e numerosas hipóteses, relativamente á sua origem e affinidade.

Crêem alguns que o vasconço é o representante moderno do antigo *ibéro* e pertenceu a uma população, que teria occupado a Europa occidental, antes da invasão árica ou indò-europeia.

É innegável que, das línguas conhecidas, aquella com que o vasconço mostra alguma affinidade, é o magiar ou húngaro, como se mostrou nos trabalhos do príncipe Luciano Bonaparte, de Abbadie, de Charencey, e de outros. É por isso que A. H. Sayce se convenceu de que o vasconço pertence á família ugrò-altaica, que nós chamamos uralò-altaica.

A difficuldade das investigações sôbre o parentêsco do vasconço dimana, não só da falta de monumentos literários antigos[1], senão também da grande variedade dialectal que a língua apresenta. Os dialectos do vasconço podem, pelo menos, reduzir-se a três grupos:

---

[1] O mais importante é a versão do *Novo Testamento*, feita por João Liçarragua, e publicada na Rochella, em 1571, á custa do parlamento navarro.

1.º — *O biscaínho;*

2.º — o *soletano* e o *baixo-navarso;*

3.º — o *guipuscoano*, o *lebortano*, e o *alto-navarro*[1].

O vasconço é de um tipo exageradamente agglutinativo, e incorpora na raíz principal, não só os elementos que exprimem as relações, por nós expressas com a flexão, a declinação, etc., mas inda certas palavras, reduzidas a uma sillaba em muitos casos, para designar aumento, deminuição, abundância, má qualidade, excesso, falta, etc. E assim, *det* quer dizêr «eu tenho», *ditet* «eu as tenho», *dizut* «eu as tenho para ti», *at* «eu te tenho», *zaitustet* «eu vos tenho», *dispuizutet* «eu as tenho para vós»[2].

Entende Whitney que esta língua constitue a ponte, por onde se passa para os domínios lingüísticos do Novo-Mundo, visto que no Mundo-Antigo não há língua que tanto se parêça, na sua estructura, com as línguas americanas.

Um dos autôres que mais recentemente se têm oc-

---

[1] Dêstes dialectos, o *biscaínho*, o *guipuscoano* e o *alto-navarro* são falados em Espanha; o *labortano*, o *soletano* e o *baixo-navarro* são falados em França.

(*N. do tradutôr*).

[2] É abundante a bibliografia do vasconço; bastará porém indicar alguns dos mais conhecidos trabalhos, como os de Abbadie e Chaho, (*Études grammat. sur la lang. euskarienne*); Ribary, (*Essai sur la lang. basque*, trad. do húngaro por Vinso); Luc. Bonaparte, (*Remarques*); Charencey, etc.

*

cupado do vasconço, C. Giacomino[1], estabeleceu judiciosos confrontos, e acha admiráveis semelhanças do vasconço com o grupo hamítico, e especialmente com o egípcio e o copto; mas evita prudentemente o affirmar qualquer parentêsco.

§ 29.— As línguas da América. Tomamos em consideração todas as línguas das duas Américas conjuntamente, porque geralmente inda não fôram tão bem estudadas, que possam classificar-se em poucos grupos, e porque seguimos a prática dos glottólogos, para os quaes as línguas americanas são consideradas collectivamente.

Entre algumas línguas mais conhecidas e faladas em regiões menos distantes, têm-se observado pontos de contacto, que não podem ser casuaes, como os que se notam entre os grupos *algonquino*, *iroquês* e o *dacota*.

Mas há um carácter especialíssimo de affinidade, ao qual os doutos são obrigados a dar mais importância que á affinidade lexicológica ou fonética: é a parte psicológica daquellas línguas, isto é, a maneira commum de tratar e combinar o material lingüístico, de concebêr e exprimir as relações das ideias.

Segundo Frederico Müller, dêsde o cabo Horn, ao sul da Terra-do-Fôgo, até a região dos ésquimos, podem contar-se vinte e seis línguas ou vinte e seis grupos de línguas differentes, além da língua dos ésqui-

[1] *Delle relazioni tra il basco e l'egizio*, in *Arch. Glot. it.*,

mos, que é o *ínup*, e que se relaciona com essas línguas[1]:

1.º — O grupo *quenai*, ao noroéste da América.

2.º — O grupo *atapasco*, a léste do anteriôr, dêsde o Makenzie até a foz do Churchill, na baía de Hudson.

3.º — O grupo *algonquino*, ao sul da baía de Hudson, no Canadá e ao norte dos Estados-Unídos. Abrange uns trinta dialectos, entre os quaes se nota o *mohicano*, o *massachusset*, o *ottawa*, o *abenáqui*, o *menoméni*, etc.

4.º — O grupo *iroquês*, falado pelos indígenas do Estado de Nova-York, e nas margens meridionaes dos grandes lagos. Comprehende as línguas ou dialectos *omondango*, *neida*, *cajuga*, etc.

5.º — O *dacota*, no centro da América setentrional, occupando a maior planura de oéste.

6.º — O grupo *pâni*.

7.º — O grupo *apalache*, que comprehende o *cataba*, o *natchêz*, o *queróqui*, etc.

8.º — O *colóque*, a oéste da Nova-Bretanha.

9.º — O grupo *oregonês*, mais ao sul.

10.º —O grupo *californiano*.

11.º — O grupo *juma*, no baixo Colorado.

12.º — Os idiomas independentes da população indiana e do Texas, como o *zúni*, o *tégua*, etc.

---

[1] Outros separam das línguas americanas propriamente ditas, línguas holofrásticas ou incorporativas, as línguas hiperbóreas, agglulinativas, como o *ínup*, o *groenlandês*, o *camchadal*, o *aleúte*, etc.

*(N. do tradutôr.)*

13.º — Idiomas dos índigenas do México, como o *otómi*, o *tarasca*, o *zapoteque*, o *mame*, etc.

14.º — O grupo *azteque*, e as línguas dos índios do Colorado e de Utah, como o *cabita*, o *cora*, o *opata*, o *pima*, etc.

15.º — O grupo constituído pelo *maiá*, *quiché* e *huasteque* do Iucatão.

16.º — Os idiomas dos indígenas da América Central e Antilhas.

17.º — O *caraíba*, em Venezuela, e o *arevaco* na Goiana inglêsa e na hollandêsa.

18.º — O *tupi-guarani* ou *abanheenga*, no Brasil, Uruguai e Paraguai, e o *omágua*, idioma dos botocudos, que talvêz dêva constituír categoria especial.

19.º — Línguas dos Andes.

20.º — O *araucano* ou *chileno*.

21.º — O *guaicúru* e o *abipom*.

22.º — O *puelche*, na região dos Pampas.

23.º — O *teuélet*, idioma dos patagões.

24.º — Os idiomas da Terra-do-Fôgo e ilhas vizinhas.

25.º — O *chibcha*, na Colômbia.

26.º — O *quíchua* dos peruvianos, e o *aimará*, nas fronteiras do Peru e Bolívia.

§ 30. — A característica mais sensível de todas estas línguas é a sua estructura *incorporativa* ou *polisintética*, isto é, a absorpção, feita pelo verbo, de todas as partes da proposição. Por outra: cada proposição é um vocábulo compôsto, porque todos os elementos della se *incorporam* por elisão e contracção de sons; e os

que se não incorporam não têm relação sintáctica com ella.

Suppõi-se que a razão disto é, nos povos que taes linguas falam, a ausência absoluta de ideias geraes. No idioma *queróqui*, por exemplo, há 30 verbos para indicar os diversos modos de lavar, mas não há nenhum para designar a ideia de *lavar*, em sentido geral.

Póde até dizêr-se que o verbo não existe naquellas linguas: há muitas migalhas de fórmas verbaes, em que se inclue uma ideia verbal, mas não expressa nitidamente, separadamente. Um missionário protestante, que há muito se dedica aos dialectos algonquinos, (T. Hurlub), não hesita em affirmar que a uma só raíz verbal algonquina se podem applicar bem 17.000:000 de fórmas verbaes. Não só os substantivos e os adjectivos, mas até os advérbios e as preposições entram nessas fórmas, que, sem sêrem verbos, contêm a noção verbal.

Alguns têm distinguido nêstes fenómenos dois caracteres especiaes: a *incorporação*, isto é, a qualidade de reünir numa só palavra verbal o sujeito, o objecto e todas as outras possíveis determinações de ideia; e o *polisintètismo*, isto é, a aptidão para a composição indefinida das palavras, por meio de síncopes e ellipses. Mas, segundo Whitney, *incorporação* e *polisintètismo* são expressões sinónimas.

É tão importante o carácter da *incorporação*, que alguns linguïstas têm feito das linguas polisintéticas da América um tipo especial, diverso do monosillábico, do agglutinativo e do flexivo. Mas, se se toma como cri-

tério único da classificação lingüística a relação particular, em que os elementos significativos da ideia principal estão com os elementos que indicam as relações dessa ideia, claro é que as linguas polisintéticas devem entrar na categoria das agglutinativas, embora constituam ramificação especial desta categoria. Com effeito, a *incorporação* não é senão uma aggregação ou annexão interna de elementos, cada um dos quaes é reconhecido e está presente ao espirito de quem fala.

O facto da incorporação do sujeito e do objecto é a exageração de uma tendência que tem alguns vestigios nas linguas românicas. As fórmas portuguêsas *educámo-lo, criaram-nas,* são *incorporativas,* porque não só encerram o sujeito na palavra verbal, mas também o objecto e a relação da pessôa. A verdade porém é que, no português, as palavras incorporadas no verbo estão sempre ao fim dêste e são sempre pronomes, em quanto nas línguas americanas são também substativos, adjectivos e advérbios, que se intercalam no verbo. Geralmente, os nomes não existem ali, pois se exprimem por fórmas verbaes. Por exemplo: *casa* exprime-se por uma palavra que significa: *onde êlles vivem,* ou *êlles vivem aqui.*

A alludida caracteristica da *incorporação* ou do *polisintètismo* reconhece-se em quase todas as línguas da América, dêsde os ésquimos, no extremo norte, até o oceano antárctico. Apenas o grupo tupi-guarani do lado oriental da América-do-Sul parece, segundo C. T. Hartt, que não possue aquella caracteristica. Para os glottó-

logos porém é cômmodo considerar as línguas americanas num só complexo.

As tentativas que se têm feito, para descobrir affinidade entre as línguas do Novo-Mundo e as do Velho, têm sido infructuosas, e provavelmente continuarão a sê-lo. Aquellas línguas alteram-se de contínuo e rapidamente, a ponto que os três grupos algonquíno, iroquês e dacota, tendo dispôsto de material commum, já nada offerecem que possa servir para qualquer comparação lexicológica. ¿ Como se poderiam pois tentar confrontos com línguas, de que as incorporativas se teriam afastado há tanto tempo, que adquiriram diversa estructura grammatical? [1]

§ 31.—As línguas caucásicas, assim chamadas por se falarem na região do Cáucaso, dividem-se em dois grupos principaes: o setentrional e o meridional.

---

[1] Sôbre as línguas americanas, podem consultar-se: P. E. Duponceau, *Mémoire sur le syst. gram. des lang. d. quelques nations ind. de l'Amer. du Nord,* Paris, 1833; Pickering, *Ueber d. indian. Sprachen Amerikas,* Lípsia, 1834; Ludewig, *The literature of American oboriginal languages,* Londres, 1859; *Adam, Esquisse d'une gram. comp. des dialectos Cree et Chippeway,* 1876; Lacombe, *Diction. et gram. de la lang. des Crés,* 1874; Teza, *Saggi inediti di lingue americane;* Brinton, várias obras publicadas nos *Proceedings of the amer. philos. soc.* Podem vêr-se igualmente os relatórios e revistas de muitas sociedades filológicas americanas, especialmente a *Amer. dialect society,* a *Amer. Philol. Association,* etc.

O setentrional comprehende o *lésguio*, o *avárico*, o *chechence*, o *circassiano*, etc., o meridional abrange o *georgiano* ou *gruzínio*, o *suano*, o *mingrélio*, etc.

Nem a grammática nem as raízes destas línguas attestam affinidades com a família indò-europeia. O *georgiano* apresenta a flexão, mas por um processo de inversão ou de agglutinação de elementos. E assim é que êste dialecto fórma o plural, inserindo a síllaba *bi* ou *ni* entre a raiz e a desinência do caso. *Thavi*, (cabeça), faz o genetivo *thavisa*, e o plural *thavebi*, *thavebisa*.

Lenormant suppunha esta língua relacionada com o dialecto das inscrições cuneiformes de Van; mas os mais prudentes consideram o georgiano e todas as línguas do Cáucaso como línguas *sui generis*, inda não classificadas, ou, antes, como restos de velhas línguas, restos esparsos, que puderam perpetuar-se através de muitos séculos, conservando a sua integridade entre outras famílias, só porque estavam segregadas nas tranquillas arestas daquêlles montes, isto é, com identico motivo ao com que o gaélico se conservava nas montanhas da Escócia e o vasconço entre os Pirenéus [1].

---

[1] Occupou-se das línguas do Cáucaso A. Schiefner, *Awarische Texte*, San-Petersburgo, 1873; P. von Uslar's, *Kürinische Studien;* Brosset, *Élements de la langue géorg.* Paris, 1837; Loewe, *Diction. of the circass. lang.*, Londres, 1854; Klaproth, *Vocab. et gram. de la lang. géorg.*, Paris, 1827.

Quanto ao circassiano, talvêz se deva incluir nas línguas uralò-altaicas.

§ 32.— Parece que em época remotíssima, antes da chegada dos assírios a Babilónia, esta região foi habitada por um povo, chamado *povo de Accad*, que possuía a escrita cuneiforme, de que ao depois lançaram mão os povos semíticos.

Os accadianos, isto é, os *montanheses*, teriam vindo do país de Elam para Babilónia.

Segundo Lenormand [1], a língua dêstes povos primitivos, tal como se infere da escrita, cujo carácter primitivo era jeroglífico, parece que se deve relacionar com as uralò-altaicas, especialmente com o grupo finnò-húngaro, de que teria constituído a primeira fase. Sayce tentou relacioná-la com os outros grupos uralò-altaicos, e affirma que o accadiano é o mais velho exemplo de uma língua agglutinativa, apresentando-nos, para os estudos comparativos turanianos, uma base mais antiga do que a do *Rig-Veda* para os estudos comparativos indò-europeus [2].

§ 33.— Terceira fórma lingüística, a *flexão*.

---

[1] *Études accadiénnes*, nas *Lettres assyriologiques*, 1873.

[2] *Journal of Phibl.* vol. III, n.º 5, 1870 Frederico Müller opina diversamente; e nem êlle, nem Renan, nem Oppert duvidam de que o povo assírio precedeu o acadiano em Babilónia. A este povo chama Oppert *sumeriano*, e considera sinónimos os termos *acadiano e assirio*.

A característica desta fórma é a fusão completa do elemento substancial da palavra com o elemento formal, fusão que geralmente produz alteração na fórma dos dois elementos, e, por isso, também a omissão do significado originário do elemento formal.

Tal característica deparara-se-nos, em elevado grau, nas línguas indò-europeias e semíticas. Nas poucas páginas que seguem, esboçaremos a genealogia, a classificação e a extensão das principaes daquellas línguas.

§ 34.— A família *indò-europeia*, ou *árica*, ou *ariana*, tem, a todos os respeitos, grande importância para a sciência da linguagem.

As línguas desta família, entre os meios de expressão da raça humana, representam a culminância do progresso e da civilização, e tendem a dilatar-se por toda a face da terra, expungindo gradualmente todas as outras famílias lingüísticas.

Demais, as línguas áricas apresentam os mais amplos monumentos literários que, ininterruptamente, dêsde épocas remotíssimas, se estendem até nossos dias. O parentêsco entre todas essas línguas acha-se demonstrado pelos processos mais seguros, a ponto de se havêr até reconstruído a língua originária, ou língua-mãi, de que ellas, em tempos prè-históricos se teriam separado.

Até há pouco, podia dizêr-se que o terreno árico concentrava e monopolizava os estudos dos glottólogos. Hoje porém, começa a dar-se igual importância a todas as outras famílias lingüísticas, embora não apresentem tanta abundância e segurança de materiaes como as

nossas línguas, sôbre as quaes cada um de nós tem a faculdade de exercêr contraprova com a sua própria experiência e com o uso habitual de algumas dellas.

As famílias anáricas têm porém a vantagem inconcussa de não têrem sido inda exploradas por trabalhos scientíficos, pacientes e ininterruptos.

Em qualquer caso, não podemos estribar-nos apenas na história das línguas áricas, para deduzirmos della a história de todas as outras famílias e as leis geraes da linguagem. Certamente nos deve sêr predilecta a família árica, mas não deve constituir o que Sayce chama, com razão, *ídolo da glottologia*.

§ 35.—A região, em que primeiro habitaram os povos áricos, suppunha-se, até aqui há poucos annos, que fôssem os planaltos da Ásia central. Mas, ao mesmo tempo, comprehendia-se que a época, a que se referia a comparação scientífica, não era a de uma primitiva barbaria, porque de várias línguas áricas resultaram expressões relativas ao pastoreio, á agricultura, ás habitações, aos metaes, bem como a costumes especiaes e a uma espécie de organização de govêrno.

Quanto a affinidades recíprocas, notava-se, com razão, que o ramo irânico se distinguira do europeu, e que o ramo europeu, antes de se dividir nos vários sub-ramos da Europa, deveria têr uma fórma primitiva e commum [1].

[1] Fick, *Die ehem. Sprach. d. Indo-germ. Europas*, 1873.

Segundo Schleicher e Fick, a divisão nos dois alludidos ramos deveria têr-se realizado primeiro, realizando-se depois as várias divisões e sub-divisões.

Partindo do principio de que os árias eram asiáticos, trataram os glottólogos de indagar o roteiro dêlles, na sua emigração para a Europa. A rota, diziam, não foi a do deserto de Sagart, da Média, da Armênia e da Ásia-Menor, visto como nas línguas antigas destas regiões,— o accadiano, por exemplo, — não há vestígios áricos. Pelo contrário, o deserto de Sagart deveria sustêr-lhes a marcha, e fazê-los desviar para as margens setentrionaes do Cáspio, entrando as tribus emigrantes na Europa, pela Rússia.

Há trinta ou quarenta annos para cá, tem-se modificado a opinião dos que julgavam os árias procedentes da Ásia; e muitos hoje se inclinam a crêr que o bêrço dos nossos progenitôres foi antes a Europa central, donde, com o andar do tempo, teriam emigrado para a Ásia os indò-iranianos.

Quem primeiro aventurou tal hipótese foi o inglês Latham, na sua edição da *Germania* de Tácito, (1851), hipótese que, durante mais de vinte annos, foi mais ridiculizada que discutida, a ponto que, em 1874, Hehn inda dizia que ella era digna de um cérebro original, próprio do país das excentricidades.

Mas Whitney já punha em dúvida a velha opinião; e Benfey, prefaciando o *Vocabulário Comparativo* de Fick, exprimia já a convicção de que o confronto lingüístico demonstrava mais a origem europeia, do que a asiática, dos árias.

Pouco depois, Geiger[1] chegava ás mesmas conclusões, estabelecendo porém, como ponto de origem, não o norte do Mar-Nêgro, (opinião de Benfey), mas a Germânia central e occidental. Fundava-se êlle principalmente sôbre a concordância lingüística na designação dos nomes de plantas, próprias do Norte, como a faia, a cevada, o centeio.

Ao mesmo tempo, Cuno[2] sustentava a ideia de que os primitivos árias não formavam uma pequena tribu, mas um grande povo pastoril que divagaria nas immensas planuras da Europa setentrional, entre os montes Uraes e o Atlântico.

O certo é que a origem europeia dos árias é admittida pela maior parte dos autôres alemães, como, àlém dos citados, Fred. Müller, Spiegel, Lindenschmit, Schrader.

Por outro lado, fiéis á opinião tradicional, temos Hehn, Max Müller, e os americanos Hole e Morris. Mas Müller, que dantes julgava a Bactriana o ponto da origem dos árias, acabou por admittir, nêsse sentido, qualquer região da Ásia.

Em conclusão, e attendendo aos resultados obtidos por Schrader, que a tal respeito devemos pôr á frente, póde-se dizêr que dois pontos se liquïdaram; a primeira estância dos árias europeus, revelada pela paleontologia lingüística, devia sêr na Europa setentrional, se não central; a dos árias asiáticos, iranianos e in-

---

[1] *Zur Entwick. Menschh.*, p. 113 a 150.

[2] *Farschungen im Geb. d. alten Volkerk*, 1871.

dianos, formando um só povo, devia sêr nas margens do Jassarte.

Quanto á questão final, isto é, se os árias da Europa provieram dos asiáticos, ou se êstes provieram daquêlles, não são igualmente explícitas as conclusões de Schrader, e simplesmente nos levam a crêr que a primitiva raça árica, na época da sua unidade geográfica, ou quando ella vivia da caça e ainda não do pastoreio, se estendia por uma zona immensa, que se poderá imaginar limitada a léste pelo Jassarte e a oéste pelo Atlântico. A paleontologia lingüística apenas nos faz inclinar para a ideia de que a zona, em que vagavam os árias, sería a da neve e do gêlo, pois que os vocábulos, indicativos de taes objectos, são communs ás línguas áricas; e a glottologia parece mostrar que os árias indivisos tinham o mesmo grau de civilização, a que evidentemente se referem as construções lacustres da Suiça.

§ 36.— A grande família indò-europeia, a família árica, comprehende oito ramos: o *índico*, o *iránico*, o *hellênico*, o *itálico*, o *céltico*, o *germânico*, o *eslavo* e o *léttico* ou *lituano*[1].

---

[1] O autôr diz *tronco* o que eu represento por *família;* e diz *famílias* o que eu represento nos *ramos*. Esta modificação não altera essencialmente a doutrina do autôr, e harmoniza-se, quanto possível, com a classificação recente e autorizada, que Gonç. Vianna aceita e subscreve.

*(N. do tradutôr)*

Ao ramo índico pertence:

1.º — O antigo indiano, ou sânscrito *védico*, que é a mais antiga das línguas indò-europeias conhecidas, aquella em que se escrevêram os himnos religiosos que, ligados a uma literatura um tanto posteriôr, formaram os *Vedas*, os livros sagrados dos índios. No tempo dos himnos mais antigos, isto é, vinte séculos antes de Christo, os índios não occupavam inda a grande bacia do Ganges, mas simplesmente os valles do Indo, nas proximidades do Iran.

2.º— O *sânscrito* clássico, que é a língua clássica da poësia, da filosofia e da religião. Esta língua procedeu do sânscrito védico, depois que os índios occuparam todo o Industão e se organizou o brahmanismo. Nas escolas indígenas do clero brahmânico inda hoje se ensina o *sânscrito*, mas deixou de sêr língua corrente desde o século III antes de Christo, época de que temos inscrições pertencentes á fase posteriór do sânscrito, isto é, ao *prácrito*.

3.º— O *prácrito*. Esta língua deve considerar-se uma adiantada evolução do sânscrito, embora seja provável que ella existisse na linguagem popular, inda anteriormente ao século III antes de Christo [1].

Do *prácrito* derivaram as línguas modernas da Índia, (afóra as dravídicas, é claro), sendo principaes: o *hin-*

[1] A êste grupo de línguas índicas deverá adicionar-se o *pali*, a língua religiosa dos budistas.

(*N. do tradutôr*).

*di*, ou *sindi*, o *industani* ou *urdu*, o *panjabi*, o *nepali*, o *marata*, o *bengali*[1].

Deveremos mencionar aqui o dialecto ou os dialectos dos ciganos, embora êsses dialectos accusem a mescla de vários elementos, tirados das línguas dos povos, entre os quaes demoraram aquellas colónias errantes, que partiram da Índia no século XII ou XIII. Nêsses dialectos predominam elementos persas, armênios e grêgos [2].

§ 37.— Ramo *irânico*. Êste ramo tem estreitas relações com o índico, até pela proximidade das respectivas regiões; mas é desconhecida a língua fundamental, de que derivaram as outras línguas irânicas, não se podendo dizêr se o *zenda* derivou do *persa* antigo, ou êste do *zenda*. São as duas línguas mais antigas dêste ramo e presuppõem necessariamente um tronco commum, anteriôr. O *zenda*, ou *bâctrio*, é a língua da bíblia de Zoroastro, do instituïdor da religião do fôgo. Se os fragmentos do *Zend-Avesta* pertencem a *Zoroastro*, póde a antiguidade dêlles, segundo os cálculos mais discretos, remontar ao século X antes da nossa era. Do antigo persa, conhecido nas inscrições

---

[1] E acrescente-se: o *beluchi*, o *assami*, o *guzarate*, o *concani*, o *oriá*.

(*N. do tradutôr*).

[2] Entre êsses dialectos, cita-se o *caló* e o *romenho*. Cf. Adolfo Coelho, *Os Ciganos em Portugal*.

(*N. do tradutôr*).

cuneiformes, é bem determinada a época: pertencendo ellas ao tempo de Darío e, em geral, da dinastia dos aquemênidas, remontam portanto ao século v antes de Christo.

Os livros do *Zend-Avesta* ou, antes, os que existiam na idade-média, fôram então traduzidos numa língua persa, mesclada de elementos semíticos, e que se chama *pelevi* ou *huzuarexe*. Taes livros inda se conservam entre a colónia dos persas de Bombaim. Êstes descendentes dos antigos sectários de Zoroastro, e inda hoje adoradôres do fôgo, parece têrem-se refugiado naquella cidade, no tempo da invasão mahometana, (século x).

A língua, que mais legitimamente representa o *antigo persa*, é o *parse*, falado até o século x da nossa era, isto é, até a época, em que Firdusi escrevia o seu *Xanamé*, (livro dos reis), numa língua puramente árica, sem as mesclas semíticas do *pelevi*. De então para cá, a língua foi-se alterando successivamente, e foi-se mesclando de elementos semíticos, principalmente de elementos arábicos [1].

A êste ramo pertence também o *arménio*, cuja importante literatura remonta ao século v, e cujas inscrições antecedêram alguns séculos a nossa era. Depois do século XII, o armênio começou a scindir-se em vários dialectos, formando hoje dois grupos, o *oriental*, falado na Armênia, Pérsia, Índia, etc., e o *occidental* na Hungria, Polónia e Crimeia.

---

[1] Sôbre o *zenda* e o *persa antigo*, consulte-se Eug. Bournouf, Spiegel, Justi, etc.

Podemos inda incluir nas modernas línguas irânicas o *osseta*, falado numa parte do Caucaso; o *curdo*, no Curdistão; o *afgane* ou *pastó*, no Afganistão.

§ 38.—Ramo *hellênico*. Entre todas as línguas, que se falam na Europa, a que mais se avizinha do sânscrito é a *hellênica*, que conserva fielmente o sistema vocálico indò-europeu e a função das fórmas; pelo lado do consonantismo, avizinha-se especialmente do persa antigo e do zenda. Para tornar este ramo lingüístico importantíssimo, bastaria o facto de possuir as epopeias homéricas, que remontam a cêrca de 1000 annos antes de Christo. Não é dos ramos mais prolíficos ou diffusos: apenas se lhe liga o *albanês* ou *scipitar*, falado ao norte da Grécia e ao sul da Turquia. Se o *albanês* saíu do ramo hellênico, devia dar-se isso em épocas remotíssimas; e mais prudente é quem affirma, como Schleicher, Huhn, Camarda, que o albanês representa antigos dialectos em contacto com os dialectos grêgos e em longas e reciprocas permutações.

A língua propriamente *grêga* produziu certa variedade de dialectos, dentro do seu próprio e não extenso âmbito, dialectos que, em geral, não differem entre si, senão por simples razões fonéticas. São os conhecidos dialectos *eólico*, *dórico*, *jónico* e *áttico*.

Até o século III antes de Christo, cada autôr escrevia no seu próprio dialecto: Alceu e Safo no dialecto de Lesbos, que pertence ao eólico, falado na Ásia-Menor; Píndaro no dórico, falado em quase todo o Peloponeso, em Creta, Líbia, etc.; Homero e Hesíodo no

jónico antigo; Heródoto no jónico moderno da Ásia-Menor, das ilhas e de parte da Áttica; Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes, Tucídedes, Demóstenes e muitos outros, no áttico de Atenas.

O *áttico* tornou-se depois língua geral ou *dialecto commum;* e, falado por gente não grêga em terreno estranho á Grécia, alterou-se, produzindo o *alexandrino.*

A fase mais recente do ramo hellênico, fase posteriôr á quéda do império bizantino, é a do *romaico* ou *grêgo moderno,* se bem que, a par dêlle, haja vários dialectos locaes. O moderno *grêgo* literário não se distancia muito da língua clássica de há 2000 annos; e soffreu muito menos alterações que as línguas românicas em relação ao latim.

Quanto á extensão do moderno grêgo, fala-se êlle, não só na Grécia, senão também na Tessália, costas da Ásia-Menor, etc.

§ 39.—Ramo *itálico.* Êste ramo, de que há monumentos que remontam ao século III antes de Christo, é representado principalmente pelo latim, nas suas três fases de evolução, (latim *arcaico, clássico* e *romanço)* e pelo *osco, úmbrico* e *etrusco,* que devem considerar-se línguas irmans do latim, e procedentes de uma língua-mãi, mais antiga que todas ellas.

As línguas românicas ou novi-latinas, (*romena, italiana, ladina*[1], *provençal, francêsa, espanhola,*

[1] Os dialectos *ladinos,* vernáculos na Suiça, chamam-se também *romanches* e *grisões.* (*N. do tradutôr*).

*catalan*)[1], que surgiram do latim popular, constituem o objecto de uma disciplina, que participa da glottologia e da filologia, e que se chama *História comparada das línguas novi-latinas*, ou *Filologia românica*. e por isso não nos deteremos com ellas nêste logar, Demais, o latim, em especial, é tratado noutra disciplina, chamada *Filologia clássica*.

As outras línguas antigas do ramo itálico fôram há muito supplantadas pelo latim, a ponto de não ficarem dellas senão escassos monumentos. Do *úmbrico*, que se falava ao nordeste da península, temos as tábuas de bronze, conhecidas por *Tábuas eugubinas*, do nome do logar onde fôram achadas, (Gúbbio, antigo *Eugubium*). Do *osco*, que se falava ao sul, em Sâmnio e na Campânia, e ao qual podemos ligar o *sabéllico*, restam algumas inscrições importantes, como as tábuas de bronze de Água e de Bântia, e a pedra de Abella.

O *etrusco* constituiu, por muito tempo, um mistério para os doutos, que ora o relacionavam com um ramo lingüístico, ora com outro. Mas em 1814 foi finalmente demonstrado por Corssen que o etrusco pertence ao ramo itálico, como Lanzi já previra em 1789[2].

---

[1] Com mais segurança, incluem outros o *catalão* entre as línguas *provençaes* ou *romans*.

[2] À cêrca do etrusco, são muito recommendáveis os trabalhos de Deecke, Pauli, Bügge. A decifração das *Tábuas eugubinas* deve-se principalmente a Aufrecht e Kirchhoff.

§ 40.— Ramo *céltico*. São pouco conhecidos os antigos representantes dêste ramo, que se estendeu pela Gállia, Itália setentrional, Espanha e parte das ilhas britânicas.

As línguas célticas constituem dois grupos, o *cámbrico* e o *gaélico*.

O *gaélico* comprehende:

1.º— O *irlandês*. É língua importante, pelos monumentos que deixou nas glossas do século VIII, insertas em manuscritos latinos. O *irlandês* tende a desapparecêr sob a acção do inglês, mas inda é falado por 500:000 indivíduos.

2.º— O *erso*, inda hoje bem conservado, e falado ao norte da Escócia[1].

3.º— O *manquês*, dialecto da ilha de Man.

O grupo *cámbrico* abrange:

1.º— O *gallês*, que têve notável literatura na idade-média, e inda hoje é língua escrita no País de Galles.

2.º— O *córnico* ou *cornualhês*, que se falou em Cornualha, (Gran-Bretanha), e que também têve literatura, mas que se extinguiu há pouco mais de um século.

3.º— O *armórico* ou *baixo-bretão*, falado na Bretanha francêsa, apresenta tão poucas particularidades,

---

[1] Em vêz de *erso*, outros se servem da denominação *gael*.

(*N. do tradutôr*).

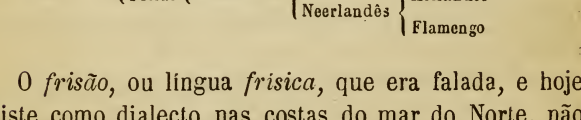
que parece têr sido importado por emigrantes do País de Galles [1].

§ 41.— Do ramo *germânico* conhecemos quatro secções, e não temos conhecimento da língua fundamental, nem de várias outras línguas que della derivaram e que há muito desapparecêram, como a dos vândalos, a dos hérulos, etc.

O ramo *germânico* comprehende pois:

1.°— O *gótico*, que se suppõi sêr a língua mais vizinha da língua germânica fundamental, e da qual temos uma tradução da Bíblia, feita pelo bispo Vulfila no século IV da nossa era. Esta língua extinguiu-se no século IX.

2.°— O *baixo-alemão*, ou *saxónio*, ou língua do norte, de que derivou o moderno *inglês*, o *platoiche* ou *baixo-alemão* moderno e o *hollandês*, segundo êste esquema genealógico:




O *frisão*, ou língua *frísica*, que era falada, e hoje existe como dialecto nas costas do mar do Norte, não têve ramificações como o seu collateral *saxão*, porque

---

[1] Póde juntar-se a êste grupo o antigo *gállio*, língua extinta, que se falou nas Gállias.

(*N. do tradutôr*).

o povo, que o falava, não abandonou a suas antigas regiões.

Do *saxão* antigo temos um poema do século IX, o *Salvadôr*, como temos um poema do *anglò-saxão*, no século VII.

O *inglês* tem um período antigo, que vai dêsde 1250 a 1350 aproximadamente, e em que havia grandes analogias com o *anglò-saxão*. De 1350 até meio do século XVI decorre um segundo período, *médio*, em que a língua se vai alterando gradualmente até o *inglês moderno*.

O *baixo-alemão* moderno ou *platoiche* é inda língua popular ao norte da Alemanha.

Quanto ao *neerlandês*, comprehende duas línguas muito próximas: o *hollandês*, falado por quatro milhões de indivíduos, e o *flamengo*, que é falado talvêz por dois milhões e meio.

3.º— O *alto-alemão*, que no centro da Europa occupa considerável extensão e é a língua literária da Alemanha. Podemos considerá-lo em três períodos: *antigo*, (dêsde o século VII ao XI), e que se chama também *tudêsco*, durante o qual os autôres escreviam cada qual no seu próprio dialecto; *médio*, (século XII a XVI), em que as antigas desinências vocálicas passam todas para *e*, e em que os autôres adoptavam as línguas das respectivas côrtes; e *moderno*, que começou com a Reforma e apresenta, como seu primeiro monumento literário, a tradução da *Bíblia* por Lutero.

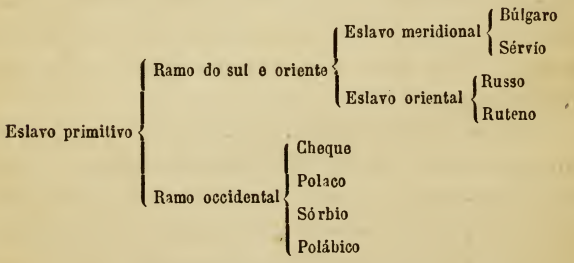
4.º— As línguas *escandinavas*, em que se contém o *islandês*, o *norueguês*, o *sueco* e o *dinamarquês*. A

mais alterada destas línguas, e que portanto representa uma fase mais moderna, é o *dinamarquês*. Pelo contrário, a menos alterada é o *norueguês*, que apenas possue literatura popular e está reduzida ao estado dialectal. O *islandês* representa o *norueguês*, na fórma, pouco mais ou menos, com que este idioma foi introduzido naquella ilha pelos colonos norueguêses[1].

§ 42.— Ramo *esclavónico*. São relativamente modernos os monumentos das línguas dêste ramo. A mais antiga fórma que conhecemos dessas línguas é o *eslavo litúrgico* ou *ecclesiástico*, o qual, segundo Schleicher, representa apenas a fase antiga do búlgaro.

Qualquer classificação das línguas esclavónicas tem apenas valôr teórico, porque provavelmente essas línguas são apenas collateraes umas das outras, tendo-se formado individualmente, pouco a pouco.

É costume representar-se a classificação destas línguas no seguinte esquema:




[1] Schleicher, *Die Deutche Sprache*. Stuttgard, 1869.

Destas línguas, o búlgaro é que tem monumentos mais antigos, entre os quaes uma tradução da Bíblia, feita no século IX, e se tornou língua litúrgica de toda a secção eslava da Igreja grêga.

O *russo*, propriamente dito, tem uma fórma literária e uma fórma popular. São do século XI os seus monumentos mais antigos, narrações épicas; mas, como língua literária, foi no seculo XVIII que assumiu grande regularidade e desenvolvimento.

O *polaco* é falado nas regiões da antiga Polónia, por cêrca de déz milhões de indivíduos.

O *cheque* fala-se na Bohémia e na maior parte da Morávia, e tem monumentos literários do século VIII.

O *polábico*, isto é, o eslavo do Elba, póde dizêr-se extinto. O *sórbio* tende a desapparecêr também; e o *sérvio* ou *croata* estende-se pela Sérvia, Croácia, Dalmácia, Bohémia, Herzegovina, Montenêgro, etc.

§ 43.— O ramo *léttico* ou *eslavò-lituano* era representado dantes pelo *prusso* antigo, pelo *lituano* e pelo *lettão* ou *léttico*. Tendo desapparecido o *prusso* há dois séculos, só o *lettico* e o *lituano* representam hoje aquêlle ramo.

Embora os documentos literários destas línguas não antecêdam o século XVI, entende Schleicher que êlles, entre todos os da Europa, são os que mais fielmente reflectem o antigo tipo commum indò-europeu. O *lituano* é falado por 200:000 alemães e um milhão e trezentos mil russos. O antigo *prusso* falava-se na costa do Báltico.

§ 44.— Família *semítica*. Os povos semitas tiram o nome de *Sem*, de quem descendem, segundo a genealogia bíblica, e comprehendem o grupo *arábico*, o *hebraico* e o *aramaico*[1].

As línguas semíticas apresentam taes particularidades de estructura, que constituem, entre as demais línguas, o núcleo lingüístico mais seguro e caracterizado. As caracteristicas essenciaes, a que nos referimos, são duas: o *triliterismo* das raízes, e a *flexão interna*, realizada pela mudança das vogaes entre as consoantes.

Se de qualquer palavra semítica, excepto os pronomes, eliminarmos todos os elementos formaes, fica uma raíz, composta de três consoantes sem vogal nenhuma. Estas três consoantes encerram a ideia principal ou substancial, e permanecem sempre intactas, por maior que seja a variedade das fórmas, das quaes constituem a base ou esquelêto interno.

As relações dos conceitos, isto é, os tempos, os modos, as pessôas, e também a significação activa ou passiva dos verbos, são expressas por meio de vogaes, intercaladas naquellas consoantes. Tomemos como exemplo o árabe, que possue em larga escala esta característica, aliás commum ao hebraico e ao aramaico: No árabe, a ideia de *matar* é representada por *q-t-l*. E, assim, *qatala* significa «êlle mata», *qataltu* «eu matei»,

---

[1] Outros incluem o grupo *hebraico* no *aramaico*.

*(N. do tradutôr).*

*qatolat* «ella matou», *qataltuma* «vós ambos matastes», *qatalnâ* «nós mataremos». Com a inserção da vogal *u*, obtém-se a passiva: *qutila* «êlle foi môrto,» etc. Com outra mudança, obtém-se outra significação verbal: *aqtala* «êlle fêz matar». O imperativo é (*u*) *qtul* «mata tu»; o infinitivo é *qatl* «matar»; o substantivo verbal *i-qtal* «matadôr»; o participio presente *qâtil* «matando»; e os substantivos *qitil* «inimigo», *qutl* «sanguinário».

Em compensação da escassêz de tempos verbaes, há nas línguas semíticas a tendência para exprimir com uma só raiz as differentes significações reflexivas, causativas, optativas. Por isso, observa F. Müller que o verbo semitico poderá conjugar-se em quinze fórmas de temas. *Kataba*, «êlle escreveu», é a fórma simples, *kattaba* é fórma reforçativa; e depois uma série de fórmas derivadas, por meio de prefixos causativos, reflexivos, etc.

Quanto á declinação, os nomes só admittem três casos,— o nominativo, o genitivo e o accusativo, que se conservam no árabe, a língua menos alterada da respectiva família.

A família semitica apresenta escassas differenças dialectaes, não só em virtude do carácter especial do povo, senão tambem como resultado da íntima estructura da língua ou das bases da palavra, as quaes não são, como nas línguas áricas, constituídas por uma simples vogal ou por uma síllaba, mas, sim, por três consoantes, que fórmam, por assim dizêr, um sistema ósseo resistentissimo.

§ 45.—O grupo *aramaico* comprehende o *caldaico* ou *caldeu*, ou *caldeu-siríaco*, e o *assírio*, línguas pouco differentes entre si, e que por isso se poderiam designar pelo nome commum de *arameu*.

O *caldeu* foi adoptado pelos judeus no cativeiro de Babilónia, e, embora conservassem o conhecimento da sua língua sacra, transportaram aquella consigo para a Palestina. O livro de *Daniel*, por exemplo, contém longos fragmentos caldaicos. A língua de Jesus e dos seus discípulos foi o caldeu, língua usada então pelos judeus [1].

O siríaco falou-se na Mesopotâmia e na Síria, e inda hoje o falam, embora corruptamente, os nestorianos de Curdistão.

O *assírio* é a língua em que se escreveu o texto da terceira coluna das inscrições cuneiformes dos aquemênidas.

A interpretação destas inscrições custou muito trabalho á sciência; e, como o alfabeto cuneiforme é diverso do alfabeto semítico ordinário, por muito tempo se rejeitou a ideia de que tal alfabeto tivesse alguma coisa de comum com uma língua semítica.

Mas os trabalhos de Rawlinson desvendaram finalmente a verdade occulta, e o assírio foi inscrito definitivamente entre as línguas semíticas. O mesmo Rawlinson descobriu muitas inscrições em lâminas de

---

[1] O caldeu propriamente dito era falado em Babilónia. A língua dos judeus, em tempo de Jesus, era o caldeu-siríaco, ou, simplesmente, o siríaco.

(*N. do tradutor*).

tijôlo, guardadas hoje no Museu Britânnico. Estas inscrições tratam dos mais variados assuntos. Há contratos de empréstimos em dinheiro, com juros mensaes, (667 antes de Christo); há contratos de compra e venda, (692 antes de Christo), sendo o *mana* assírio a unidade do pêso do oiro e da prata. Segundo as mesmas inscrições, o arameu, dêsde o reinado de Tiglath Pileser[1], (745 antes de Christo) tornou-se a língua commercial de toda a Assíria. Pouco antes da nossa era, o arameu tinha supplantado completamente o assírio, como êste ao depois foi supplantado por outra língua semítica, o árabe.

§ 46.— O grupo *hebraico* é representado pelo *hebreu*, pelo *fenício* e pelo *púnico* [2].

O *hebreu* propriamente dito, ou *hebreu bíblico*, é a língua que foi falada e escrita na Palestina, dêsde os tempos de Moisés até os tempos de Neemias e dos Macabeus, embora com modificações importantes e misturas do siriaco, especialmente depois do cativeiro de Babilónia.

Segundo Ewald, o hebreu passou por três períodos:

---

[1] Tiglath Pileser ou, antes, Tuklat-Habal-Asar II, conhecido na *Biblia* por *Phul* e *Teglath Phalasar*, reinou dêsde 745 a 727 antes de Christo, e foi o chefe de uma dinastia que findou logo em 722, com o advento dos sargónidas. *(N. do tradutôr).*

[2] Segundo outros, o *fenício* e o *púnico*, como o hebreu, são membros do grupo aramaico.—*(N. do tradutôr).*

o dos tempos de Moysés, o do tempo dos Reis, e o que veio dêsde o século VII ao V antes de Christo. Cedeu depois o logar ao grêgo, língua da civilização oriental, e foi por fim aniquïlado pelo árabe, (século VII da nossa éra) [1].

Entre os dialectos da Palestina, mencione-se ao menos o *samaritano*.

O *fenício* é mal conhecido, mas as inscrições e moédas, que o representam, e que não remontam a uma afastada antiguidade, mostram que é affim do hebreu.

Parece que os fenícios habitaram as regiões cananeias, antes que Josué (cêrca de 1300 antes da nossa era) invadisse a Palestina e os repellisse para a beira do mar.

Os raros fragmentos, que se conservam do fenício, não permittem avaliar a influência que êlle recebeu das línguas que o rodeavam. Vê-se porém que êsses fragmentos pertencem a uma língua collateral da hebraica e apresentam infiltrações aramaicas [2].

O *púnico*, a língua dos cartaginêses, foi primitivamente o *fenício* da África, idêntico ao da Ásia; depois, foi-se alterando, produzindo outro dialecto, o *neo-púnico*, de que restam monumentos em Tunes e na Argélia oriental, monumentos bastante escassos, porque os

---

[1] Cumpre entretanto lembrar que o siríaco era a língua da Judeia nos tempos de Christo. Além do *hebreu biblico*, há o *hebréu rabbínico* ou *talmúdico*, em que está escrito o Talmud e que inda é cultivado por judeus eruditos.—(*N. do tradutôr*).

[2] Schroeder, *Die phoenizische Sprache*, 1869.

romanos faziam todos os esforços para obliterar quaesquer vestigios da civilização dos seus rivaes.

§ 47.—O grupo *arábico*. A admirável fixidêz das línguas semíticas revela-se principalmente no árabe. O árabe dos tempos de Mafoma, (fins do sécuio VI), é o árabe da época anteriôr e quase o mesmo que hoje apparece no uso literário. O *Alcorão* não foi todo escrito numa época; certos fragmentos fôram escritos pelos successôres de Mafoma, recebendo o livro a última demão em tempo do califa Otman, (644-656), e estabelecendo-se assim a preponderância do dialecto coraichítico, que se falava ao centro da Arábia.

Anteriôres ao *Alcorão*, temos poësias populares, que descrevem a vida do deserto, e que se denominam *poësias suspensas*, por estarem assim expostas em Meca.

O árabe póde considerar-se dividido em dois ramos: o setentrional ou *ismaelítico*, e o meridional, a que pertence o *himiárico* ou *himiarítico*, e o *geêz* ou *etíope*.

O árabe *coraichítico* e *ismaelítico* desenvolveu-se extraordinariamente, substituindo todas as outras línguas semíticas da Ásia Menor e da África setentrional, e infiltrando-se no turco, no persa, no malaio, e até nas línguas novi-latinas da Sicília e da Espanha.

Não obstante distinguir-se o árabe pela sua tenaz conservação dos sons, das palavras e das fórmas, algumas variantes tem recebido com o tempo. O árabe vulgar, por exemplo, não conservou as fórmas dos casos dos nomes, que substitue por preposições e também

pela conveniente collocação das palavras. É certo porém que a chamada língua literária se póde considerar a língua antigamente falada[1].

Um dos vulgares dialectos arábicos é o *maltês*, que a final se tornou híbrido, por infiltrações estranhas, mòrmente do italiano.

Outro era o *mosarábico*, que se falou ao sul da Espanha.

No segundo ramo do árabe, temos o *himiárico*, a velha língua da Arábia meridional, que foi supplantada pelo árabe do norte, deixando todavia vestígios em numerosas inscrições e talvêz uma língua vernácula do extremo sul da Península; e temos o *geêz*, que devia sêr falado no reino de Axum, nos primeiros tempos da conversão da Abissínia ao christianismo, (335). Depois, conservou-se como língua litúrgica. Quando em 1300 a séde do govêrno passôu para Chiôa, o *amárico* ou *amarinha*, que se falava na próxima província de Amhara, tornou-se língua da côrte e dos nobres, e é a que inda hoje se fala nas duas províncias de Amhara e Chiôa.

Mas o legítimo successôr do antigo *geêz* é o *tigré* ou *tigrino*, que se fala na região onde se falava o *geêz*, o qual inda se prefere na escrita, servindo o *tigré* para a linguagem falada.

Ao mesmo ramo meridional do árabe pertencem

---

[1] Renan, *Hist. gen. et syst. comp. des lang. sem.*, Paris.

inda outras línguas, como o *harari*, o *argoba*, o *gurazo*, etc.

De todas estas línguas, o *amárico* é a que mais tende a dilatar-se, sendo já hoje falada pelos abexins, pelos gallas e por outros povos da África oriental.

FIM

# INDICE


PAG.

Notula prévia . . . . . 5
Prefácio. . . . . 9
Bibliographia . . . . . 13

CAPÍTULO I

Noções fundamentaes

SUMMÁRIO: — Língua e linguagem. — Língua e dialecto. — Glottologia. — Sua definição. — Seu conteúdo. — A Grammática comparada. — Differença entre a glottologia e a filologia. — Se a glottologia é sciência natural ou histórica. — Seu método, base e importância . . . . . 29 a 53

CAPÍTULO II

Desenvolvimento histórico e sistemático da sciência da linguagem

SUMMÁRIO: — Origem da sciência da linguagem, invenção do alfabeto fonográfico. — Os missionários reúnem os primeiros materiaes. — Os precursôres, (Leibnitz, Hervas, Adelung e outros). — Descobrimento da unidade da família indo-europeia, (Filippe Sasseti,

Will. Jones, Fred Schlegel).—O verdadeiro fundadôr é Bopp; a sua grammática e o seu método de investigação.—Will. von Schlegel.—Jacob Grimm, e a lei da rotação dos sons, descoberta por elle; Er. Rask e Eug. Burnouf.—Alguns sectários de Bopp.—Aug. Schleicher.—G. Curtius, G. J. Ascoli.—Os novi-grammáticos, Scherer, Leskien, Brugman, Ostoff, M. Müller, W. D. Whiteney, A. K. Sayce.—Critica dos princípios dos novi-grammáticos; P. Regnaud.—Estudos sobre vários ramos especiaes do tronco indò-europeu.—Glottologia semítica.—Se existem relações entre os troncos indò-europeu e semítico.—O egipcio.—O que são os grupos lingüísticos.—Trabalhos sobre as línguas africanas em geral.—Noções históricò-bibliográficas sobre a glottologia banta.—O chinês. . 55 a 111

## CAPÍTULO III

### Fisiologia da linguagem

SUMMÁRIO:—Se a linguagem tem localização cerebral.—A faculdade da linguagem é peculiar ao homem.—Se é preciso chamar «articulada» a linguagem.—Ideias de Haekel e dos evolucionistas sôbre a origem da linguagem articulada.—Dos sons em geral; o laringoscópio; voz e palavra.—Descobrimento de Helmholtz sôbre a differença dos timbres, e descobrimento do mesmo e de Donders sôbre o diverso grau musical das vogaes.—Estructura do orgam vocal; a laringe; a glotte; as cordas vocaes constitutivas do côrpo vibrátil do instrumento.—O agente motôr dêsse instrumento; a traqueia.—A região faringò-laringea.—Região da bôca e do nariz.—Funcionamento do orgam vocal, o qual se aproxima dos instrumentos músicos de lingüêta.—Máquinas falantes de Weatstone e Faber. Larynge artificial de Gussenbauer.—Como actuam na fonação as diversas partes do orgam.—For-

mação dos sons da linguagem. Elementos geraes da palavra; ideias à cêrca do alfabeto fisiológico. — As vogaes. — Os ditongos e as vogaes nasaladas. — Filogênese e classificação fisiológica dos ruidos glótticos, que constituem as chamadas consoantes. — Série especial, vibrante e contínua ou resonante. — As articulações labiaes. — As articulações linguò-apicaes. — As articulações linguò-dorsaes. — Princípios que devem regular qualquer sistema de transcrição. — Sistema genético das vogaes e das consoantes. — Necessidade de applicar o alfabeto fisiológico, mòrmente na representação das raízes. A determinação do valôr fonético e fisiológico de certos sinaes antigos resolve muitas dúvidas e controvérsias . . . . . 113 a 164

## CAPITULO IV

### As raízes e a origem da linguagem

SUMMÁRIO: — Importância do assunto. — O que são raízes. — Se as raízes fôram faladas. — O descobrimento das raízes constitue uma glória da lingüística. — Comparações com as línguas dos selvagens. — No indò-europeu, as raízes representam o primeiro estádio da linguagem. — Se, ao menos quanto ás línguas áricas, será admissível a ideia da evolução nos três estádios, — monosillábico, representado pelas raízes, agglutinativo e inflexivo. — Classes das raízes, segundo Bopp e Fick. — Fórma das raízes, segundo os antigos glottólogos. — Raízes das raízes. — Raizes primárias e secundárias. — Elencos das raízes indò-europeias. — Elencos das raízes sanscríticas. — Valôr das raízes — Relação da sua origem com a origem da linguagem. — Modos de explicar a divisão em várias familias. — A estratificação da linguagem — Ideias de vários glottólogos sôbre a origem da linguagem. . . 165 a 196

## CAPITULO V

### As fórmas concretas de linguagem. — Classificação e descrição das linguas

SUMMÁRIO: — Ideias geraes sôbre a classificação. — Classificação morfológica de Schlegel. — Modificações introduzidas nessa classificação por Bopp e Pott. — Classificação fisiológica de Steinthal. — Ideias e propostas de R. Bonghi, para uma classificação baseada no verbo. — Classificação de La-Grasserie, reünindo todos os criterios fonéticos, psicológicos e morfológicos. — Porque é que se póde seguir a classificação nas três categorias, (monosillábica, agglutinativa e flexiva). — Primeira fórma lingüistica, o monosillabismo. — Segunda fórma, a agglutinação. — O chinês — O annamita, o siamês, o bermano, o tibetano. — Segunda fórma, a agglutinação. — Grupo hotentò-boximane. — As linguas dos nêgros africanos. — Familia banta. — Grupo hamitico. — Grupo nubó-fula. — Familia malaiópolinésica, sua divisão e extensão. — Semelhança entre as linguas destas familias. — Affinidades lexicológicas. — As linguas dos papúas e da Austrália. — O japonês. — Familia dravídica. — Familia uralò-altaica, ou scitica. — Ramo uralo — Ramo altaico. — Affinidades reciprocas. — O vasconço. — As linguas incorporativas da América, sua enumeração. — Caracteres destas linguas. — Linguas do Cáucaso. — O accadiano. — Terceira fórma, a flexão. — Troncos indó-europeus. — Qual a primitiva séde dos árias; investigações recentes a tal respeito. — Ramo indiano. — Ramo irânico. — Ramo hellênico. — Ramo itálico. — Ramo céltico. — Ramo germânico. — Ramo eslavo. — Ramo lético. — Tronco semitico, seus caracteres geraes — Ramo arâmico. — Ramo hebraico. — Ramo arábico. . 197 a 275

BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY

3 1197 21380 2843

Date Due

All library items are subject to recall at any time.

DEC 1 0 2012

Brigham Young University